

UNIVERSIDADE ABERTA



**O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO
INICIAL DOS EDUCADORES DE INFÂNCIA**

ESTUDO DE CASO

Vanessa Belo Serpa

Mestrado em Supervisão Pedagógica

2017

UNIVERSIDADE ABERTA



**O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO
INICIAL DOS EDUCADORES DE INFÂNCIA**

ESTUDO DE CASO

Vanessa Belo Serpa

Mestrado em Supervisão Pedagógica

Dissertação orientada pela Professora Doutora Susana Henriques

2017

AGRADECIMENTOS

UM AGRADECIMENTO ESPECIAL:

À Professora Doutora Susana Henriques, Orientadora desta dissertação, por me ter acompanhado nesta jornada e por todo o apoio e disponibilidade sempre revelada.

Às Educadoras Cooperantes e respectivas Estagiárias, que se disponibilizaram para fazer parte deste estudo.

Aos meus pais, Rogério (*in memorian*) e Edite, por serem grandes exemplos de persistência.

Ao meu marido, Paulo, pelas palavras de incentivo e dedicação.

Aos meus queridos filhos, Sofia e Diogo, que com o seu nascimento fizeram perpetuar no tempo a entrega desta investigação. Espero que, finda esta etapa, possa agora compensar, de alguma forma, os meus momentos de ausência com todo o carinho e dedicação que eles merecem.

A todos, os meus mais sentidos e reconhecidos agradecimentos

RESUMO

Este trabalho de investigação, desenvolvido no âmbito do Mestrado em Supervisão Pedagógica, oferecido pela Universidade Aberta, produto de uma busca incessante de informação, tem por intuito analisar e procurar entender qual o impacto dos estágios supervisionados na formação inicial dos educadores de infância. Tendo em conta o conjunto de diversos fatores que influenciam as práticas pedagógicas, este estudo procurará clarificar alguns aspetos inerentes aos mesmos.

Deste modo, o objetivo geral desta investigação é analisar a relevância dos estágios pedagógicos para o processo de formação dos futuros educadores de infância e qual o contributo/influência dos/as educadores/as cooperantes, enquanto supervisores/as neste processo.

Delineamos, com este fim, alguns objetivos específicos: Conhecer a realidade atual do curso de mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico oferecido pela Universidade dos Açores; Compreender o plano implementado pela Instituição, no que concerne às práticas pedagógicas; Perceber se existe um apoio por parte das educadoras cooperantes; Compreender qual a articulação existente entre os diversos agentes formativos; Conhecer o regime de avaliação dos formandos.

Optámos por um estudo de natureza qualitativa, tendo, para o efeito, selecionado como população-alvo os alunos do mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, no ano de 2014/2015 da Universidade dos Açores - Pólo de São Miguel, Região Autónoma dos Açores, e as respetivas educadoras cooperantes. A recolha de dados foi efetuada através da realização de entrevistas semiestruturadas, tanto aos alunos, como às educadoras cooperantes. Como principais resultados, pudemos concluir a existência de uma fraca articulação entre as Educadoras Cooperantes e a escola de formação, assim como uma supervisão quase nula, por parte dos orientadores da universidade, aos alunos estagiários. Por sua vez, a relação estabelecida entre os estagiários e a Educadora Cooperante foi, em geral, boa, sendo esta fundamental para uma prática de supervisão favorável.

Palavras-chave: Prática Pedagógica, Supervisão Pedagógica, Formação Inicial, Educadores de Infância, Educadores Cooperantes.

ABSTRACT

This research, developed under the Master in Educational Supervision, offered by Universidade Aberta, the product of a relentless pursuit of information, is meant to analyze and try to understand what impact the teaching practice in the initial training of early childhood educators. Given the diverse set of factors that influence pedagogical practices, this study will seek to clarify some aspects inherent to them.

Thus, the general objective of this research is to analyze the relevance of teaching practice for the process of formation of future early childhood educators and what contribution/influence of the educators/cooperating teachers, while supervisors of this process.

Outlined, for this purpose, some specific objectives: know the current reality of the master's degree course in Pre-primary and Secondary Education offered by the University of the Azores; Understand the plan implemented by the Institution, regarding pedagogical practices; Understand if there is support from cooperating educators; Understand the link between the various training agents; To know the evaluation regime of trainees.

We opted for a qualitative study and to this effect, the target population selected as student of the Master's degree in Pre-primary and Primary Education, in the year 2014/2015 of the University of the Azores - São Miguel, Autonomous Region of the Azores, and their respective educators. Data were collected through semi-structured interviews, both to the students and the cooperating educators. As main results, we could conclude that there is a weak articulation between the Cooperating Educators and the training school, as well as almost no supervision by the university advisors to the trainee students. In turn, the relationship established between the trainees and the Cooperating Educator was generally good, and this is fundamental to a favorable supervision practice.

Keywords: Pedagogical Practices, Supervision, Initial Training, Kindergarten Teachers, Cooperating Teachers, Tutorials.

ÍNDICE GERAL

AGRADECIMENTOS	II
RESUMO	III
ABSTRACT	IV
ÍNDICE GERAL	V
ÍNDICE DE QUADROS	VII
ÍNDICE DE FIGURAS	VIII
LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS OU ACRÓNIMOS	IX
ÍNDICE DE ANEXOS	X
INTRODUÇÃO.....	11
1. LINHAS GERAIS DO ENQUADRAMENTO TEÓRICO	13
1.1. Enquadramento geral	14
1.2. Enquadramento conceptual da supervisão	14
1.2.1. Intervenientes no processo de supervisão.....	15
1.2.2. Principais modelos da supervisão.....	15
1.2.3. O ciclo da supervisão.....	16
1.2.3.1. Importância da observação no ato de supervisão	18
1.2.3.2. A orientação no ciclo de supervisão.....	18
1.2.3.3. Avaliação no contexto de supervisão	19
1.2.4. Papel do supervisor.....	21
1.3. Educação pré-escolar	23
1.3.1. Orientações curriculares para a educação pré-escolar.....	24
1.3.2. Estágio supervisionado na formação inicial de educadores de infância...	28
1.3.3. Formação contínua de educadores.....	30
1.3.4. Papel do aluno estagiário	30
1.3.5. Papel dos educadores cooperantes.....	32
1.3.6. Papel do supervisor institucional da escola de formação	33
2. METODOLOGIA	35
2.1. Enquadramento geral	36
2.2. Objetivos do estudo e questões da investigação	36
2.3. O contexto da investigação	37
2.4. População alvo/ amostra	37
2.5. Método de investigação	37

2.6.	Instrumentos da Investigação.....	38
2.7.	Faseamento da investigação.....	39
3.	APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	41
3.1.	Enquadramento geral	42
3.2.	Apresentação da análise de conteúdo das entrevistas	42
3.2.1.	Análise das entrevistas efetuadas às Educadoras Cooperantes	42
3.2.2.	Análise das entrevistas efetuadas aos Estagiários/as.....	61
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
	Conclusões	88
	Limitações e sugestões para futuros estudos.....	93
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	95
	ANEXOS.....	99

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 4.1: Caracterização das Educadoras Cooperantes entrevistadas	43
Quadro 4.2: Relação da Instituição de Formação e os Educadores Cooperantes.....	43
Quadro 4.3: Funções do Educador/a Cooperante no processo de supervisão durante o estágio de Educação de Infância.....	46
Quadro 4.4: Processo de supervisão pedagógica durante o estágio em Educação de Infância.....	49
Quadro 4.5: Forma como os Educadores Cooperantes se relacionam e cooperam com as estagiárias durante a prática pedagógica	53
Quadro 4.6: Preparação profissional do/a estagiário/a no fim do curso de Educação de Infância.....	55
Quadro 4.7: Formas de melhoria da supervisão pedagógica na formação em Educação de Infância	58
Quadro 4.8: Caracterização dos/as estagiários/as entrevistados/as	61
Quadro 4.9: Informação geral sobre o Curso	62
Quadro 4.10: Processo de formação – Estágio Pedagógico no Pré-Escolar.....	67
Quadro 4.11: Papel do Supervisor/a da Universidade.....	76
Quadro 4.12: Papel do Educador/a Cooperante.....	78
Quadro 4.13: Preparação profissional do estagiário/a.....	82

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 2.1: Ciclo de Supervisão	16
Figura 2.2: O Papel do Supervisor	22

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS OU ACRÓNIMOS

CEB (Ciclo do Ensino Básico)

EC (Educadora Cooperante)

IF (Instituição de Formação)

NEE (Necessidade Educativas Especiais)

UAç (Universidade dos Açores)

ÍNDICE DE ANEXOS

ANEXO 1 - Guião da Entrevista realizada ao/à Educador/a Cooperante	100
ANEXO 2 - Guião da Entrevista realizada à/ao Estagiária/o	105
ANEXO 3 - Entrevista realizada ao/à Educador/a Cooperante – A	110
ANEXO 4 - Entrevista realizada ao/à Educador/a Cooperante – B	121
ANEXO 5 - Entrevista realizada ao/à Educador/a Cooperante – C	132
ANEXO 6 - Entrevista realizada ao/à Educador/a Cooperante – D	143
ANEXO 7 - Entrevista realizada à/ao Estagiária/o – A1	154
ANEXO 8 - Entrevista realizada à/ao Estagiária/o – A2	164
ANEXO 9 - Entrevista realizada à/ao Estagiária/o – B1	173
ANEXO 10 - Entrevista realizada à/ao Estagiária/o – B2	183
ANEXO 11 - Entrevista realizada à/ao Estagiária/o – C1	191
ANEXO 12 - Entrevista realizada à/ao Estagiária/o – C2	201
ANEXO 13 - Entrevista realizada à/ao Estagiária/o – D1	210
ANEXO 14 - Entrevista realizada à/ao Estagiária/o – D2	219
ANEXO 15 - Programa da unidade curricular de Estágio Pedagógico I	227
ANEXO 16 - Ficha de Avaliação da Lecionação	237
ANEXO 17 - Ficha de Avaliação da reflexão	239
ANEXO 18 - Ficha de Avaliação da Planificação	241

INTRODUÇÃO

Este projeto de investigação surge da vontade de procurarmos saber o que pensam os alunos sobre os moldes em que se processam as práticas pedagógicas, como reagem a essas práticas e procurámos também compreender melhor o papel do educador cooperante nos processos de ensino, aprendizagem e avaliação.

Neste sentido, questionamo-nos se a formação inicial de educadores de infância e a atividade de supervisão da prática pedagógica dos formandos, são vistas como um reforço do processo de aprendizagem dos estagiários, como uma perspetiva de orientação e avaliação das práticas pedagógicas e de que forma é visto o papel dos professores cooperantes neste processo de supervisão.

Tendo em conta o exposto, o nosso objeto de estudo consistiu na análise da relevância dos estágios pedagógicos para o processo de formação dos futuros educadores de infância e qual o contributo/influência dos/as educadores/as cooperantes, enquanto supervisores/as neste processo.

Delineamos, com este fim, alguns objetivos específicos: Conhecer a realidade atual do curso de mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, oferecido pela Universidade dos Açores, debruçando-nos na vertente de Educação de Infância, procurando compreender o plano implementado pela Instituição, no que concerne às práticas pedagógicas; Aferir a existência de um apoio por parte das educadoras cooperantes; Compreender qual a articulação existente entre os diversos agentes formativos; Conhecer o regime de avaliação dos formandos da Licenciatura de Educação de Infância.

Optámos por um estudo de natureza qualitativa, tendo, para o efeito, selecionado como população-alvo os alunos mestrados do curso Educação Pré-escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, vertente de Educação de Infância, no ano de 2014/2015 da Universidade dos Açores - Pólo de São Miguel, Região Autónoma dos Açores, e as respetivas educadoras cooperantes.

A recolha de dados foi efetuada através da realização de entrevistas semiestruturadas, tanto aos alunos como às educadoras cooperantes.

Tendo por fim a explanação pormenorizada e rigorosa de todo o processo desenvolvido, organizámos a presente dissertação, em três capítulos, antecedidos de uma introdução.

O capítulo I tem como alvo as linhas gerais do enquadramento teórico, no qual se fundamenta todo o trabalho desenvolvido.

O capítulo II é dedicado à metodologia da investigação utilizada. Para tal, apresentamos os objetivos do estudo e questões da investigação (anteriormente mencionados de forma breve), o contexto de investigação (Universidade dos Açores - Pólo de São Miguel, Região Autónoma dos Açores), a nossa população-alvo/amostra, (os alunos mestrandos do curso de Educação Básica, vertente de Educação de Infância, no ano de 2014/2015 e as respetivas educadoras cooperantes), os instrumentos da investigação (entrevistas) e método de investigação utilizado (investigação de cariz qualitativo, recorrendo ao estudo de caso), finalizando com a descrição das diversas fases que contemplaram este estudo.

O capítulo III expõe a interpretação e a análise dos dados recolhidos, tendo por base as entrevistas realizadas.

No termo de todo o processo do estudo, apresentamos as conclusões, que se tornaram visíveis pois foram sustentadas pela análise e interpretação dos dados efetuados, e as considerações finais, nas quais salientamos aspetos que terão sido limitativos do trabalho efetuado, tendo por base as linhas gerais do enquadramento teórico, assim como aludimos perspectivas para futuras investigações, que consideramos enriquecedoras e potenciadoras da pertinência deste objeto de estudo.

1. LINHAS GERAIS DO ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.1. Enquadramento geral

Para discutir e compreender este tema, foi necessário proceder a um processo investigativo. Delineamos, para este fim, algumas áreas cruciais como: (1.2) enquadramento conceptual da supervisão; (1.2.1) intervenientes no processo de supervisão; (1.2.2) principais modelos de supervisão; (1.2.3) o ciclo da supervisão; (1.2.3.1) importância da observação no ato de supervisão; (1.2.3.2) a orientação no ciclo de supervisão; (1.2.3.3) a avaliação no contexto de supervisão; (1.2.4) papel do supervisor; (1.3) educação pré-escolar; (1.3.1) orientações curriculares para a educação pré-escolar; (1.3.2) estágio supervisionado na formação inicial de educadores de infância; (1.3.3) formação contínua de educadores; (1.3.4) papel do aluno estagiário; (1.3.5) papel dos educadores cooperantes; (1.3.6) papel do supervisor institucional da escola de formação.

1.2. Enquadramento conceptual da supervisão

Ao falarmos de supervisão, parece pertinente esclarecer o sentido etimológico do termo. A palavra supervisão é composta pelos vocábulos *super* (sobre) e *visão* (ação de ver). Indica a atitude de ver com maior clareza uma determinada ação ou até mesmo possuir uma visão mais ampla que a normal. No sentido estrito do termo, pode-se dizer que significa olhar de cima, dando uma ideia de visão global (Trindade, 2007).

Na área da educação, o termo “supervisão” foi durante muito tempo relacionado com uma visão de inspeção e controlo, tendo esta perspetiva sofrido uma mudança em probidade da introdução do movimento de supervisão clínica, nos Estados Unidos (Vieira, 2009).

Em Portugal, a divulgação do termo é muito recente. Iniciou-se em meados da década de 80 com os estudos de I. Alarcão e J. Tavares, dando início aos cursos de especialização e dos mestrados sobre o tema, pela necessidade de um melhor acompanhamento de estágios, no contexto de fiscalização, controlo e avaliação.

Estes autores apresentam a supervisão como um processo que tem como objetivo “o desenvolvimento profissional do professor” e que surge no âmbito “da orientação de

uma ação profissional; daí chamar-se-lhe também orientação da prática pedagógica” (Alarcão e Tavares, 2003: 16)

1.2.1. Intervenientes no processo de supervisão

Atualmente, o ato de supervisionar é definido como uma estratégia de formação que implica uma relação entre dois indivíduos, o supervisor e o supervisionado, em que o primeiro recolhe e analisa as dificuldades manifestadas pelo segundo na sua área de intervenção, aconselhando-o e ajudando-o a ultrapassar essas mesmas dificuldades. Já Alarcão e Tavares defendem a supervisão como um “processo em que um profissional, em princípio mais experiente e mais informado e conhecedor dos segredos da profissão, orienta outro profissional ou aspirante a isso, no seu desenvolvimento humano e profissional” (Alarcão e Tavares, 2003: 16).

Na linha de pensamento de Alarcão e Tavares, 2003, este processo de ensino e aprendizagem não só facilita o desenvolvimento do aluno, como também o próprio supervisor se encontra num processo de desenvolvimento e aprendizagem.

1.2.2. Principais modelos da supervisão

Efetivamente, a essência da supervisão surge de princípios e referenciais teóricos que a clarificam e a enquadram nas práticas que se desenvolvem. Deste modo, Alarcão e Tavares (2003) consideram que os modelos são diferenciados pelo “cenário de ação”, descrevendo, assim, nove cenários, nomeadamente o cenário de supervisão pedagógica, inicialmente definido pela transmissão do saber a partir das potencialidades da imitação e, posteriormente, passou a se designar por **cenário clínico**, o qual defende que o professor deve repensar o seu ensino depois de ser observado e avaliado pelo supervisor; o **cenário da aprendizagem pela descoberta guiada**, que veicula a necessidade do professor observar e refletir de forma crítica, isto é, ter conhecimento analítico do desempenho de outros professores antes de poder realizar o estágio pedagógico; o **cenário psicopedagógico**, que encara a supervisão como uma forma de ensinar competências necessárias às exigências da vida e do meio ambiente; o **cenário reflexivo**, que tal como o nome indica, reflete a importância da ação, experimentação,

mas acima de tudo da reflexão sobre essa mesma ação; o **cenário ecológico** defende que as atividades, os papéis, as relações interpessoais e os contextos de aprendizagens são fundamentais para o desenvolvimento humano e profissional; o **cenário pessoalista** sustenta que o desempenho pedagógico de um professor é influenciado pelo nível de desenvolvimento das suas emoções, percepções e objetivos; por sua vez, o **cenário behaviorista** foca-se mais no aluno, estudando os seus comportamentos nos vários processos; o **cenário dialógico** remete-nos para a importância do papel da linguagem e do diálogo crítico na construção do conhecimento profissional dos professores; e, por fim, o **cenário da imitação artesanal** refere a aprendizagem através da imitação da ação do professor como o mais experiente e um modelo único de saber e inquestionável.

1.2.3. O ciclo da supervisão

É importante que no processo supervisivo exista um clima de diálogo, de interpretação e análise dos fenómenos entre os sujeitos e é neste sentido que tomamos como referência o ciclo de supervisão apresentado por Alarcão & Tavares (2003), composto por cinco fases: encontro pré observação; observação propriamente dita; análise dos dados; encontro pós observação; e, por último, a análise e avaliação do processo realizado e dos efeitos obtidos, que por sua vez abre caminho a um novo ciclo supervisivo, como podemos visualizar na figura 2.1 apresentada:

Figura 1.1: Ciclo de Supervisão



No encontro pré observação o supervisor ajuda a definir os aspetos em que se irá basear a observação, estratégias a utilizar e os fenómenos a observar. É, sem dúvida, importante que todo o processo de supervisão seja inequivocamente definido. Neste momento, é igualmente fundamental que ambos os elementos estabeleçam uma boa comunicação de forma a evitar ansiedade, desorganização e desconhecimento do papel que cada um irá assumir.

A fase seguinte reporta a observação propriamente dita, em que o orientador observa os fenómenos pré definidos anteriormente e, através de registos ou grelhas, recolhe dados sobre o que se passa no processo ensino/aprendizagem, que permitam ser analisados posteriormente, de forma a compreender o problema.

No que diz respeito à análise dos dados, o orientador, após a observação, irá observar os seus registos, ordená-los e analisá-los, processo este que poderá ser mais ou menos moroso tendo em conta os dados que recolheu e o tipo de abordagem efetuada. Esta abordagem poderá ser quantitativa, em que os resultados são apresentados sob a forma de percentagem, ou qualitativa, onde são realizados registos mais minuciosos e significativos da situação problema, sendo que esta abordagem será efetivamente concretizada em função do que pretende estudar, quantificar ou qualificar.

No encontro pós observação o supervisionado deverá refletir sobre a sua ação, cabendo ao supervisor ajudá-lo a analisar os dados e atribuir-lhes significado, de forma a que este possa consciencializar-se das dificuldades existentes e melhorar a sua prática, pois assim estará a contribuir para a sua aprendizagem e desenvolvimento profissional.

A última fase diz respeito à análise de todo o ciclo da supervisão. É fundamental que o orientador analise todo o processo realizado e os efeitos obtidos, pois só assim poderá haver um melhoramento da prática ao iniciarmos um novo ciclo.

1.2.3.1. Importância da observação no ato de supervisão

Por observação, em contexto de supervisão, entende-se o conjunto de ações desenvolvidas que possibilitam a recolha de informação sobre o que se passa no processo de ensino/aprendizagem, com a finalidade de posteriormente proceder a uma análise do processo, numa ou noutra das variáveis em estudo. Deste modo, “a observação implica sempre um observador e um objeto ou alvo de observação” (Trindade, 2007: 25).

Trindade refere que através da observação podemos conhecer como reage uma determinada pessoa às adversidades, “que coerência apresenta entre o que diz e o que faz” e, conseqüentemente, fornecer “aos indivíduos observados a informação necessária para eliminarem ou diminuïrem as discrepâncias entre o que pensam que fazem e o que realmente fazem” (Trindade, 2007: 30-31).

Segundo este autor, a observação tem como principais finalidades “a avaliação (de desempenhos, atitudes, hábitos de trabalho, adaptação profissional...) para uma orientação dos formandos num determinado sentido, considerado desejável” (Trindade, 2007: 36). Neste sentido, a observação exige ser planificada, por forma a prever como será feita a intervenção. É neste contexto que este mesmo autor, considera que na estratégia de observação terão de ser considerados os seguintes fatores: conhecimento do contexto onde vai decorrer o projeto de observação; seleção das formas e meios de observação; seleção dos critérios e das unidades de registo da observação; seleção ou elaboração de métodos e técnicas de análise das informações recolhidas; e a preparação dos observadores.

1.2.3.2. A orientação no ciclo de supervisão

O conceito de Orientação, no contexto em que nos movemos, segundo Alarcão e Tavares (1987), citado por Trindade, reporta-se a:

“um conjunto de ações exercidas por um professor/formador - o orientador - em princípio mais experiente e melhor informado relativamente aos “segredos” da profissão, sobre um ou mais formandos (professores ou candidatos a tal) com a finalidade de promover a descoberta de um sentido ou significado para as suas atuações profissionais”

(Alarcão e Tavares, 1987, citado por trindade, 2007: 79).

Segundo este mesmo autor, “orientar” um formando aparece associado ao “aconselhar” essa pessoa a desempenhar as suas funções de uma certa forma, tendo em vista o alcançar da eficiência e da eficácia dos seus atos, em referência aos fins que os mesmos devem servir. Esses “conselhos” derivam, não só das vivências e experiência do orientador, mas também, e essencialmente, da avaliação que o mesmo faz dos desempenhos profissionais dos formandos” (Trindade, 2007: 26).

Neste sentido, a orientação tem como objetivo, principalmente, o desenvolvimento profissional, o que implica possuir competências quanto ao desempenho das práticas, deter conhecimento sobre os contextos das mesmas, os perfis de desempenho que se perfilam e como atingi-los.

No entanto, o autor destaca que, para além da orientação direcionada para o profissional, existe uma corrente orientada para o desenvolvimento pessoal, em que se destacam as relações humanas entre atores, as sensibilidades e necessidades dos formandos, o desenvolvimento moral, a autonomia e a responsabilidade nas práticas.

Em suma, “(...) a finalidade da orientação não é mostrar o caminho, mas os caminhos que o formando pode percorrer para atingir o que se espera dele, em termos profissionais”, não desvalorizando a importância das relações interpessoais entre formador e formando (Trindade, 2007: 27).

1.2.3.3. Avaliação no contexto de supervisão

A avaliação tem como objetivo a busca contínua e a organização de informação, de modo a ser feita a apreciação do desempenho e das atitudes apresentadas pelos formandos nas práticas pedagógicas, “não só para lhes fornecerem o “feedback” indispensável à boa continuação dos trabalhos, mas também para refletirem sobre o caminho percorrido e decidirem sobre os caminhos a seguir no processo de formação” (Trindade, 2007: 130), no fundo, para que possam ter conhecimento dos aspetos positivos e negativos do seu desempenho, com vista à manutenção dos comportamentos adequados e correção dos menos próprios.

Para Fernandes, “a avaliação surge como um processo que ajuda a melhorar, a corrigir, a integrar, a regular, a definir critérios, a diagnosticar e a facilitar a comunicação” (Fernandes, 2005: 90).

Segundo Trindade, a avaliação:

“não tem sido, contudo, sempre encarada do mesmo modo; tem sofrido evolução acentuada que vai desde o perfil do professor conhecedor (domínio dos conteúdos científicos a ensinar), passando pelo professor ideal (características e personalidade do bom professor), pelo modelo de professor interacionista (aquele que consegue fomentar as interações professor-alunos e aluno-aluno), pelo modelo do professor gestor da sala de aula, até ao modelo do professor eficaz (aquele que possui comportamentos específicos, tais como: a habilidade de fazer perguntas, a capacidade de manter a motivação dos alunos e a gestão do tempo).”

(Trindade, 2008: 132).

Mais tarde, surge o “professor reflexivo”, dando-se relevância à reflexão sobre as práticas realizadas, evidenciando-o como fator fundamental para o desenvolvimento profissional (Trindade, 2008: 132).

Efetivamente, a avaliação dos processos de formação e do desenvolvimento profissional possibilita a reflexão das práticas e é neste contexto que Oliveira e Serrazina caracterizam o processo reflexivo:

“por um vaivém permanente entre acontecer e compreender na procura de significado das experiências vividas. Há, através das práticas, um ganho na compreensão e esta nova compreensão pode fazer surgir um *insight* sobre o que significa ser professor”.

(Oliveira & Serrazina, 2002: 5)

Para Trindade, o objeto da avaliação incide:

“no desempenho apresentado pelos formandos nas práticas pedagógicas. Ora, a avaliação de desempenhos “impõe-nos” um modelo de procedimento muito especial. Na verdade, impõe que se conjuguem duas vertentes avaliativas: a autoavaliação e a heteroavaliação. A primeira, consubstancia-se na imagem que cada um faz do seu desempenho; a segunda, resulta da apreciação que os outros – colegas e orientador - fazem desse desempenho”, sendo que o “instrumento privilegiado da primeira é o Diário ou o Portefólio”

(Trindade, 2007: 131).

Estes instrumentos constituem-se como registos elaborados pelos formandos e escritos de modo sistemático e seletivo das suas experiências, acontecimentos, reflexões e episódios relevantes ao longo da sua atividade e que servirão de orientação para o desenvolvimento profissional.

Alarcão & Tavares (2003) falam-nos também das dificuldades que os supervisores sentem no processo avaliativo e de como sentem necessidade de recorrer a fichas para o fazer e que, segundo os autores, são extremamente válidas pois permitem “objetivar as críticas, de possibilitar o traçado do perfil evolutivo do formando, de permitir focar a avaliação num aspecto específico” (Alarcão & Tavares, 2003: 107).

Efetivamente, a avaliação é um recurso fundamental em todo o processo pedagógico e é, sem dúvida, enriquecida com todos os instrumentos avaliativos aqui mencionados e corrobora com a ideia de Libaneo (1994), ao mencionar a avaliação como uma:

“tarefa didática necessária e permanente do trabalho docente, que deve acompanhar passo a passo o processo de ensino e aprendizagem. Através dela os resultados que vão sendo obtidos no decorrer do trabalho conjunto do professor e dos alunos são comparados com os objetivos propostos a fim de constatar progressos, dificuldades, e reorientar o trabalho para as correções necessárias”.

(Libaneo, 1994: 195)

Em suma, a avaliação, na perspetiva de atingir determinado objetivo, exige um maior comprometimento por parte do professor e maior envolvimento por parte do educando e, conseqüentemente, irá contribuir para a construção e maior compreensão do conhecimento proposto.

1.2.4. Papel do supervisor

O papel de um supervisor pedagógico, tal como o nome indica, está centrado na ação pedagógica, isto é, no processo de ensino e aprendizagem. Trata-se, portanto, de um indivíduo detentor de saber, que procura ajudar o aprendiz de forma pessoal e profissional ao longo da sua formação.

Cabe ao supervisor promover mudanças significativas através do ato de coordenar, orientar, dialogar, apoiar, discutir. No fundo, auxiliar a ação/reflexão das práticas pedagógicas daqueles que estão a ser supervisionados.

De acordo com a visão de Sá-Chaves, o supervisor:

“não é considerado apenas, e como seria previsível, como aquele que supervisiona (ou seja, dirige, orienta e/ou inspeciona a partir de uma posição superior), mas também como aquele que aconselha”.

(Sá-Chaves, 2007: 117)

No processo de ensino e aprendizagem é crucial criar contextos que favoreçam a interação e partilha entre professor e aluno, uma vez que, de acordo com Silva e Navarro (2012), “as relações entre docentes e discentes envolvem comportamentos intimamente relacionados, em que as ações de um desencadeiam ou promovem as do outro” (Silva e Navarro, 2012: 96).

Figura 1.2: O Papel do Supervisor



Tal como apresentado na figura 2.2, de forma a criar uma boa dinâmica de supervisão, os supervisores não só precisam ter boas competências técnicas e observacionais, mas também boas capacidades interpessoais, capacidade para criar confiança e uma atitude

positiva e colaborativa com o aprendiz, proporcionando um clima agradável, criando, assim, uma relação empática forte. É esta relação que irá favorecer e estimular as capacidades individuais do supervisionado, levando-o à sede pelo conhecimento, pesquisa e inovação e, sobretudo, ajudá-lo a refletir sobre a sua experiência.

Alarcão e Tavares, 2003, identificam dez categorias que caracterizam um supervisor: prestar atenção; clarificar; encorajar; servir de espelho; dar opinião; ajudar a encontrar soluções para os problemas; negociar; orientar; estabelecer critérios; condicionar. Estes mesmos investigadores consideram que o tipo de supervisão (diretivo, de colaboração, ou não-diretivo) é determinado conforme o realce dado pelo supervisor a determinadas destas atitudes.

Ainda segundo estes mesmos autores, o supervisor tem como papel desenvolver nos formando atitudes e capacidades como “espírito de auto-formação e desenvolvimento; capacidade de identificar, aprofundar, mobilizar e integrar os conhecimentos subjacentes ao exercício da docência; capacidade de resolver problemas e tomar decisões esclarecidas e acertadas; capacidade de experimentar e inovar numa dialéctica entre a prática e a teoria; capacidade de refletir e fazer críticas e autocríticas de modo construtivo; consciência da responsabilidade que coube ao professor no sucesso, ou no insucesso, dos seus alunos; entusiasmo pela profissão que exerce e empenhamento nas tarefas inerentes; capacidade de trabalhar com os outros elementos envolvidos no processo educativo.

Efetivamente, o conhecimento dos supervisionados, o desenvolvimento das suas capacidades, o uso das suas habilidades, depende não só de um ambiente que favoreça a aprendizagem, mas sobretudo do desempenho do professor, que deverá proporcionar um conjunto de ferramentas que favoreça o seu progresso.

1.3. Educação pré-escolar

A educação destina-se às crianças com idades compreendidas entre os três anos e a idade de ingresso no ensino básico e é considerada a:

“primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida, sendo complementar da ação educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita relação,

favorecendo a formação e o desenvolvimento da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário”

(Lei nº5/97, de 10 de Fevereiro).

A assembleia da república decreta que a educação pré-escolar tem como objetivos:

“a) Promover o desenvolvimento pessoal e social da criança com base em experiências de vida democrática numa perspectiva de educação para a cidadania; b) Fomentar a inserção da criança em grupos sociais diversos, no respeito pela pluralidade das culturas, favorecendo uma progressiva consciência do seu papel como membro da sociedade; c) Contribuir para a igualdade de oportunidades no acesso à escola e para o sucesso da aprendizagem; d) Estimular o desenvolvimento global de cada criança, no respeito pelas suas características individuais, inculcando comportamentos que favoreçam aprendizagens significativas e diversificadas; e) Desenvolver a expressão e a comunicação através da utilização de linguagens múltiplas como meios de relação, de informação, de sensibilização estética e de compreensão do mundo; f) Despertar a curiosidade e o pensamento crítico; g) Proporcionar a cada criança condições de bem-estar e de segurança, designadamente no âmbito da saúde individual e coletiva; h) Proceder à despistagem de inadaptações, deficiências e precocidades, promovendo a melhor orientação e encaminhamento da criança; i) Incentivar a participação das famílias no processo educativo e estabelecer relações de efetiva colaboração com a comunidade”

(Lei nº5/97, de 10 de Fevereiro).

1.3.1. Orientações curriculares para a educação pré-escolar

O desenvolvimento do currículo na educação pré-escolar tem como referência as Orientações Curriculares, apresentadas pela Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar, que tal como já foi referido, estabelece como princípio geral de que a educação pré-escolar é a primeira etapa da educação.

Neste sentido, as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE) definem-se, deste modo, como um conjunto de princípios gerais pedagógicos de apoio ao educador de infância na condução do processo educativo, independentemente da sua situação ou modalidade educativa em que trabalhem, e pretendem “contribuir para um aumento da qualidade da educação pré-escolar e proporcionar uma dinâmica acrescida

de inovação nesta área, como também criar um quadro de referência comum” (Maria & Trindade, 2002: 29).

Efetivamente, sendo este documento uma referência para todos os educadores de infância, não pretende ser um “programa, pois adotam uma perspectiva mais centrada em indicações para o educador do que na previsão de aprendizagens a realizar pelas crianças”, o que possibilita ao educador fundamentar diversas opções educativas (Ministério da Educação, 1997: 13).

A organização deste documento, reformulado em 2016, integra três secções que orientam todo o trabalho pedagógico: Enquadramento geral (que aborda os *fundamentos e princípios da pedagogia para a infância*, isto é, o modo como as crianças se desenvolvem e aprendem e qual a relevância do clima relacional para o seu desenvolvimento; a *intencionalidade educativa - construir e gerir o currículo*, que implica a reflexão sobre as finalidades e procurar um sentido para as práticas pedagógicas; e a *organização do ambiente educativo* que procura valorizar o espaço/ contexto educativo e as relações que se estabelecem com o meio envolvente) áreas de conteúdo e continuidade Educativa e Transições (Ministério da Educação, 2016).

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar identificam três áreas de conteúdo, nas quais iremos dar uma atenção mais pormenorizada:

- Área de Formação Pessoal e Social;
- Área de Expressão e Comunicação, que compreende três domínios:
 - a) Domínio da Educação Motora;
 - b) Domínio da Educação Artística, que por sua vez contém quatro subdomínios:
 - Subdomínio das Artes Visuais;
 - Subdomínio da Dramatização;
 - Subdomínio da Música;
 - Subdomínio da Dança;

c) Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita;

d) Domínio da Matemática;

- Área do Conhecimento do Mundo. (Ministério da Educação, 2016).

Segundo as OCEPE, considera-se o termo “área”, em educação pré-escolar, para designar formas de pensar e organizar a intervenção do educador e as experiências proporcionadas às crianças. A designação de “conteúdo” pressupõe a interligação entre desenvolvimento e a aprendizagem, ou seja, o que é contido nas diferentes áreas em termos de aprendizagem.

Deste modo, considera-se “áreas de conteúdo” como âmbitos de saber, com uma estrutura própria e com pertinência sociocultural, que incluem diferentes tipos de aprendizagem, não apenas conhecimentos, mas também atitudes e saber-fazer. Dado que as crianças aprendem explorando o mundo que as rodeia, as áreas de conteúdo contêm atividades que resultam do desenvolvimento da criança. Estas devem partir espontaneamente da atividade lúdica da criança, para que, desta forma, estimule o seu desejo de criar, explorar e transformar.

As áreas de conteúdo devem ser abordadas em articulação umas com as outras, para compreender uma abordagem globalizante (que é específica da educação de infância), preocupando-se (o educador) em articular vários domínios, de modo a que se integrem num processo flexível de aprendizagem, que corresponda às intenções e objetivos educativos que façam sentido para a criança.

A Área de Formação Pessoal e Social é considerada uma área transversal. É a partir desta área que o ser humano se constrói em interação social, sendo influenciado e influenciando o meio que o rodeia. Integra todas as outras áreas, dado que tem a ver com a forma como a criança se relaciona consigo própria, com os outros e com o mundo, favorecendo um clima propício à socialização, que, desde sempre, tem marcado a tradição da educação pré-escolar portuguesa.

Na Área de Expressão e Comunicação são englobadas as aprendizagens relacionadas com o desenvolvimento psicomotor e simbólico, que determinam a compreensão e o progressivo domínio de diferentes formas de linguagem. É considerada uma área básica, pois “incide sobre aspetos essenciais do desenvolvimento e da aprendizagem e engloba

instrumentos fundamentais para a criança continuar a aprender ao longo da vida” (Ministério da Educação, 1997: 56). Esta área engloba de acordo com as novas Orientações Curriculares apresentadas pelo Ministério da Educação em 2016, os seguintes domínios: Domínio da Educação Motora, Domínio da Educação Artística; Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita; e Domínio da Matemática.

Na Área do conhecimento do mundo, encontramos a base para a sensibilização às ciências, ao rigor científico, aos saberes sociais, à biologia, à físico/química, à geografia, geologia e história, entre outros. É enraizada na curiosidade natural das crianças e no seu desejo de compreender e saber porquê. Aproveitando esta vontade de aprender das crianças, devem-se criar oportunidades onde elas experimentem situações de descoberta e exploração do mundo envolvente.

O educador deve, desta forma, definir estratégias como procedimentos que visam melhorar a eficácia do processo de ensino e aprendizagem, facilitando a aprendizagem de conteúdos e a participação das crianças nas atividades, permitindo, assim, a concretização dos objetivos a que se propuseram. Consequentemente, o educador ao planear deve colocar a si próprio questões relacionadas com os objetivos definidos e que levem as crianças a observar, experimentar, formular hipóteses, solucionar problemas, tirar conclusões.

Deste modo, toda a gestão curricular deve estar relacionada com o conhecimento que o educador tem das crianças com quem trabalha.

Assim sendo, é fundamental que o educador tenha conhecimento das características estruturais do grupo (idade, sexo, frequência escolar); as suas possibilidades, de forma a orientar da melhor maneira as suas realizações; o contexto familiar e social de cada criança em particular (saber com quem vive, o número de irmãos, a ocupação profissional dos pais, tipo de habitação, quem leva e traz a criança, as preferências da criança, expectativas dos pais quanto ao jardim-de-infância) com o objetivo de favorecer condições para o bom desenvolvimento desta; o ambiente do jardim-de-infância, ou seja, as suas condições institucionais (recursos humanos e materiais, normas, regras de convivência dinâmica dos grupos, formas de comunicação, organização das rotinas diárias); o ambiente comunitário (identificação dos recursos do

bairro, oferta da colaboração com serviços socioeducativos, etc.) e de que forma este se pode articular com o jardim-de-infância.

Possuindo esse conhecimento, o educador poderá promover aprendizagens mais direcionadas, tendo como base os interesses, as capacidades e as necessidades das crianças, criando experiências mais diversificadas.

1.3.2. Estágio supervisionado na formação inicial de educadores de infância

De acordo com o Ministério da Educação e aprovado pelo Decreto-Lei nº 344/89, de 11 de Outubro, a prática pedagógica:

“constitui uma componente fundamental da estrutura curricular dos cursos de formação inicial ministrados pelos estabelecimentos de ensino superior e conferentes de qualificação profissional para a docência. Esta componente de formação é orientada pela instituição formadora com a colaboração de um estabelecimento de educação pré-escolar ou dos ensinos básicos e secundários, podendo, na sua fase final, revestir o formato de um estágio”.

(Diário da República, portaria n.º 1097/2005 de 21 de Outubro).

Na opinião de Formosinho (2001), a prática pedagógica é a:

“componente intencional da formação de professores cuja finalidade explícita é iniciar os alunos no mundo da prática profissional docente. [...] É a fase de prática docente acompanhada, orientada e refletida que serve para proporcionar ao futuro professor uma prática de desempenho docente global em contexto real que permita desenvolver as competências e atitudes necessárias para um desempenho consciente, responsável e eficaz”

(Formosinho, 2001: 53).

De facto, estágio pedagógico é um dos momentos fundamentais na formação inicial dos Educadores de Infância. Uma vez que a prática é a abordagem inicial à realidade profissional, torna-se, assim, essencial para a sua formação integral pois, para além da experiência, proporciona a aquisição de conhecimentos pedagógicos, isto é, competências, capacidades, valores e atitudes, necessários aos futuros docentes.

Esta experiência revela-se como uma excelente oportunidade de aprendizagens pedagógicas diárias vivenciadas profissionalmente, constituindo-se como o ponto de partida para uma futura integração no mercado de trabalho na área.

Para Guedes, 2011,

“o estágio pedagógico, ao possibilitar o envolvimento na realidade dos Jardins de Infância, a experiência prática e a interação tanto com as crianças na sala, como com os supervisores em situações pré e pós activas, cria condições para a realização de aprendizagens que permitem a aquisição de saberes profissionais e mudanças nas concepções de educação”.

(Guedes, 2011: 1)

A realização do estágio é uma questão essencial para a formação do profissional e, em especial, do educador, pois as suas ações, enquanto profissional, dependerão da sua formação enquanto estagiário, uma vez que é através dessa experiência prática, pautada pelo processo de ação-reflexão entre teoria e prática, que ele aprenderá as habilidades necessárias e adquirir uma nova visão crítica sobre a sua área profissional.

Efetivamente, para os estagiários, é um momento de aproximação com o campo específico da pedagogia e o culminar de todos os anos de formação num conjunto diversificado de experiências, duplamente supervisionadas, isto é, pelo orientador/a da instituição de formação e pelo educador/a cooperante que os acolhe na sua sala, da qual é responsável.

No decurso, o estagiário tem de assumir o seu papel ativo nas diversas fases do processo de formação pelo qual irá passar, ao mesmo tempo que os supervisores deverão assumir um papel colaborativo e interativo, para que possam contribuir para o objetivo primordial, que consiste em contribuir para o desenvolvimento e aprendizagem do estagiário.

É importante que, ao longo do período de estágio, se afira um processo contínuo de partilha, de troca de ideias, conselhos e sugestões e, neste contexto, para além do supervisor, os pares desempenham igualmente um papel fundamental, uma vez que, através desse contacto, o formando tem a possibilidade de partilhar experiências com outros formandos, enriquecendo significativamente a sua prática.

1.3.3. Formação contínua de educadores

As atividades desenvolvidas pelos estagiários, ao longo do estágio pedagógico, proporcionam uma vasta gama de ideias e experiências diferentes, que têm impacto, não só nos próprios alunos, como também nos educadores cooperantes, pois, de facto, a troca de experiências contribui para o crescimento de ambos os profissionais.

“No relacionamento professor-aluno, há trocas de experiências e de conhecimentos, no qual o professor, estando no lugar de quem deve ensinar, de transmitir conhecimentos, também aprende com a realidade de cada aluno; e o aluno no lugar de quem recebe ensinamentos também ensina e aprende mesmo sem intencionalidade”.

(Silva e Navarro, 2012: 97)

A existência de estagiários facilita uma renovação constante dos conhecimentos, tanto de quem ensina, como de quem aprende, para além de se constatar a união entre as ideias trazidas pelos estagiários e a experiência de profissionais com muitos anos de prática, mantendo, assim, um processo de aprendizagem contínuo e atual, de grande impacto e relevância para o meio escolar.

Defendendo esta ideia, Freire, 1996, afirma que “Embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado”. De facto, não existe docência sem discência, “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”, estando, por isso, em constante transformação (Freire, 1996: 12).

1.3.4. Papel do aluno estagiário

O aluno estagiário é um futuro professor que está aprendendo tudo aquilo que será futuramente a sua profissão. E é esta socialização com a profissão que lhe dará estruturas pessoais e profissionais que lhe permitem gerir as adversidades que podem ocorrer no seu dia-a-dia.

Neste sentido, cabe ao estagiário adaptar-se, enquadrar-se das regras, valores e aprendizagens que são partilhadas no meio onde está inserido.

Efetivamente, seguindo a linha de pensamento de Carvalho e Maziero (2012), o início desta nova realidade é um processo intenso de aprendizagens e de consolidação e o estagiário “(...)deve estar preparado para mobilizar e colocar em crise os saberes, as crenças, as concepções (...) que foram aprendidos durante os vários anos de escolarização e de ambientação com esse campo de trabalho” (Carvalho & Maziero, 2012: 66).

Muitas vezes, esta aprendizagem é feita à base de tentativas e erros, esforçando-se para obter os resultados que lhes são impostos pela escola de formação, pois, por vezes, as expectativas que levam nem sempre correspondem à realidade da prática e vão se deparando com desafios a que nunca foram sujeitos. São estas experiências, de índole diferenciada, que irão contribuir para o desenvolvimento das suas competências profissionais pois, de forma inconsciente, acabam por ir criando as suas próprias metodologias e estratégias para ultrapassar as adversidades.

O estagiário deve tomar consciência que errar é humano, ainda para mais quando se está a iniciar este processo, e deve estar aberto a todas as críticas que possa receber dos seus orientadores pois são estas apreciações que o ajudarão a melhorar as suas práticas. É importante que ele aborde toda a experiência com uma atitude positiva, que seja investigador, que procure saber mais, mostrando trabalho e persistência até conseguir alcançar aquilo que é desejado.

Para além disso, é importante que ele saiba relacionar-se com todos os seus pares e orientadores, uma vez que serão, sem dúvida, uma grande fonte de apoio ao longo de seu estágio. Igualmente relevante, durante este processo, é procurar desenvolver bons relacionamentos com as crianças, fazer por conhecê-las bem e promover experiências desafiantes, de modo a levarem-nas a adquirir competências pré-estabelecidas segundo as suas capacidades, necessidades e interesses.

Em suma, o aluno deve ser considerado como um sujeito interativo e ativo no seu processo de construção de conhecimento, pois tal como afirma Turnbull (citado por Matias & Vasconcelos 2010).

“se cada estagiário tiver oportunidades apropriadas no local de estágio para efetivamente desenvolver o conhecimento e a prática sobre planificação, avaliação e reflexão crítica, para desenvolver as disposições necessárias ao estabelecimento de relações profissionais eficazes, para praticar competências de comunicação, incluindo a negociação e a resolução

de conflitos e ainda desenvolver uma filosofia profissional na relação com a prática pedagógica com crianças e adultos, consegue adquirir uma consistente acção profissional.”

Matias & Vasconcelos, 2010: 23

1.3.5. Papel dos educadores cooperantes

Denomina-se educador cooperante aquele que recebe na sua sala de aulas os alunos estagiários que frequentam o curso de educação básica, permitindo a sua participação nas rotinas diárias das crianças, ao mesmo tempo que observa e assiste essa participação, fornecendo o apoio necessário para que este possa melhorar a prática pedagógica.

O facto de o estágio ser supervisionado por um docente, neste caso pelo educador cooperante, torna-o numa forma de profissionalização. É através desta experiência que o aluno vivencia as suas aprendizagens e compreende como os conteúdos aprendidos na teoria se refletem na prática, mas o educador cooperante é quem tem também um papel fundamental na eliminação das falhas existentes e no limar das arestas necessárias para uma prática bem-sucedida.

Efetivamente, tal como referem Santos e Brandão, o educador cooperante “tem um impacto essencial pelas condições, oportunidades, orientação e modelo de prática profissional que oferece e constitui para o aluno” (Santos e Brandão, sd: 81).

Na linha de pensamento destes mesmos autores, o processo de articulação entre teoria e a prática é o fundamento de toda a ação educativa. Neste sentido, cabe aos educadores cooperantes o papel de avaliar e reavaliar constantemente todo o processo evolutivo do estagiário, isto é, a sua ação pedagógica, contemplando desde o planear, o educar, o cuidar, ou seja, todos os aspetos que são a base e os fundamentos necessários para uma prática eficiente.

A relação que o educador cria com o aluno estagiário é crucial para este último se sentir motivado a construir o seu próprio conhecimento. Esta ligação não deve ser imposta, mas sim assentar numa base de cooperação, respeito e de crescimento, pois apenas dessa forma o educador cooperante poderá realizar o seu trabalho, efetuando uma mudança na aprendizagem e na vida do seu supervisionado.

1.3.6. Papel do supervisor institucional da escola de formação

O papel do supervisor institucional é fazer a ponte entre a instituição de ensino superior e as instituições cooperantes, isto é, as escolas e jardins-de-infância, onde os alunos estagiários são aceitos para realizar as suas práticas pedagógicas.

Cabe-lhe, portanto, a tarefa aliciante de acompanhar a caminhada da prática pedagógica e de incentivar educadores cooperantes e estagiários a manterem a vontade de aprender.

De certa forma, espera-se do supervisor institucional “a missão de fazer com que todos, sem exceção, façam frutificar os seus talentos e potencialidades criativas, o que implica, por parte de cada um, a capacidade de se responsabilizar pela realização do seu projeto pessoal” (Delors, 1996: 15).

Tem como funções elucidar os educadores cooperantes para aquilo que são as competências que o estagiário deverá adquirir durante as práticas pedagógicas exigidas pela escola de formação e todos os trabalhos que deverão ser desenvolvidos durante as mesmas.

Com ele se conta também para incentivar a mudança e a melhoria da prática dos estagiários, ajudando a diagnosticar as realidades e a ultrapassar problemas. Muitas vezes, o estagiário encontra obstáculos ao longo da sua prática pedagógica e encara-os como desafios difíceis de serem resolvidos. Sente-se perdido e com dificuldades de articular a teoria com a prática. Neste sentido, é importante que encontre no supervisor institucional alguém que o ajude, estimule, que o incentive à mudança de estratégias e intencionalidades e que o faça florir as suas próprias capacidades.

Posteriormente, articulando a teoria com a prática, ambos os profissionais responsáveis pelo supervisionamento dos estagiários irão avaliar as suas prestações ao longo das práticas e verificar se foram ou não capazes de rasgar horizontes pedagógicos e se estão aptos a desempenhar as suas funções enquanto profissionais autónomos.

2. METODOLOGIA

2.1. Enquadramento geral

O estudo em apreço partiu da necessidade de conhecer a qualidade do curso de educação básica, vertente de educação básica, oferecido pela Universidade dos Açores. Considerando que a prática pedagógica é um dos processos mais importantes que integram este curso, pretendemos, com este estudo de caso, que ambas as partes envolvidas neste processo (futuros educadores e educadores cooperantes) reflitam sobre a sua experiência, de modo a que entendamos como se conceptualiza a supervisão pedagógica neste contexto específico.

2.2. Objetivos do estudo e questões da investigação

Definimos como objetivo geral deste projeto de investigação o seguinte:

- Avaliar o impacto da supervisão da prática pedagógica no processo de aprendizagem dos futuros educadores.

Relativamente aos objetivos específicos da investigação, são eles:

- Conhecer a realidade atual do curso de mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico de mestrado, oferecido pela Universidade dos Açores debruçando-nos sobre a vertente de Educação de Infância, procurando compreender o plano implementado pela Instituição, no que concerne às práticas pedagógicas;
- Aferir a existência de um apoio por parte das educadoras cooperantes;
- Compreender qual a articulação existente entre os diversos agentes formativos;
- Conhecer o regime de avaliação dos formandos;

São estes os objetivos pré-estabelecidos que nortearam o nosso estudo e que procuraremos dar resposta no Capítulo dedicado à Apresentação e Discussão dos Resultados.

2.3. O contexto da investigação

A Universidade dos Açores foi criada a 9 de Janeiro de 1976, fruto da premência de resposta às necessidades de formação da região. Atualmente conta com cerca de 3488 alunos, 255 docentes e 196 funcionários.

A Universidade dos Açores (UAc) é composta por três pólos, com origens nas cidades de Ponta Delgada (onde se localiza a sede, os principais serviços e a reitoria), Angra do Heroísmo (Ilha Terceira) e Horta (Ilha do Faial). O ensino superior politécnico, que contempla as Escolas Superiores de Enfermagem de Ponta Delgada e de Angra do Heroísmo, é, igualmente, parte integrante desta Universidade.

No entanto, o pólo alvo deste estudo situa-se na ilha de S. Miguel, dado que é somente este que oferece o curso de Educação Básica e o mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico.

Tal como o nome indica, este mestrado integra aprendizagens específicas nas áreas da educação de infância e da docência do 1.º Ciclo do ensino básico. Constituído por 4 semestres letivos, o mestrado aposta em aulas teórico-práticas e em orientação tutórica, comportando ainda, uma iniciação à prática profissional.

2.4. População alvo/ amostra

Para o efeito, apresentamos como população-alvo os alunos mestrados em Educação Pré-escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, no ano de 2014/2015 da Universidade dos Açores - Pólo de São Miguel, Região Autónoma dos Açores, e as respetivas educadoras cooperantes. Dado que a prática pedagógica é realizada a pares, cada conjunto de duas estagiárias é colocado numa sala sob a orientação de uma Educador/a cooperante. Delineamos para nossa amostra quatro educadores cooperantes e oito estagiárias/os.

2.5. Método de investigação

No sentido de dar cumprimento aos objetivos estipulados no nosso estudo, a escolha recaiu sobre a utilização de uma metodologia de investigação de cariz qualitativo, com o

intuito de compreender melhor o fenómeno (a ação educativa em estudo), através de uma aproximação direta com os sujeitos alvos de investigação.

Neste tipo de metodologia, os investigadores analisam uma determinada realidade no seu contexto natural, tentando compreender ou interpretar acontecimentos e testemunhos, relacionando-os com o significado que os autores lhe atribuem. Neste sentido, atribuem mais significado ao processo de investigação do que unicamente aos resultados que decorrem desse processo (Martella, Nelson & Marchand-Martella, 1999).

Segundo Carmo (1998), a investigação qualitativa é, essencialmente, de cariz descritivo sendo, por isso, necessário existir rigor nos dados que são recolhidos, respeitando a forma como estes foram registados ou transcritos.

2.6. Instrumentos da Investigação

Neste estudo, usámos como instrumento, para levantamento de dados relevantes, guiões de entrevista e a análise documental.

A entrevista é uma técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas e, em moldes de diálogo assimétrico, busca obter dados que sejam relevantes à investigação em estudo. “A entrevista pode oferecer dados para comparar evidências coletadas com outras fontes, a fim de ampliar a confiabilidade do estudo, além de oferecer diferentes olhares sobre o evento” (Deus, Cunha & Maciel, nd: 7). Efetivamente, o objetivo da recolha de dados, através da utilização de entrevistas, é o de obter um conjunto alargado de informação que detenha a complexidade contextual do mesmo.

Os guiões de entrevista utilizados foram diferenciados para cada tipo de entrevistado (Anexo 1 - Guião da Entrevista realizada à/ao Estagiária/o; Anexo 2 - Guião da Entrevista realizada ao/à Educador/a Cooperante). Estes guiões foram baseados em Guedes (2011) mas adaptados e construídos de forma a irem ao encontro do enquadramento teórico definido e organizadas em várias secções, de acordo com os objetivos desta investigação.

Estas entrevistas foram, portanto, semiestruturadas, a fim de manter um grau de flexibilidade na exploração das questões, podendo o entrevistador adaptar a entrevista consoante a pessoa que estava a ser entrevistada, “recolher os testemunhos e as interpretações dos interlocutores, respeitando os seus próprios quadros de referência – a sua linguagem e as suas categorias mentais”, e ir colocando novas questões, sempre que considerasse relevante (Quivy e Campenhoudt, 2005: 96).

A análise documental constitui uma técnica importante de abordagem de dados qualitativos pois permite complementar as informações obtidas por outras técnicas de recolha de dados, neste caso, as entrevistas. A utilização desta técnica permitiu uma apreciação de toda a documentação fornecida pela universidade, que orienta a prática dos educadores cooperantes e dos estagiários. Para além disso, permite analisar todos os registos elaborados durante o processo de ensino das atividades desenvolvidas no estágio e possibilita uma perspectiva de avaliação e desenvolvimento profissional dos futuros docentes.

2.7. Faseamento da investigação

Ao iniciar uma investigação, as preocupações fundamentais direcionam-se para o modo como se coloca e elabora o problema e se dá forma aos caminhos a percorrer.

O estudo aqui apresentado passou por várias fases na sua elaboração. Em primeiro lugar, foi feita a revisão da literatura. Fundamentalmente o objeto do nosso estudo revelou-se um procedimento investigativo da maior pertinência, uma vez que foi a partir deste exercício que tomamos conhecimento de alguns trabalhos já realizados nesta área. Por outro lado, foi com base nos pressupostos teóricos que nos foi possível elaborar os guiões das entrevistas, organizar as observações e comparar os nossos resultados com os dos estudos consultados.

Todas as entrevistas foram agendadas previamente, conforme disponibilidade dos entrevistados. Realizaram-se individualmente, sendo os dados registados e gravados pelo pesquisador para posterior análise.

As entrevistas foram realizadas no início do segundo período do ano letivo de 2014/2015, de modo a evitar o final do 1.º período letivo, altura de alguma sobrecarga

de trabalho para os educadores e para as alunas e de menos disponibilidade para colaborar em tarefas desta natureza. Assim sendo, realizámos as entrevistas nos meses de janeiro e fevereiro. As entrevistas foram gravadas em áudio e tiveram uma duração média de 25 minutos.

Em primeiro lugar, tentou-se criar um clima de conversa informal, onde era novamente explicitada a finalidade do estudo, os objetivos e a natureza da entrevista, de uma forma muito breve. De acordo com Bogdan e Biklen (1994), para que o participante se sinta mais à vontade e colabore, é também importante garantir ao entrevistado que o que será dito na entrevista será tratado de forma confidencial e que a investigadora irá preservar o anonimato. O local da realização das entrevistas foi deixado ao critério das entrevistadas, verificando que todas as docentes optavam pela sua realização na escola em que lecionavam, após o período letivo, enquanto que as estagiárias optaram por realizá-las na escola de formação, em espaços o mais calmos possíveis.

Após a realização/gravação das entrevistas, as mesmas foram transcritas, na íntegra, através do processamento de texto. De seguida, procedemos a uma segunda audição das mesmas e a uma revisão das transcrições, no sentido de se garantir a fidelidade às respostas dos entrevistados.

Todas as entrevistas foram codificadas, a fim de garantir o anonimato e permitir uma melhor referenciação dos dados. Assim, cada educadora cooperante entrevistada foi identificada com a letra A, B, C e D e a cada estagiário adicionou-se o número 1 e 2 às letras, de forma a que fosse perceptível os pares que estiveram sob a orientação de cada uma das educadoras para, posteriormente, procedermos à análise crítica e comparativa desses mesmos dados.

Concretizadas as transcrições das entrevistas gravadas, procedemos: ao levantamento dos dados obtidos e à análise crítica dos mesmos sustentada teoricamente e, sempre que possível, complementada com a informação resultante da análise documental; e redação da síntese conclusiva, tendo por base os objetivos iniciais definidos para o estudo.

3. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

3.1. Enquadramento geral

A base da análise de conteúdo está na articulação entre a superfície dos textos (descrita e analisada) e os fatores que determinaram estas características, deduzidos logicamente. De acordo com Bardin (2004: 36), “[a] leitura efectuada pelo analista do conteúdo das comunicações não é, ou não é unicamente, uma leitura «à letra», mas antes o realçar de um sentido que se encontra em segundo plano”. O sentido encontrado dá origem ao agrupamento da informação, que pode ser feito em categorias e/ou subcategorias.

No que concerne às categorias e subcategorias:

A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o género (analogia), com os critérios previamente definidos. As categorias são rubricas ou classes, que reúnem um grupo de elementos (unidades de registo, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efectuado em razão dos caracteres comuns destes elementos.

(Bardin, 2004: 111)

Também para Gibbs (2009), as categorias ou conceitos podem ter origem na literatura investigada, em estudos anteriores, em tópicos no roteiro da entrevista, em percepções sobre o que está a acontecer e assim por diante.

Na presente investigação, a análise de conteúdo partiu de um procedimento fechado, *a priori*, ou seja, foi com base na revisão da literatura efetuada e nos objetivos de investigação elaborados que as categorias e as subcategorias de análise foram definidas.

3.2. Apresentação da análise de conteúdo das entrevistas

Os resultados da análise de conteúdo são apresentados em quadros, em que os entrevistados são designados por A, B, C e D (Educadoras Cooperantes) e por A1, A2, B1, B2, C1, C2, D1, D2 (Estagiários/as), seguidos por uma síntese dos aspetos mais relevantes extraídos das entrevistas.

3.2.1. Análise das entrevistas efetuadas às Educadoras Cooperantes

Quadro 3.1: Caracterização das Educadoras Cooperantes entrevistadas

Identificação das Educadoras Entrevistadas	Sexo	Idade
A	Feminino	35 anos
B	Feminino	32 anos
C	Feminino	37 anos
D	Feminino	39 anos

As Educadoras Cooperantes entrevistadas são todas do sexo feminino e têm idades compreendidas entre os 32 e os 39 anos.

Quadro 3.2: Relação da Instituição de Formação e os Educadores Cooperantes

Categoria	Subcategorias	Indicadores e/ Segmentos de Texto	Inquiridos
Relação da Instituição de Formação e os Educadores Cooperantes	a. Funções desempenhadas como Supervisor/a de estágios da formação inicial.	Supervisionar o estagiário durante o período definido de estágio.	A; B; C
		Orientar os alunos de modo a ajudá-los a desempenhar as suas práticas com sucesso.	A; C; D
		“Avaliar os seus desempenhos.”	A
		Ajudar a atingir os objetivos que a instituição propõe para os estágios.	B; C; D
	b. Documentos e/ou orientações oferecidos pela Instituição antes do início do estágio.	Documento com os objetivos e os parâmetros/grelhas de avaliação.	A; B; C; D
	c. Reuniões realizadas no decorrer do estágio com os supervisores da Instituição de Formação.	Apenas duas. Uma no início e uma no final para a avaliação dos alunos.	A; B; C; D

d. Temas abordados nas reuniões realizadas.	“A primeira reunião serviu para, de uma forma geral, termos conhecimento dos objetivos do estágio e a reunião final que tivemos foi para avaliar os alunos”.	D
	A primeira foi destinada a obter informações sobre o funcionamento do estágio: conhecer os estagiários, a duração do estágio, o tipo de trabalho que teriam de apresentar na Universidade, os trabalhos que teriam de realizar. A última foi destinada à avaliação dos alunos.	A; B; C
e. Regularidade com que os supervisores da Universidade assistem às práticas dos estagiários/as.	Apenas duas vezes.	A; B; C; D
f. Necessidade de mais visitas por parte dos Supervisores. Porquê?	“Eu senti que as alunas, não é que tivessem essa necessidade, mas sentiam falta de apoio por parte da Universidade nesse aspeto”.	A
g. Reuniões realizadas no decorrer do estágio com os supervisores da Instituição de Formação.	“(…) acabei por sentir sim, porque infelizmente tive uma estagiária que se destacou em relação a outra. Uma delas tinha muitas dificuldades e estava em risco de perder o estágio”.	B
	“Não. Acho que foram suficientes”.	C
	“Não senti necessidade, mas acho que assistir às práticas do aluno apenas duas vezes é pouco para se conseguir perceber a evolução do aluno”.	D
h. Os objetivos propostos pela	“Penso que sim”	A; C

	Instituição de formação foram atingidos.	“Sim... mas não foi uma boa experiência e confesso que não voltarei a repetir”.	B
	i. Reconhecimento da importância dos temas abordados nas reuniões realizadas.	“Acredito que sim”.	D
	j. Os responsáveis pela formação da Universidade fornecem as diretrizes necessárias para ser supervisor/a de estágio.	“Não. Devia existir uma preparação prévia ou, pelo menos, uma reunião individual com cada educadora para que a conversa fosse mais individualizada e esclarecedora.”	A
	k. Regularidade com que os supervisores da Universidade assistem às práticas dos estagiários/as.	“Não. Acho que devia haver mais apoio, mais informação pormenorizada e concisa, mais visitas por parte do orientador da Universidade, em que pudéssemos conversar sobre o decorrer do estágio. Sim, porque quando cá vêm é somente para observar os alunos e apenas trocamos um ou dois dedos de conversa”.	B
	l. Necessidade de mais visitas por parte dos Supervisores. Porquê?	“Acho que sim. Eles dão as diretrizes necessárias para sabermos quais são os conhecimentos que os estagiários têm de adquirir, os trabalhos que têm de desenvolver durante esse tempo e os parâmetros avaliativos”.	C
	m. Reuniões realizadas no decorrer do estágio com os supervisores da Instituição de Formação	“Eles dão-nos poucas diretrizes. Entregam os parâmetros avaliativos, dois dedos de conversa e pouco mais do que isso”.	D

Quando questionadas sobre a relação da Instituição de Formação e os Educadores Cooperantes, especificamente sobre as funções desempenhadas com o supervisor/a de estágios da formação inicial, as entrevistadas referem que as mesmas consistem, essencialmente, em orientar, apoiar e avaliar os estagiários, tendo em conta o documento orientador fornecido pela Instituição de Formação.

As reuniões realizadas no decorrer do estágio com os supervisores da Instituição de Formação foram apenas duas, uma no início e outra no fim do estágio, a primeira destinada à apresentação dos estagiários e a última à avaliação.

Os supervisores da Universidade assistem apenas a duas práticas dos estagiários/as, o que a maioria das Educadoras Cooperantes (A; B; D) considera pouco. Manifestam que os objetivos do estágio foram atingidos, no entanto, há necessidade de maior apoio da Universidade para uma melhor condução dos estágios (A; B; D).

Quadro 3.3: Funções do Educador/a Cooperante no processo de supervisão durante o estágio de Educação de Infância

Categoria	Subcategorias	Indicadores e/ Segmentos de Texto	Inquiridos
Funções do Educador/a Cooperante no processo de supervisão durante o estágio de Educação de Infância	a. Formação específica para o desempenho do cargo.	Não.	A; B; C; D
	b. Conhecimentos sobre as funções de um supervisor de estágio na formação inicial. Forma de aquisição dos conhecimentos.	As funções são: Observar, orientar e, posteriormente, avaliar. “Não adquiri em lado nenhum”.	A
		“Somos muitas vezes um modelo para eles”.	
		“O conhecimento que tenho é aquele que eu subentendo. Sendo educadora, acabo por, no meu dia-a-dia, ser uma supervisora nata”.	B
	Transmitir o nosso conhecimento enquanto profissionais, orientá-los nas suas aprendizagens e avaliá-los. “Um dia também fui estagiária”	C	

		<p>Informar o estagiário do trabalho que é desenvolvido na sala de aula, ou seja, a metodologia do trabalho utilizada, o tipo de crianças com quem vão trabalhar e apoiar na parte pedagógica.</p> <p>“Orientar as atividades que serão desenvolvidas e avaliá-las posteriormente”.</p>	D
	<p>c. Funções mais importantes para um/a Educador/a Cooperante realizar o processo de supervisão.</p>	<p>“Saber exercer a profissão da melhor forma, de modo a dar um bom exemplo”.</p>	A
		<p>“(…) conduzir o aluno nas suas aprendizagens. É importante sermos críticos e diretos, levarmos os alunos a refletir sobre as suas ações, ajudá-los a ultrapassar as suas dificuldades”.</p>	B
		<p>“Deve orientar e ser interventivo, sempre que as situações o permitam, para bem do aluno”.</p>	C
		<p>“Ter facilidade em se relacionar e respeitar o outro, com o intuito de cooperar e enriquecer o trabalho do estagiário, sem ter como finalidade penalizar ou prejudicar”.</p>	D
	<p>d. Características mais importantes de um supervisor pedagógico.</p>	<p>“Ser atento, perspicaz, compreensivo, estar predisposto a ajudar”.</p>	A
		<p>“Ser crítico, compreensível e incentivador”.</p>	B
		<p>“Deve ser assertivo. É importante ter conhecimento pedagógico e saber transmiti-lo. Deve ser colaborante, ajudar o aluno a atingir os seus objetivos, tanto dentro como fora da sala de aula, e deve ser justo nas avaliações”.</p>	C
		<p>“Um supervisor pedagógico deve ter conhecimento científico e pedagógico, deve ser uma pessoa sincera, frontal, compreensiva, com preocupação em fazer críticas construtivas e ter facilidade de se relacionar e de</p>	D

		respeitar o outro”.	
	e. Partilha de informação entre os Educadores Cooperantes.	“Sim, conversamos sobre os alunos e os trabalhos sempre que estamos juntos, nos intervalos ou depois das aulas. Inevitavelmente acabamos por comparar um pouco os alunos mediante o seu desempenho, a sua forma de saber estar e aquilo que apresentam nas salas de atividades e, no fim, quando é para avaliarmos os alunos, também conversamos com o intuito de atribuímos notas de forma justa para todos”.	A
		“Sim, trocamos. Acho importante, porque vamos conhecendo os outros alunos, a forma como trabalham, como se ajudam a mutuamente, que trabalhos desenvolvem. Ajuda-nos a perceber se as dificuldades de um aluno são sentidas também pelos outros”.	B
		“Sim (...) Não havia momentos específicos para o fazer, surgia em conversa quando estávamos juntas”. Ficamos a conhecer que os alunos têm ritmos e dificuldades diferentes. “Temos por vezes pontos de comparação de forma a conseguirmos fazer uma avaliação justa”.	C
		Sim. A ajuda das colegas e a troca de ideias possibilitam o enriquecimento não só das atividades e dinâmicas dos estagiários, mas também de nós próprios.	D

No que concerne às **funções do Educador/a Cooperante no processo de supervisão durante o estágio de Educação de Infância**, as entrevistadas consideram que não há necessidade de formação específica e que as funções desempenhadas sintetizam-se em observar, informar, orientar e, posteriormente, avaliar, fundamentalmente transmitir os conhecimentos necessários para o exercício da profissão. Quanto às características mais

importantes que um Educador Cooperante deve possuir, as entrevistadas referem a assertividade, a capacidade de criticar construtivamente, ser imparcial, justo, compreensivo, ter conhecimentos científicos e pedagógicos e conseguir estabelecer boas relações interpessoais.

Há partilha de informações entre as Educadoras Cooperantes com o intuito de compreenderem melhor as dificuldades dos estagiários, enriquecerem as atividades e viabilizarem uma avaliação mais justa.

Quadro 3.4: Processo de supervisão pedagógica durante o estágio em Educação de Infância

Categoria	Subcategorias	Indicadores e/ Segmentos de Texto	Inquiridos
Processo de supervisão pedagógica durante o estágio em Educação de Infância	a. Aspetos mais valorizados no processo de supervisão.	Bom relacionamento com as estagiárias, trabalho em equipa, as novidades trazidas pelas estagiárias para o contexto de sala de aula.	A
		“Poder contribuir para o desenvolvimento profissional das estagiárias.”	B
		O ambiente de partilha criado entre as colegas, no sentido de desenvolvermos estratégias para a melhoria da ação dos estagiários.	C
		“Valorizei a ética profissional, a capacidade inter-relacional e de comunicação dos estagiários. A capacidade de cooperarem e de se ajudarem uns aos outros”.	D
	b. Práticas utilizadas no domínio da pré-observação.	<i>Feedback</i> relativamente às atividades propostas e disponibilização dos materiais necessários.	A; D
		“Ajudei-as na planificação das atividades, forneci-lhes todo o tipo de informação que elas necessitavam”.	B
		Informação sobre o grupo de crianças; perceber o que os estagiários pretendiam fazer ao longo do estágio.	C; D

	c. Aprendizagens mais importantes durante o estágio.	Saber lidar e liderar o grupo; ter em atenção a individualidade de cada criança e saber adequar as atividades às faixas etárias das crianças com quem estão a trabalhar.	A; D
		Saber gerir o grupo, planificar, avaliar, observar os alunos, saber estar nos momentos de rotina. Ser ativo e ter ideias novas.	B; D
		Identificar as suas próprias capacidades e aptidões e desenvolvê-las. Saber lidar com diferentes contextos e dar as melhores respostas às necessidades das crianças.	C
		“Saber avaliar as suas próprias atividades e as das crianças”.	A
	d. Aspetos facilitadores e constrangimentos /dificuldades sentidos no processo de supervisão de estágio.	Facilitadores: “personalidade das estagiárias”. Constrangimentos/dificuldades: “pouca comunicação entre a Escola e a Universidade”.	A
		Facilitadores: forte ligação emocional entre as crianças e as estagiárias. Constrangimentos/dificuldades: falta de tempo e a relação criada com uma das estagiárias.	B
		Facilitadores: criação de uma boa dinâmica de trabalho entre os estagiários e o supervisor. Constrangimentos/dificuldades: falta de tempo; “tentar chamar a atenção para algum aspeto sem que as palavras ofendam ou magoem os estagiários”; procurar não intervir nos momentos de intervenção dos estagiários; a avaliação.	C
Facilitadores: o trabalho em equipa. Constrangimentos/dificuldades: “receio de não ser justa na		D	

		avaliação”.	
	e. Cooperação dos estagiários na planificação e execução das atividades.	São os estagiários que planificam as atividades. Apenas orientava/apoiava.	A; B; C; D
	f. Papel do Educador/Cooperante na fase de observação e na fase de intervenção dos estagiários.	Observar e fazer as devidas anotações do que correu bem e menos bem, de modo dar o <i>feedback</i> no final da semana.	A
		Observar e apoiar, no sentido de identificar se os objetivos estão a ser atingidos.	B
		“Observar e avaliar se a prática coincide com os princípios pedagógicos aprendidos”.	C
		Fase de observação: dar oportunidade aos estagiários de conhecer o grupo sem condicionalismos. Fase de intervenção: dar autonomia aos estagiários e avaliar as intervenções de modo a dar um <i>feedback</i> atempado.	D
	g. Dinâmicas implementadas na fase de pós-observação.	Reunião para a reflexão sobre a ação (pontos fortes e fracos) e orientação para a melhoria das práticas pedagógicas.	A; B, C
		Diálogo com a professora da Universidade de modo a encontrar estratégias de melhoria.	B
		“Auto e heteroavaliação em conjunto”.	D
	h. Contributo das críticas e comentários para o enriquecimento formativo dos/as estagiários/as.	Melhoria contínua das intervenções.	A; B; C; D
		Em um dos casos, não houve grande aceitação.	B; C
	i. Concretização	“Tanto uma como a outra, eu	A

	dos objetivos definidos no início do estágio.	acredito que sim”.	
		Em um dos casos sim, outra/o ficou aquém do esperado.	B; C
		“Com algumas dificuldades, por vezes, mas nada que não tivesse sido ultrapassado e acabaram por concluir o estágio com êxito”.	D

Quanto ao **processo de supervisão pedagógica durante o estágio em Educação de Infância** e quando questionadas sobre o que mais valorizam no processo de estágio, as entrevistas referem o trabalho em equipa, o ambiente de partilha e a cooperação para a melhoria contínua da ação dos estagiários. Uma educadora (A) salienta ainda “as novidades trazidas pelas estagiárias para o contexto de sala de aula.”

Relativamente às práticas utilizadas no domínio da pré-observação, as entrevistadas referem a informação sobre o grupo de alunos, o apoio na planificação e na disponibilização de materiais. É também importante perceber o que os estagiários pretendem fazer ao longo do estágio.

Consideram que as aprendizagens mais importantes efetuadas durante o estágio situam-se em: saber liderar/gerir o grupo, observar, planificar e avaliar, ter em atenção as características das crianças no sentido de adequar as atividades às suas necessidades.

Quanto aos aspetos facilitadores do estágio, as entrevistadas realçam o ambiente de trabalho e as relações entre estagiários, crianças e supervisores. Quanto aos constrangimentos, essencialmente a falta de tempo e também a pouca comunicação entre a Escola e a Universidade, referido por uma educadora (A).

Quanto às planificações, são os estagiários que planificam as atividades e as educadoras orientam e apoiam. Questionadas sobre o papel do Educador Cooperante na fase de observação e na fase de intervenção dos estagiários, as entrevistadas referem, não fazendo grande distinção: observar, apoiar, avaliar e fazer com que os objetivos definidos sejam atingidos. Na fase de pós-observação é feita uma reunião para reflexão (p. ex., auto e heteroavaliação) e identificação dos pontos fortes e fracos com o intuito de encontrar estratégias de melhoria.

Segundo as entrevistadas, deve-se procurar a melhoria contínua ao nível das intervenções feitas pelos estagiários e, na generalidade, os objetivos definidos foram atingidos.

Quadro 3.5: Forma como os Educadores Cooperantes se relacionam e cooperam com as estagiárias durante a prática pedagógica

Categoria	Subcategorias	Indicadores e/ Segmentos de Texto	Inquiridos
Forma como os Educadores Cooperantes se relacionam e cooperam com as estagiárias durante a prática pedagógica	a. Relação com o estagiário ao longo do estágio.	“Companheirismo, cooperação e amizade”.	A
		“Relação, sobretudo, de partilha”.	B
		Informal, colaborativa e de abertura.	C
		“Tenti criar uma boa relação com eles, de maneira a que cooperássemos uns com os outros, que eles se sentissem apoiados”.	D
	b. Periodicidade das reuniões.	Todas as semanas, para além de conversas informais no final das aulas.	A; D
		No final da semana/todas as semanas.	B; C
	c. Temas das reuniões.	Reflexão sobre as atividades desenvolvidas/ <i>feedback</i> e planificação das atividades a desenvolver. Partilha de opiniões.	A; B; C; D
	d. Vantagens das reuniões.	Para dar o <i>feedback</i> aos estagiários e fazer o balanço do desenvolvimento do estágio.	A; C
		Para refletir em conjunto e avaliar criticamente o desempenho, no sentido de melhoria contínua.	B; C; D
	e. Formas de auxílio aos estagiários no decorrer do estágio.	Sempre disponível quando precisavam, tanto nas planificações como no dia-a-dia na sala de aula com as crianças.	A; B
		Refletir sobre as práticas.	B; C
		Dar sugestões de atividades e materiais pedagógicos, disponibilizar	D

		informação: ex., bibliografia.	
f. Comentários feitos aos estagiários.		Auxiliavam e ajudavam a melhorar a prática dos estagiários.	A; B
		Importantes e motivadores. “Falava sobre o porquê das coisas terem corrido menos bem”.	B
		No sentido de os ajudar e de os levar a refletir sobre as suas intervenções.	C
		Construtivos, “tendo sempre o cuidado de lhes dizer de forma a que não se sentissem magoados com o conselho que dava”.	D
g. Intervenção no decorrer das práticas dos estagiários.		Não. Apenas observava e tomava notas.	A
		Apenas quando as estagiárias estavam a sentir dificuldades.	B
		“Tentava não o fazer”. Apenas para chamar a atenção do grupo para fazerem menos barulho e para prestarem atenção à história.	C
		“Muito raramente. Tentava não o fazer”.	D
h. Decisão sobre os temas a explorar no decorrer das aulas.		Os temas já estão predefinidos no início do ano letivo. Somente as atividades relacionados com os temas eram propostas pelos estagiários e aceites por mim.	A; B; D
		“Os estagiários”.	C
i. Experiências que mais contribuíram para o desenvolvimento pessoal e profissional do estagiário durante o processo de supervisão.		Todos os momentos constituem experiências gratificantes. Estão constantemente a adquirir novos conhecimentos, desde o aprender a planificar, a liderar o grupo, a gerir conflitos, a observar e avaliar as crianças individualmente, a produzir materiais.	A; B; D
		“As opiniões, as críticas, o apoio, a relação que se estabeleceu, o trabalho em equipa, os trabalhos desenvolvidos. Todos estes aspetos	C

		contribuíram e muito, a meu ver, para o desenvolvimento deles”.	
		Contar histórias, a colocar a voz, a serem expressivos, a chamar a atenção das crianças, orientá-los.	D

Sobre a **Forma como os Educadores Cooperantes se relacionam e cooperam com as estagiárias durante a prática pedagógica**, as entrevistadas salientam uma relação, sobretudo, de partilha, colaboração, de apoio e abertura. Referem a realização de reuniões semanais para balanço e reflexão das atividades desenvolvidas e planificação das atividades a desenvolver, no sentido de uma melhoria contínua.

Quanto às formas de auxílio aos estagiários no decorrer do estágio, estas ocorriam, essencialmente, ao nível das planificações, atividades e materiais a utilizar, entre outros. Os comentários construtivos efetuados aos estagiários objetivavam a reflexão, o apoio e o incentivo para a melhoria da prática pedagógica.

Os Educadores Cooperantes procuravam não intervir no decorrer das práticas dos estagiários, só quando necessário, por exemplo, para ajudar a gerir o grupo.

A decisão sobre os temas a explorar no decorrer das aulas era feita pelos educadores no início do ano letivo. Apenas uma entrevistada (C) refere que eram os estagiários que decidiam.

Questionadas sobre as experiências que mais contribuíram para o desenvolvimento pessoal e profissional do estagiário durante o processo de supervisão, as entrevistadas referem que todas foram gratificantes, nomeadamente, planificar, liderar o grupo e gerir os conflitos, trabalhar em equipa, observar, orientar e avaliar as crianças.

Quadro 3.6: Preparação profissional do/a estagiário/a no fim do curso de Educação de Infância

Categoria	Subcategorias	Indicadores e/ Segmentos de Texto	Inquiridos
Preparação profissional do/a estagiário/a no fim do curso de Educação de	a. Contributo da formação inicial, para além da prática pedagógica, na preparação para	“A formação inicial não é suficiente, a não ser que existissem mais disciplinas que se debruçassem sobre os futuros estágios”, com exemplos sobre o que pode acontecer na prática. A prática pedagógica é curta e apenas	A

Infância	os desafios colocados durante o estágio.	de observação.	
		“O não saber que tipo de atividades realizar com a faixa etária com que vão trabalhar, como elaborar determinada atividade. O não saberem, efetivamente, o que a Universidade lhes pede na avaliação dos alunos, nos relatórios. Vejo que há muita falta de conhecimento e pouca comunicação”.	B
		“Nenhum estagiário está realmente preparado para tal”.	C
		A formação inicial traz alguns conhecimentos teóricos, mas é no estágio que adquirem determinadas competências.	D
	b. Prática pedagógica como elemento facilitador no processo de iniciação da vida ativa profissional.	Sim. Os conhecimentos são consolidados na prática.	A; B, C; D
		É na prática que adquirem as competências.	C
		É na prática que aprendem a superar as dificuldades que vão surgindo.	D
	c. Dificuldades mais sentidas pelos estagiários na área das relações com os outros intervenientes (coordenador, educador, auxiliares...) e na área da planificação, das práticas, reflexão sobre as mesmas.	Nas relações com os outros intervenientes não apresentaram problemas. Relativamente à prática, tiveram algumas dificuldades, principalmente nas planificações, na prática e nas avaliações dos alunos.	A; C
		Apenas uma estagiária apresentava dificuldades no controlo do grupo, nas atividades a desenvolver, estas eram pobres e desajustadas.	B
		Na adequação das atividades ao grupo e posterior avaliação.	D
	d. Fatores que estão na origem das dificuldades indicadas.	Falta de formação. Deveriam existir mais estágios e disciplinas direcionadas para a componente prática, onde ensinassem a fazer planificações com exemplos práticos de atividades direcionadas para as	A

		diversas faixas etárias, que ensinassem como avaliar essas atividades depois de as colocarem em prática.	
		“Personalidade, falta de prática, falta de apoio mais individualizado”.	B
		“Falta de confiança, associada ao nervosismo, e isso advém, sobretudo, pela falta de prática”.	C
		“Falta de prática e de formação teórica nessa área”.	D
	e. Preparação dos estagiários/as para o exercício da profissão.	Não estão totalmente preparados.	A
		“Uma delas sim, a outra não”.	B
		“Embora não estejam totalmente preparados, serão provavelmente bons profissionais no futuro, ganhando até lá mais alguma prática”.	C
		“Penso que sim, tendo em conta a formação que tiveram”.	D
	f. Dificuldades futuras por parte dos estagiários/as.	Saber lidar com as crianças e identificar as suas necessidades, com os pais, com os outros profissionais.	A; B
		“A gestão de conflitos, as avaliações, as metodologias de trabalho”.	A
		“Planificação, avaliação e todas as burocracias relacionadas com o grupo que orientam”.	C
		Aplicação de grelhas avaliativas e o envolvimento com a comunidade educativa.	D
	g. Fatores que estão na origem das dificuldades indicadas.	“Falta de formação e de experiência em estágios.	A
		Principalmente a falta de prática	B; C; D

Quanto à **preparação profissional do/a estagiário/a no fim do curso de Educação de Infância**, as entrevistadas partilham da opinião que a formação inicial não é

suficiente e a prática pedagógica ministrada é curta e apenas de observação. Consideram que a prática pedagógica é um elemento facilitador no processo de iniciação da vida ativa profissional. As dificuldades sentidas a nível relacional pelos estagiários situaram-se, fundamentalmente, na adequação das atividades ao grupo de alunos e posterior avaliação, originadas, essencialmente, pela falta de prática durante a formação.

As Educadoras Cooperantes consideram que os estagiários, na generalidade, encontram-se minimamente preparados para o exercício da profissão, mas com exceções. As dificuldades com que se irão confrontar recaem na gestão das relações com a comunidade educativa em geral, na identificação das necessidades dos alunos, na planificação das atividades e respetiva avaliação. Novamente destacam que na origem destas dificuldades se encontra a falta de experiência em estágios.

Quadro 3.7: Formas de melhoria da supervisão pedagógica na formação em Educação de Infância

Categoria	Subcategorias	Indicadores e/ Segmentos de Texto	Inquiridos
Formas de melhoria da supervisão pedagógica na formação em Educação de Infância	a. Recebe estagiários/as por opção ou por ordem da sua entidade patronal.	Opção própria. Para passar o meu conhecimento e receber alguma coisa nova. Gosto de fazer.	A; C; D
		“Foi mais ou menos imposto. Disseram-me que seria a única e fizeram um pouco de pressão para que aceitasse”.	B
	b. Conselhos que daria a um colega sobre a receção de estagiários/as.	Diria para aceitar pois trata-se de uma experiência diferente e interessante/gratificante.	A; C; D
		“Diria para pensar bem, ver se tem disponibilidade pois exige algum tempo e paciência. É um esforço adicional que por vezes dá algumas chatices”.	B
	c. Concordância com a realização de estágio a pares.	Concordo, pela partilha de experiências, conhecimentos e pela ajuda mútua.	A; B; D
		“Não concordo, pois há sempre um elemento que se destaca em relação ao outro, ou um que se aproveita do	C

		outro”. “A avaliação seria mais justa porque existiriam mais garantias de que foi o próprio que elaborou o relatório, que fez as planificações, que teve aquelas ideias, que resolveu aquela situação...”.	
d. Duração do estágio realizado no pré-escolar.		Não considero suficiente, sendo apenas no último ano do mestrado.	A
		Não considero suficiente e também acho que o período em que se realiza não é o mais favorável, início do ano letivo, em que as crianças e o próprio educador estão em fase de adaptação.	B
		Não considero suficiente, acho que deveriam ter mais estágios durante a licenciatura.	C
		“Sim e não. Acho que a duração temporal para o no letivo em que se encontram é suficiente, no entanto, considero que deveriam ter mais estágios ao longo do curso”. “Não faz sentido que este seja um estágio inicial já que até aqui nunca tiveram práticas”.	D
e. Número de intervenções que cada estagiário necessita de realizar durante o estágio pedagógico.		“São poucas as intervenções, mas acredito que já lhes dê muito trabalho.	A
		“Acho que não é suficiente. Esta nova modalidade de curso falha em muitas coisas. Na minha altura, tínhamos que realizar atividades todos os dias, às vezes até mais do que uma por dia, consoante a faixa etária do grupo (...). Éramos avaliados por todos os momentos do dia e não apenas pelas atividades planificadas que chamam agora intervenções. Acho que não são verdadeiramente preparados para a atividade profissional”.	B
		Considero suficiente para a duração do estágio.	C; D
f. Aspetos		Mais estágios.	B

importantes para a melhoria da supervisão pedagógica durante a prática pedagógica do curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico.	Existência de mais estágios ao longo do curso e não apenas no último ano de mestrado. Duração maior, sem interrupções para deslocação à Universidade, com semanas intensivas de estágio de modo a acompanharem todas as rotinas das crianças.	A
	Mais disciplinas relacionadas com a prática antes dos estágios, como forma de preparação.	A; B
	“A forma como o curso está organizado, o que faz a mim e às colegas um pouco de confusão, a quantidade de estágios que têm e a altura do ano em que se realizam”.	C
	O número de estagiários por sala.	
	Supervisão mais frequente pelos supervisores da Universidade. O que faria com que os alunos se sentissem mais apoiados.	D

Sobre as **formas de melhoria da supervisão pedagógica na formação em Educação de Infância** e quando questionadas sobre se recebem os estagiários/as por opção ou por ordem da sua entidade patronal, três educadoras (A; C; D) mencionam que é por opção própria, apenas uma (B) refere que “foi mais ou menos imposto” pela Escola, já que seria a única que reunia as condições para tal, e recomendariam aos colegas para aceitarem (A; C; D).

Acerca da concordância com a realização de estágio a pares, três educadoras (A; B; D) referem que sim, pela partilha de conhecimentos e experiências e ajuda que se verifica, e uma educadora (C) manifesta a sua discordância, justificando da seguinte forma “há sempre um elemento que se destaca em relação ao outro, ou um que se aproveita do outro. A avaliação seria mais justa porque existiriam mais garantias de que foi o próprio que elaborou o relatório, que fez as planificações, que teve aquelas ideias, que resolveu aquela situação.”

Quanto à duração do estágio realizado no pré-escolar, as entrevistadas consideram que não é suficiente e que deveriam existir mais estágios durante o curso.

Relativamente ao número de intervenções que cada estagiário necessita de realizar durante o estágio pedagógico, as opiniões dividem-se. Enquanto duas educadoras consideram suficiente, tendo em conta a duração do estágio (C; D), outras duas não (A; B).

Os aspetos apontados para a melhoria da supervisão pedagógica durante a prática pedagógica do curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, prendem-se, fundamentalmente, com a realização de mais estágios durante o curso, mais disciplinas relacionadas com a prática, antes dos estágios, como forma de preparação, e uma supervisão mais frequente pelos supervisores da Universidade, o que faria com que os estagiários se sentissem mais apoiados.

3.2.2. Análise das entrevistas efetuadas aos Estagiários/as

Quadro 3.8: Caracterização dos/as estagiários/as entrevistados/as

Identificação dos/as Estagiários/as	Sexo	Idade	Curso Universitário em que se insere o estágio pedagógico realizado no pré-escolar	Educadora Cooperante
A1	Feminino	23 anos	Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º CEB	A
A2	Feminino	23 anos	Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º CEB	A
B1	Feminino	26 anos	Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º CEB	B
B2	Feminino	26 anos	Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º CEB	B
C1	Masculino	24 anos	Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º CEB	C
C2	Feminino	23 anos	Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º CEB	C
D1	Masculino	23 anos	Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º CEB	D
D2	Feminino	23 anos	Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º CEB	D

Dos oito estagiários entrevistados, seis são do sexo feminino e apenas dois do sexo masculino e têm idades compreendidas entre os 23 e os 26 anos. Todos se encontram a frequentar o Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º CEB.

Quadro 3.9: Informação geral sobre o Curso

Categoria	Subcategorias	Indicadores e/ Segmentos de Texto	Inquiridos
Informação geral sobre o Curso	a. Forma como o curso está organizado.	“Deveria ser apenas direcionado para a educação pré-escolar ou para o 1º CEB, de modo a ficarmos com uma formação mais sólida”.	A1
		Há disciplinas desnecessárias, cuja informação, em algumas situações, é contraditória. Necessidade de maior comunicação entre os profissionais.	A2; B1
		Mais contacto com outros profissionais e com as crianças desde o 1º ano do Curso.	B1; C1
		Mais prática e menos teoria.	B1; B2; C1
		O curso está bem organizado, ao encontro das nossas necessidades enquanto futuros professores e educadores, nomeadamente através das suas componentes teórica e prática.	C2; D1; D2
	b. Número de estágios realizados ao longo da formação.	Mini estágio (duas vezes por semana) com duração de um semestre, no 3º ano do Curso, realizado ou no pré-escolar ou no 1º ciclo. Dois estágios no mestrado, um no pré-escolar e outro no 1º CEB.	A1; A2; B1; B2; C2; D1; D2
		“Dois estágios, um no pré-escolar e outro no 1º CEB. Com duração de três meses, mas apenas com cinco intervenções”.	C1
	c. Relevância dos estágios na formação geral como futuros/as educadores/as.	Muita relevância/importância.	A1; A2; B1; B2; C1; C2; D1; D2
		Devido ao contacto com a realidade profissional e tomada de consciência sobre a permanência na profissão.	A1
Para a aprendizagem sobre e para a futura profissão.		A2; B2; C2	

		Permitem perceber as técnicas de aprendizagem, identificar as dificuldades sentidas e as formas de as ultrapassar, as atividades a implementar e como avaliar as aprendizagens dos alunos.	B1; C1
		Permitem “colocar em prática toda a teoria anteriormente aprendida”.	D2
d. Áreas de intervenção e duração temporal.		Quanto mais prática melhor. É tudo muito teórico. Teria sido importante um estágio na Creche.	A1; B2
		Não foram suficientes.	A2; B2; C1; C2
		“Acho que os estágios deviam ter começado mais cedo, ou termos mais práticas em vez de tantas disciplinas. Muitas vezes não estamos preparados para as situações que vão surgindo no estágio”.	A2
		O tempo de observação não foi suficiente mas o de intervenção foi.	B1
		“As áreas de intervenção foram suficientes, mas preferia ter tido estágios durante o curso e não só no mestrado.	D1
		“Acho que sim”.	D2
	e. Objetivos que a instituição de formação propõe para o Curso.		“Saber o máximo possível para lecionar no futuro. Principalmente no 1º CEB”.
		Formar profissionais competentes e autónomos.	A2; D2
		Preparar para a vida profissional no pré-escolar e no 1º CEB.	B1; B2; D1
		“Saber planificar e adequar as atividades para os alunos, aprender os conteúdos programáticos, como se faz e organiza as sequências didáticas,	C1

		avaliar as crianças”.	
		“Preparação teórica para lecionar, desde a aquisição de conhecimentos, metodologias, modelos pedagógicos, até a preparação e aplicação de uma prática de qualidade”.	C2
	f. Objetivos foram atingidos.	Sim. Os mínimos necessários.	A1; A2
		Sim. O <i>feedback</i> tem sido positivo.	B1
		Talvez, não tenho a certeza. Não me sinto ainda totalmente confiante.	B2
		De certa forma sim. Sempre dei o meu melhor e tentei, sempre que possível, melhorar as situações e aspetos menos positivos que me foram referidos.	C1
		“Sim. Acho que consegui adquirir os conhecimentos académicos necessários para um bom desempenho profissional”.	C2
		“Sim. Uma vez que todas as disciplinas foram realizadas com sucesso e o estágio não correu mal”.	D1
		“Sim”.	D2
	g. Contributo da formação inicial, para além da prática pedagógica, na preparação para os desafios colocados	“Nem por isso”. Faltam as bases para ensinarmos. É tudo muito teórico, temos que seguir as metas, mas não dizem como se ensina.	A1
		Não, de maneira nenhuma. Não considero que tenha sido suficiente.	A2; B2

	durante o estágio.	Não, não, de maneira nenhuma. Senti muita dificuldade nos conteúdos. Só percebi a ligação das áreas de conteúdo com as metas, as orientações(...) com o meu trabalho e não que me tivessem explicado ou ensinado”.	B1
		“Não. Uma coisa é a teoria que nos apresentam na formação inicial, outra coisa é vivenciar um estágio. Um estágio é saber lidar com a turma, reconhecer os seus interesses, proporcionar atividades interessantes e dinâmicas, controlar o grupo, diversificar as metodologias na sala de aula (...), são coisas que só se aprende no estágio”.	C1
		“Sim, mas talvez não totalmente”. A preparação inicial é o pilar, mas há algo que ficou por aprender.	C2
		“Acho que posso dizer que sim. Nas diversas disciplinas trabalhamos e realizamos atividades que poderiam ser colocadas depois em prática, mas é sempre essencial o trabalho constante de pesquisa individual”.	D1
		“Claro, sem a formação inicial muito dificilmente conseguiria realizar os estágios”.	D2
		h. Falhas sentidas durante o Curso.	“É tudo muito teórico. Ensinam-nos o que ensinar mas não como ensinar”.
	Necessidade de maior adequação com a prática.	A2; B2; C1; D2	
	“Melhor preparação em diversos conteúdos”.	B1	

		“A adequação de certos materiais /atividades aos anos de escolaridade dos alunos e ao modo de avaliar as suas aprendizagens”.	C1
		Apoio aos alunos na aquisição de recursos didáticos, reestruturação de algumas unidades curriculares da Licenciatura, contacto mais cedo com os ambientes escolares e educativos. “Acho que esta nova dinâmica de Licenciatura veio perder um pouco em relação ao passado, principalmente no que diz respeito à parte prática do curso”.	C2
		“Os estágios pedagógicos deveriam ser realizados desde o 1º ano, para que os alunos já tivessem mais algumas bases para a realização do estágio final”.	D1

Questionados sobre o **curso que frequentam**, nomeadamente sobre a forma como está organizado, as opiniões divergem. A1 refere que este deveria estar apenas direccionado para a educação pré-escolar, de modo a fornecer uma formação mais sólida. Metade dos inquiridos (A2; B1; B2; C1) refere a necessidade de uma maior componente prática, que proporcionasse contactos com as crianças e outros profissionais desde os primeiros anos do curso. Já três inquiridos (C2; D1; D2) referem que o curso está bem organizado, indo ao encontro das necessidades profissionais futuras.

Quanto aos estágios, os inquiridos referem que durante o curso teve lugar um mini estágio (duas vezes por semana) com duração de um semestre, no 3º ano do Curso, realizado ou no pré-escolar ou no 1º CEB, e dois estágios no mestrado, um no pré-escolar e outro no 1º CEB. Todos foram muito importantes pois permitiram o contacto com a realidade profissional. Quanto às áreas e a duração dos estágios, as opiniões divergem, apenas D2 refere que foram adequadas, sendo mais consensual a ideia de que não foram suficientes e que poderia ter existido um estágio na Creche.

Quando questionados sobre os objetivos do curso, é praticamente consensual o preparar para a vida profissional, ministrando os conteúdos necessários, e consideram também que os mesmos foram, na generalidade, atingidos.

Solicitados para responderem se a formação inicial, para além da prática pedagógica, prepara para os desafios colocados durante o estágio, a maioria refere que não (A1; A2; B1; B2; C1) e apontam como principais falhas: o curso “ser muito teórico”, a falta de adequação dos conteúdos teóricos às práticas, a falta de apoio aos alunos na aquisição de recursos didáticos e a escassez de estágios.

Quadro 3.10: Processo de formação – Estágio Pedagógico no Pré-Escolar

Categoria	Subcategorias	Indicadores e/ Segmentos de Texto	Inquiridos
Processo de formação – Estágio Pedagógico no Pré-Escolar	a. Colaboração na planificação das atividades a realizar.	Nós planificamos e o orientador da Universidade dá o parecer antes de implementarmos.	A1
		“Eu tinha as sugestões, mas tinha que comunicar à educadora e juntas é que definíamos as atividades que iríamos aplicar”.	A2
		Sempre planifiquei as atividades.	B1; B2; C1; C2; D1; D2
	b. Tipo de colaboração à Educadora Cooperante.	Mostrava sempre disponibilidade para cooperar com alguma atividade e/ou material.	A1; A2; B2; C1; D2
		Apoiou no início com os temas já planificados. Antes da intervenção comunicávamos o tipo de atividades propostas para a sua aprovação. Apoiava diariamente nas rotinas das crianças	B1
		“Durante cada intervenção, procurei ter em atenção as necessidades do grupo, a partir da conversas com a Educadora Cooperante, o que me permitiu elaborar atividades que iam ao encontro das suas necessidades e, claro, tendo em conta também o trabalho da própria educadora titular”.	C2

		“Participava em diversas atividades, tanto naquelas que eram realizadas pela educadora, como pela estagiária que estava na sala comigo”.	D1
	c. Número de intervenções efetuadas na sala do pré-escolar e respetiva duração.	Cinco intervenções individuais e duas com o par pedagógico.	A1
		“Fiz sete intervenções, ou seja, sete semanas. Uma de três dias e outras de semana inteira”.	A2
		Cinco intervenções. Duas de cinco dias (“semana intensiva”) e as restantes de três.	B1; C1; C2; D1; D2
		Sete intervenções. Cinco intervenções individuais, das quais três durante três dias e duas durante cinco dias, e duas com o par pedagógico (duas semanas).	B2
	d. Organização/participação em atividades fora de sala de aula com as crianças.	Realização de uma visita de estudo ao Observatório Cronológico e Geotérmico do Açores (Lagoa).	A1
		Participação numa visita de estudo ao Observatório Cronológico e Geotérmico do Açores (Lagoa) com a colega estagiária.	A2
		“Sim, fiz na biblioteca e aos correios, esta última orientada pela Escola”.	B1
		“Sim, fizemos na biblioteca e no pavilhão”.	B2
		Participação numa visita de estudo à Fábrica de Chá do Porto Formoso, já planeada no Plano Anual de Atividades.	C1
		Não.	C2; D2
		Visita de estudo aos correios.	D1
	e. Partilha de opiniões com colegas em	Sim, com um grupo restrito de amigos. “Geralmente, nós trabalhamos quase sempre os mesmos temas, portanto, trocamos	A1

relação à planificação/concretização das atividades.	ideias entre nós”.	
	Sim, principalmente com a colega de estágio.	A2; B1
	“Sim”.	B2
	Sim, com os colegas de estágio partilhava as minhas ideias e experiências, e com a educadora.	C1
	“Sim, no dia de planificação conjunta, geralmente após a última intervenção, na qual tínhamos oportunidade de partilhar ideias de trabalho e apresentar e discutir a próxima intervenção”.	C2
	“Sim, com o meu par pedagógico (...) e com o colega que já tinha realizado estágio na mesma escola”.	D1
	“Sim, havia partilha de ideias e sugestões”.	D2
f. Importância das relações interpessoais no estágio.	“O estágio corre melhor se nós conseguirmos ter uma ligação mais próxima, não só com as crianças, com a educadora. Se a nossa relação, principalmente, com a educadora não for boa, é capaz das coisas não correrem muito bem”.	A1
	“Ajuda a construir a perceção que as pessoas têm de nós, que geralmente nunca é a mesma que nós temos”.	A2
	Muito importante, tanto com o par pedagógico, como com a educadora.	B1
	Muito importante, reforçamos relações e “sentimo-nos mais à vontade e tudo se desenrola mais facilmente”.	B2
	“Sim, quanto melhor for a nossa relação com a educadora cooperante, melhor será a interajuda e o espírito de equipa”.	C1

		“Sim, considero”. As relações com os colegas, com os professores orientadores, com a educadora cooperante e restantes elementos envolvidos permitem uma reflexão sobre o nosso próprio desempenho.	C2
		“São a base para que haja um bom relacionamento entre estagiário e crianças, facilitando o processo de ensino e aprendizagem”.	D1
		“É fundamental existir uma boa relação entre os colegas de estágio, com a Educadora Cooperante e com as crianças, de modo a criar um bom ambiente”.	D2
	g. Orientação do processo de supervisão para a reflexão e melhoria das práticas.	Sim, sempre após uma intervenção a Educadora Cooperante referia o que correu bem e menos bem e o que deveria melhorar. “Ela está sempre a me observar e depois dá sempre a sua opinião”.	A1
		“Poderia ter sido mais”, apesar das planificações terem sido feitas em conjunto, depois de as colocarmos em prática, não havia <i>feedback</i> .	A2
		“Não muito. Fazíamos reuniões em que conversávamos sobre a prática, mas a educadora pouco ou nada falava, acabava por não ajudar”.	B1
		“Nem sempre. Deviam pensar, às vezes, na forma como as coisas são ditas. Foi sempre tudo dito de uma forma muito negativa”.	B2
		Sim, refletíamos sobre os momentos bons para continuarmos e sobre os menos bons para tirarmos partido dos mesmos e melhorarmos.	C1
		“No geral sim, a supervisão efetuada levou a que se percebesse a minha	C2

		evolução enquanto estagiária”.	
		“Sim, fui sempre orientado antes de cada intervenção, tanto pela Educadora Cooperante como pelo orientador do estágio”, e posteriormente, faziam um balanço da minha prática.	D1
		“Sim, é através de críticas construtivas que conseguimos crescer e evoluir”.	D2
	h. Forma construtiva como eram feitas as apreciações.	Todas as críticas construtivas eram bem-vindas. Feitas pela Educadora Cooperante e pelos supervisores da Universidade. “tentava seguir os conselhos que me davam.”	A1
		Sim, tentavam explicar o porquê e não apenas que algo estava mal feito. “Aceitava e tentava melhorar.”	A2
		Pelos professores da Universidade sim, mas a Educadora Cooperante não tinha um diálogo muito aberto, não dava <i>feedback</i> .	B1; B2
		Sim, aceitava estas apreciações sempre como uma maneira de evoluir e melhorar a minha prática/intervenções futuras.	B2; C1; C2; D1; D2
	i. Dimensões mais apreciadas na prática pedagógica no contacto direto com as crianças.	Conhecer o grupo, as suas necessidades e toda a dinâmica que o envolve.	A1
		Intervir em todas as rotinas: participar na higiene, almoços, intervalos, ou seja, fora da sala de aula.	A2

		Ver que estão a aprender e a aplicar o que estamos a transmitir, dentro e fora da sala de aula.	B1; B2; C2
		A parte afetiva com as crianças.	B2; C2
		Vivenciar todas as dificuldades e a evolução/crescimento dos alunos.	C1; D2
		Ligação com os encarregados de educação.	C2
		“Planificar, tendo em conta as particularidades de cada criança”, e “preparar os materiais para as atividades”. Mas, principalmente, do “contacto direto com as crianças, de estar com elas e participar nas suas brincadeiras”.	D1
	j. Estágio como facilitador no processo de iniciação à vida profissional.	Foi neste estágio que percebi o funcionamento das aulas, participar diretamente nas rotinas das crianças e ter consciência da realidade.	A1; A2; B1; B2;
		É o primeiro contacto com a escola, com os agentes educativos, com os alunos. Contribui para a nossa formação pessoal, social e profissional.	C1; C2
		“Permitiu colocar em prática todos os conhecimentos adquiridos ao longo do curso”, experimentar diversas dinâmicas de trabalho e receber <i>feedback</i> e apreciação da cooperante e do orientador de estágio.	D1
		“Sim, porque dá-nos bagagem prepara-nos para o futuro”.	D2

k. Fatores facilitadores e constrangimentos do estágio	Facilitadores: bom ambiente com as educadoras, crianças e orientadora da Universidade. Constrangimentos: quando as atividades não corriam bem, era difícil pensar rapidamente em outra.	A1
	Facilitadores: ter tido sempre ajuda quando necessitava. Constrangimentos: turma um pouco difícil, “grupo agitado, o que por vezes dificultou a realização das atividades.”	A2
	Facilitadores: apesar da educadora não ter dado ideias, deixou-me sempre à vontade. Constrangimentos: a comparação feita pela educadora com o meu par pedagógico.	B1
	Facilitadores: “trabalhar bem com o par pedagógico” e a ligação com as crianças. Constrangimentos: “fazerem-me sentir que tudo o que eu tentava fazer não estava suficientemente bem”.	B2
	Facilitadores: os grupos de crianças e as orientadoras cooperantes. Constrangimentos: “exploração de uma temática para a qual não estava tão preparado”.	C1
	Facilitadores: “boa relação com todos, crianças e adultos”. Constrangimentos: “gerir, por vezes, os comportamentos dos grupos”.	C2

		Facilitadores: “ relação com o par pedagógico, com a cooperante e com as crianças. Constrangimentos: “grande ansiedade e nervosismo antes das intervenções”.	D1
		Facilitadores: “boa relação com as crianças e adultos”. Constrangimentos: “elaborar todos os documentos que tinham que ser entregues, as planificações, os relatórios, todas essas papeladas”.	D2
	I. Mudanças na supervisão, por parte da Instituição de Formação, no apoio aos estagiários.	A nota só deveria ser dada pelos professores que observam os estagiários. Todos os professores deveriam observar todos os alunos.	A1; A2
		Ter apoio mais individualizado na construção de materiais.	B1
		Mais apoio, mais supervisão, um acompanhamento mais individualizado.	B2; C1
		Atribuir maior percentagem à nota da Educadora Cooperante, pois é quem nos acompanha em todos os momentos.	C1
		Não tenho razões de queixa na maneira como foi feita a supervisão.	C2; D2
		Realização de mais visitas para conhecerem melhor a nossa prática.	D1

Sobre o **processo de formação – Estágio Pedagógico no Pré-Escolar**, especificamente sobre as planificações, são os estagiários que planificam as atividades e implementam com a aprovação do orientador. Quanto à colaboração com a Educadora Cooperante,

havia, por parte dos estagiários, disponibilidade para cooperar com as atividades e/ou materiais.

Quanto ao número de intervenções efetuadas, os inquiridos referem o total de sete, duas de cinco dias (“semana intensiva”) e as restantes de três. Na organização de atividades fora de sala de aula com as crianças, apenas dois estagiários (C2; D2) não tiveram participação.

De acordo com os inquiridos, há uma partilha de opiniões na planificação/concretização das atividades, nomeadamente com o par pedagógico, considerada muito importante para o reforço das relações, para facilitar o processo de ensino e aprendizagem e para criar um bom ambiente de trabalho.

Questionados sobre a orientação do processo de supervisão para a reflexão e melhoria das práticas, as opiniões divergem. Enquanto alguns inquiridos (A1; C1; C2; D1) referem a reflexão conjunta com a Educadora Cooperante, e em alguns casos com o orientador da Universidade, antes e após as intervenções, outros (A2; B1; B2) manifestam que deveria ter havido mais *feedback* ou mesmo que este não existiu (B1; B2). As críticas, de um modo geral, eram construtivas, o que permitia a evolução e a melhoria das práticas.

As dimensões mais apreciadas na prática pedagógica no contacto direto com as crianças, prendem-se com a relação com o grupo de alunos, observar as suas aprendizagens e a forma como aplicam os conhecimentos dentro e fora da sala de aula. Foi também salientada a ligação com os encarregados de educação (C2). Os inquiridos destacam que o estágio facilita o processo de iniciação à vida profissional, pois permite perceber o funcionamento das aulas, participar diretamente nas rotinas das crianças, colocar em prática os conhecimentos adquiridos ao longo do curso e ter consciência da realidade.

Solicitados a responderem sobre os fatores facilitadores do estágio, evidenciam: o bom ambiente com as educadoras, crianças e orientadora da Universidade, o apoio recebido, o trabalho desenvolvido com o par pedagógico. Quanto aos constrangimentos, salientam: o grupo um pouco difícil, o que dificultou a concretização das atividades, a comparação feita com o par pedagógico pela Educadora Cooperante, as críticas

destrutivas, a elaboração dos documentos solicitados e o gerir a ansiedade e o nervosismo antes das intervenções.

Foram sugeridas as seguintes mudanças na supervisão, por parte da Instituição de Formação, no apoio aos estagiários: apoio mais individualizado, a nota ser dada pelos professores que observam os estagiários ou todos os professores observarem todos os alunos, maior percentagem da nota da Educadora Cooperante, pois é quem acompanha os estagiários em todos os momentos, realização de um maior número de visitas por parte dos orientadores para conhecerem melhor a prática dos estagiários.

Quadro 3.11: Papel do Supervisor/a da Universidade

Categoria	Subcategorias	Indicadores e/ Segmentos de Texto	Inquiridos
Papel do Supervisor/a da Universidade	a. Visitas realizadas durante o estágio.	Duas vezes, mas se fosse mais seria melhor. Observava, tirava notas e, no final, dava o seu parecer.	A1; A2; D1;
		Duas vezes, mas considero suficientes. Observava, tirava notas e, no final, dava o seu parecer.	B1; C2; D2
		Não foram suficientes. Observava e no final fazia uma apreciação.	B2; C1
	b. Realização de seminários/ reuniões na instituição de formação.	Sim, reuníamos todas as 4 ^a feiras e tínhamos aulas na Universidade. Partilhávamos as nossas atividades, experiências, conversávamos sobre o que estava a correr bem e menos bem, aprendíamos sempre alguma coisa.	A1; D1; D2
		Todas as semanas. Éramos muitos alunos nas reuniões e foram poucas as vezes que os comentários do professor me conseguiram ajudar.	A2; B1

		Uma reunião semanal. Foram importantes. Há sempre partilhas de opiniões, trocas de ideias que nos ajudaram na prática educativa.	B2; C1; C2
	c. Características que um supervisor pedagógico deve possuir.	Formação e terem trabalhado na área.	A1
		Ter “muita disponibilidade e ter conhecimento na área, sobretudo”.	A2
		Ser Humano e respeitar a opinião e o trabalho do outro, humilde, compreensível e exigente. Dizer o que está mal e o porquê.	B1
		“Deve ser imparcial, primeiro e estar disponível para ajudar”.	B2
		Responsável, crítico e justo nas avaliações e argumentações.	C1
		Competente, justo e imparcial.	C2
		Responsável, calmo, flexível, bom ouvinte, aberto às ideias do estagiário.	D1
		“Dever ser uma pessoa justa, crítica, verdadeira e amiga”.	D2

Quanto ao **papel do Supervisor/a da Universidade**, especificamente quanto às visitas realizadas durante o estágio, estas ocorreram duas vezes, em que o orientador tirava apontamentos e, no final, fazia uma apreciação. A maioria dos entrevistados (A1; A2; B2; C1; D1) considera que poderiam ter sido feitas mais visitas.

Foram realizados semanalmente seminários/reuniões na Universidade, considerados pelo inquiridos importantes para a partilha de opiniões / ideias / experiências (A1; B2; C1; C2; D1; D2), mas para alguns estagiários (A2; B1), devido ao grande número de pessoas presentes, as reuniões não foram muito produtivas.

Solicitados a evidenciar as características que um supervisor pedagógico deve possuir, os inquiridos enumeram várias, das quais destacam-se: ter

formação/conhecimento na área e experiência na orientação de estágios, ser justo, imparcial, exigente, flexível, saber ouvir, estar disponível e aberto às sugestões do estagiário.

Quadro 3.12: Papel do Educador/a Cooperante

Categoria	Subcategorias	Indicadores e/ Segmentos de Texto	Inquiridos
Papel do Educador/a Cooperante	a. Reunião com o Educador/a Cooperante.	Sim, quando terminavam as intervenções. Se as intervenções tinham a duração de uma semana, reuníamos para o balanço da semana.	A1; A2; B1;
		Sim. Uma vez por semana/Final da semana.	B2; C1; C2; D1
		“Sim, todos os dias no final da prática”.	D2
	b. Objetivos das reuniões.	Fazer o balanço da semana e conversar sobre as planificações seguintes.	A1; A2; D1
		Fazer um balanço dos três dias ou da semana intensiva.	B1; B2
		Planificar em conjunto e verificar se as atividades programadas estavam adequadas ao grupo de alunos e como iriam funcionar.	C1
		Elaboração de atas sobre o desempenho de cada intervenção e conversação sobre as novas práticas educativas.	C2
		Reflexão sobre a prática realizada naquele dia e sobre as atividades a apresentar na prática seguinte. Também sobre o que poderia ser melhorado.	D2
	c. Vantagens das reuniões.	Conhecimento por parte da Educadora Cooperante do trabalho que estava a desenvolver.	A1

		Ajudava a refletir e a melhorar as nossas intervenções.	A2; B1; B2; C1; D1; D2
		Permitiam adequar os planos de trabalho às necessidades do grupo, através das sugestões dadas, principalmente no início do estágio.	C2
d. Forma como a Educadora Cooperante a/o auxiliou durante o estágio.		Ajudava em tudo o que precisava: planificação, informações sobre o grupo e fornecendo material.	A1; A2; C1; C2; D1; D2
		Não auxiliou.	B1; B2
e. Comentários feitos pela Educadora Cooperante nos momentos de reflexão.		Críticas/comentários construtivos.	A1; C2; D1; D2
		“Parecia que nada podia estar totalmente bem”.	A2
		“Muito, muito gerais”.	B1
		“Nem sempre foram comentários construtivos”.	B2
		“Todos as opiniões e comentários eram úteis, fossem eles positivos ou negativos”.	C1
f. Assistência de todas as intervenções.		Ausentou-se uma ou outra vez, mas por períodos curtos de tempo.	A1; A2
		Ausentava-se por vezes da sala.	B1; B2
		Sim.	C1; C2; D1; D2
g. Intervenção da Educadora Cooperante no decorrer da prática.		Por vezes intervinha para orientar o grupo.	A1; B1; B2; C1; C2; D1
		“Não”.	A2
		“Muito raramente, por norma ficava a observar”.	D2

	h. Decisão sobre os temas a explorar durante a prática pedagógica.	A educadora, no início do estágio, apresentou os temas para trabalharmos e, a partir daí, elaborámos as atividades.	A1; A2; B1; B2; C1; C2; D1; D2
	i. Papel desempenhado pela Educadora Cooperante no desenvolvimento pessoal e profissional do estagiário.	“Todas as críticas feitas, positivas ou negativas, faziam-me crescer e melhorar as minhas práticas”.	A1
“Desenvolvimento pessoal acho que não.” Quanto ao profissional, a educadora é um modelo. “Dou por mim a imitar um pouco a sua postura na sala e a interiorizar algumas que admiro”.		A2	
Teve um papel importante nos dois níveis.		B1; D1	
“A nível pessoal acho que em nada mesmo”. A “nível profissional também desempenhou um papel muito fraco”..		B2	
“Fez-me tornar não só um melhor profissional como fez-me crescer a nível pessoal”.		C1	
“Teve um papel muito importante”. “Os educadores, quando bons profissionais, servem-nos como modelos a seguir”.		C2	
“Teve um papel importante porque partilhou conhecimentos e ideias relevantes para o futuro”.		D2	
	j. Tipo de relação com o/a Educadora Cooperante	Muito boa, tanto pessoal como profissional.	A1; A2
Boa.		B1; D1	
“Nenhuma...uma relação muito distante”.		B2	
“Uma relação sólida e de confiança. De espírito de equipa e interajuda, de amizade e respeito.		C1	
“Uma relação profissional”.		C2	

		“Mantive uma relação de amizade”.	D2
k. Relação que um Educador Cooperante deve manter com o estagiário		“A melhor possível”.	A1
		“Deve ser amigo, que ajude, que goste de acompanhar o aluno”.	A2
		Relação de abertura e de confiança.	B1; C1; C2
		Relação positiva e de ajuda/compreensão.	B2; C2; D2
		“Uma relação de entreajuda, sobretudo”.	D1
l. Critérios orientadores para a escolha dos Educadores Cooperantes/ Características que devem possuir.		“Que queiram mesmo ser Educadores Cooperantes”.	A1
		“Devem ser bons profissionais e estarem habituados a receber estagiários”.	A2
		Anos de serviço e experiência de orientação. “Exigente e, sobretudo, que soubesse orientar o aluno”.	B1
		Conhecer bem o perfil do educador e o tipo de trabalho que desempenham.	B2
			C1
		“Devem ser competentes, ter espírito de abertura e imparciais”.	C2
		“Tal como os orientadores, devem ser responsáveis, calmos, flexíveis, bons ouvintes, abertos às ideias dos estagiários”.	D1
		“Sobretudo, têm que ser bons profissionais, justos, verdadeiros, simpáticos e críticos”.	D2

Relativamente ao **papel da Educadora Cooperante**, especificamente quanto às **reuniões realizadas**, estas ocorriam semanalmente e tinham como principais objetivos: fazer o balanço da semana e planificar as atividades seguintes. De acordo também com os inquiridos, as reuniões ajudavam a refletir e a melhorar as intervenções futuras dos estagiários.

Quanto à forma como a Educadora Cooperante auxiliou o estagiário durante o estágio, a maioria (A1; A2; C1; C2; D1; D2) refere que ajudou em tudo: na planificação, informações sobre o grupo e fornecendo material. Apenas dois inquiridos (B1; B2) referem que não auxiliou. Quanto aos comentários efetuados, a maioria (A1; C1; C2; D1; D2) diz que foram construtivos/úteis. Quanto à assistência das intervenções, a maioria dos inquiridos refere que a Educadora Cooperante estava sempre (C1; C2; D1; D2) ou quase sempre presente na sala (A1; A2) e só intervinha quando necessário.

Relativamente à decisão sobre os temas a explorar durante a prática pedagógica, estes eram definidos pela Educadora Cooperante no início ano letivo e os estagiários elaboravam as respetivas atividades.

Questionados sobre o papel desempenhado pela Educadora Cooperante no desenvolvimento pessoal e profissional do estagiário, este foi considerado importante, essencialmente ao nível profissional, pela partilha de conhecimentos e pelas críticas efetuadas. Apenas um inquirido (B2) refere o fraco papel desempenhado, tanto a nível pessoal como a nível profissional.

A relação estabelecida entre os estagiários e a Educadora Cooperante foi, em geral, boa, tanto profissional como pessoal. Apenas um inquirido (B2) refere que a mesma foi muito distante. Mas quando questionados sobre a relação que um educador deve manter com o estagiário, os inquiridos referem que esta se deve pautar pela abertura, confiança, entreaajuda e compreensão.

Quanto aos critérios orientadores para a escolha dos Educadores Cooperantes/ características que devem possuir, foram elencados vários, de onde se destacam: ser um bom profissional, com experiência em orientar estágios/estagiários, dispostos a partilhar conhecimentos, a orientar e a dar *feedback* da prática dos estagiários, flexíveis, bons ouvintes, imparciais, justos, críticos e simpáticos. Algumas destas características são coincidentes com as evidenciadas para um supervisor pedagógico.

Quadro 3.13: Preparação profissional do estagiário/a

Categoria	Subcategorias	Indicadores e/ Segmentos de Texto	Inquiridos
Preparação profissional	a. Preparação para o início do	“Eu acho que nunca estamos totalmente preparados”.	A1

estagiário/a	exercício da profissão.	“Não, muito sinceramente não.”	A2
		“Sim, devido ao meu trabalho, ao meu esforço”.	B1
		“Sim e não”. Sinto-me preparada/o, mas não sei se o suficiente.	B2; C1
		Sim.	C2; D1; D2
	b. Dificuldades que considera que irá sentir.	“Saber como começar, conseguir orientar o grupo, gerir a ansiedade de querer fazer um bom trabalho”.	A1
		“Avaliar as crianças”.	A2
		Gerir a parte sentimental/emoções.	B1
		Gerir as relações com a comunidade educativa, professores, coordenadores, pais.	B2
		Lidar com uma criança (ou mais) dentro da sala de aula, acompanhar uma criança com NEE e articular com os outros alunos.	C1
		Não sei. As dificuldades vão surgindo e vamos aprendendo a ultrapassá-las.	C2; D2
		Ao nível das burocracias e das avaliações.	D1
	c. Fatores que podem originar as dificuldades.	“Gostava de ter tido mais estágios, quanto mais formação da área melhor”.	A1
		Falta de prática/experiência.	A2; B2
		A heterogeneidade das crianças, nomeadamente com NEE.	B1
		Falta de preparação teórica e prática na formação inicial.	C1; C2
		“Falta de bases a este nível”.	D1
		Não identifica.	D2
	d.	Não/Não totalmente.	A1; A2; B2

	Considera-se um profissional autónomo.	Sim.	B1; C1; C2; D1; D2
	e. Características essenciais para o exercício da profissão, finalizado o estágio.	“Manter uma boa relação com os alunos, ser amiga dos alunos, ser uma pessoa desenrascada, um educador deve ser ativo, estar sempre a estudar e procurar ideias novas”.	A1
		Calmo, paciente, ter capacidade de comunicação, boa pessoa, pois somos um exemplo para as crianças.	A2
		Paciência, dedicação, saber individualizar, conhecer as crianças e ir ao encontro das suas necessidades.	B1
		Paciência e gostar realmente daquilo que estamos a fazer.	B2; C2
		Ser crítico e reflexivo, articular as nossas ideias com as dos alunos, companheiro, amigo, ajudar os alunos a ultrapassarem as dificuldades e a aprenderem coisas novas, espírito de interajuda, saber ouvir alunos, colegas e funcionários.	C1
		Profissionais dedicados, autênticos, saber inovar e refletir sobre o nosso trabalho.	C2
		"Acima de tudo gostar muito daquilo que fazemos”.	D1
		“Acima de tudo, é importantíssimo gostar de trabalhar com crianças”.	D2

Finalizamos com a apresentação da opinião dos inquiridos sobre a sua **preparação profissional enquanto estagiário/a**. A maioria dos inquiridos refere que se sente preparado para iniciar a profissão. Apenas dois (A1; A2) manifestam uma perceção de alguma impreparação.

Questionados sobre as dificuldades que o estagiário considera que poderá sentir na prática profissional, os inquiridos manifestam várias, nomeadamente, a nível da gestão de relações com a comunidade educativa, o lidar com crianças que apresentam necessidades educativas especiais (NEE), o avaliar e o lidar com as próprias emoções. Os fatores que estão na origem destas dificuldades, segundo os inquiridos, situam-se, essencialmente, na escassez da prática/experiência/estágios, e também devido à heterogeneidade do grupo de alunos, nomeadamente os que apresentam NEE. Contudo, a maioria (B1; C1; C2; D1; D2) considera-se um profissional autónomo.

A última questão colocada, que diz respeito às características essenciais para o exercício da profissão, finalizado o estágio, os inquiridos novamente evidenciam várias, das quais salientamos: paciência, capacidade de comunicação, dedicação, autenticidade, capacidade de inovação e reflexão sobre o trabalho, e como refere D2, “acima de tudo, é importantíssimo gostar de trabalhar com crianças.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclusões

Ao proceder às conclusões finais, recorda-se que o nosso estudo teve como objetivo avaliar o impacto da supervisão da prática pedagógica para o processo de aprendizagem dos futuros educadores.

Relembramos que, tratando-se de um estudo de natureza qualitativa, tendo por base a realização de inquéritos por entrevista, as conclusões aqui apresentadas não se pretendem generalizáveis, mas constituem, ainda assim, um importante indicador das questões em análise, tanto mais com uma amostra de quatro educadores cooperantes e de oito alunos estagiários.

Ao longo do enquadramento teórico, desenvolvemos algumas ideias e conceitos, tendo por suporte diversos autores, que nos permitiram relacionar a supervisão pedagógica, entendida como um processo de facilitação do desenvolvimento e aprendizagem dos formandos e dos próprios supervisores, com o processo de desenvolvimento profissional docente.

Partindo, portanto, dos objetivos definidos, importa neste momento realçar as principais conclusões a que chegamos através da análise e interpretação dos resultados obtidos pelas entrevistas e pelos documentos em análise.

Como primeiro objetivo, pretendíamos *conhecer a realidade atual do curso de mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico de mestrado, oferecido pela Universidade dos Açores, debruçando-nos sobre a vertente de Educação de Infância.*

Assim sendo, no que concerne à realidade atual do curso, segundo o que pudemos apurar, a Universidade dos Açores oferece aos alunos a Licenciatura em Educação Básica, com a duração de 3 anos, que permite formar técnicos de educação básica. Contudo, os licenciados deverão aceder aos mestrados na Educação Pré-escolar e no 1º ou 2º Ciclo do Ensino Básico, se desejarem ficar habilitados para a docência nestas áreas, tendo estes a duração de dois anos.

Neste sentido, a Universidade dos Açores oferece uma licenciatura abrangente e comum, tanto para o Pré-escolar, como para o 1ª e 2ª Ciclos, e apenas no final desta licenciatura é que os alunos escolhem qual o ciclo de ensino em que se desejam

especializar. Note-se que os alunos que pretenderem realizar mestrado no 2º Ciclo têm que ingressar noutra universidade, pois esta não tem disponível este mesmo mestrado.

Segundo os entrevistados, a universidade oferece, durante a licenciatura, apenas um estágio que consideram ser um “mini estágio” A1 (duas vezes por semana), com duração de um semestre, no 3º ano do Curso, realizado ou no Pré-escolar ou no 1º CEB, que, segundo estes, não são sequer opcionais (“podia calhar ou no Pré-escolar ou no 1º Ciclo, era tirado à sorte e calhou-me o Pré-escolar.” A1), tendo em conta a preferência profissional futura do aluno e dois estágios no mestrado, um no Pré-escolar e outro no 1º CEB.

Estamos em crer que deveria haver uma remodelação de algumas vertentes do curso, não só no aumento das práticas educativas nas escolas, como a nível dos conteúdos trabalhados durante esse período, de forma a corresponder às expectativas e necessidades dos alunos estagiários, pois os entrevistados apontam como principais falhas o curso “ser muito teórico”, a falta de adequação dos conteúdos teóricos às práticas, a falta de apoio aos alunos na aquisição de recursos didáticos e a escassez de estágios e, segundo o Ministério da Educação, o estágio curricular “constitui uma componente fundamental da estrutura curricular” (Diário da República, portaria n.º 1097/2005 de 21 de Outubro).

No que concerne ao plano implementado pela UAç, em relação às práticas pedagógicas, a análise dos documentos mostra-nos que esta instituição apresenta objetivos claros e abrangentes, pois menciona, inclusive, quais as aquisições que são esperadas pelos alunos:

- “1. Assegurar momentos de lecionação mobilizando conhecimentos científicos das áreas de docência, das didáticas e da educação em geral em contextos de Educação Pré-escolar.
2. Tomar decisões relativas à prática educativa numa abordagem reflexiva e investigativa.
3. Planificar situações educativas alinhadas com o currículo formal e adequadas aos contextos.
4. Implementar práticas educativas com flexibilidade, gerindo situações (im)previstas, num ambiente pautado por princípios éticos e deontológicos e respeitador da diversidade entre crianças, com vista à consecução de aprendizagens relevantes.
5. Desenvolver procedimentos de avaliação, promotores da regulação dos processos de aprendizagem e de balanço dos resultados.

6. Promover processos de trabalho colaborativo, com a comunidade escolar e com a comunidade educativa alargada.
7. Estruturar procedimentos de reflexão facilitadores da análise crítica da intervenção, argumentando lógicas de compreensão e de melhoria do ensino.”

(Estágio Pedagógico 1 – Universidade dos Açores)

Neste contexto, as funções atribuídas aos alunos parecem ser bem precisas, algo que não acontece com todos os intervenientes da formação, nomeadamente no que diz respeito às educadoras cooperantes. Esta instituição educacional, pelo que pudemos apurar, não parece atribuir nenhuma documentação precisa quanto às principais funções das educadoras cooperantes, mas apenas orientações de como devem ou não proceder, ou seja, que parâmetros devem ter em conta para efetuar a avaliação dos estagiários.

É também um pouco neste sentido que, vamos ao encontro de um dos nossos objetivos que seria *compreender qual a articulação existente entre os diversos agentes formativos*. Verificamos neste sentido que tanto as educadoras cooperantes, como as alunas, sentem a existência de uma fraca articulação entre a instituição de formação e a instituição cooperante, quando mencionam, por exemplo, o número de vezes que os orientadores da escola de formação se descocam a esta última, no sentido de ter alguma reunião com as educadoras cooperantes ou assistir à prática dos alunos. Inclusive, uma das educadoras inquiridas refere que estes “dão poucas diretrizes. Entregam os parâmetros avaliativos, dois dedos de conversa e pouco mais do que isso” D.

Tendo em atenção o número de vezes que os supervisores da universidade observam os alunos, e indo ao encontro do nosso enquadramento teórico, Trindade refere que através da observação, podemos conhecer como reage uma determinada pessoa às adversidades, “que coerência apresenta entre o que diz e o que faz” e, conseqüentemente, fornecer “aos indivíduos observados a informação necessária para eliminarem ou diminuírem as discrepâncias entre o que pensam que fazem e o que realmente fazem” (Trindade, 2007: 30-31). Daí que, na nossa opinião, seria uma mais valia a existência de mais momentos de observação por parte dos supervisores pois conseguiriam ter maior consciência da evolução do aluno ao longo das práticas e, posteriormente, acreditamos que as suas avaliações seriam mais justas.

As educadoras quando questionadas sobre se têm ou não formação específica para o cargo, as EC consideram não haver essa necessidade porque as funções desempenhadas sintetizam-se em observar, informar, orientar e, posteriormente, avaliar, fundamentalmente transmitir os conhecimentos necessários para o exercício da profissão. O que confirma a ideia inicial de que a supervisão na educação de infância se continua a fazer de forma intuitiva e sem uma formação específica do supervisor.

Quanto às características mais importantes que um Educador Cooperante/Supervisor Pedagógico deve possuir, as EC entrevistadas referem a assertividade, a capacidade de criticar construtivamente, ser imparcial, justo, compreensivo, ter conhecimentos científicos e pedagógicos e conseguir estabelecer boas relações interpessoais. Por outro lado, os estagiários consideram que: ter formação/conhecimento na área e experiência na orientação de estágios, ser justo, imparcial, exigente, flexível, saber ouvir, estar disponível e aberto às sugestões do estagiário. Estas são características que vão ao encontro de Alarcão e Tavares, 2003, quando defendem que as dez características que o supervisor deve ter: prestar atenção; clarificar; encorajar; servir de espelho; dar opinião; ajudar a encontrar soluções para os problemas; negociar; orientar; estabelecer critérios e condicionar.

Seguidamente, o nosso estudo incidiu sobre a *existência ou não de um apoio por parte das educadoras cooperantes*. A maioria dos estagiários inquiridos refere, não só a existência de auxílio por parte das EC, em diversos momentos da rotina diária, como estas se mostravam sempre disponíveis. Falam, inclusive, do bom ambiente e da boa relação que foi estabelecida com as mesmas. Na opinião das Educadoras Cooperantes, estas referem que faziam por auxiliar os estagiários no decorrer do estágio, ao nível das planificações, atividades e materiais a utilizar, entre outros, e que sempre que existiam reuniões entre ambos, tentavam fazer comentários construtivos aos estagiários, que objetivavam a reflexão, o apoio e o incentivo para a melhoria da prática pedagógica.

Constatou-se, portanto, regra-geral, uma preocupação por parte das Educadoras Cooperantes em estabelecer relações de afetividade, conversando com o aluno estagiário, procurando ajudá-lo a refletir e a melhorar as suas práticas. Efetivamente, esta partilha e reflexão das práticas pode ser um ponto de partida para melhorar o autoconhecimento, pois o desejo de mudança só acontece quando se tem a consciência das capacidades e limitações.

No que se refere à importância da prática pedagógica, todos os participantes da investigação, tal como já foi referido, são da opinião que tal facilita o processo de iniciação à vida profissional, pois permite perceber o funcionamento das aulas, participar diretamente nas rotinas das crianças, colocar em prática os conhecimentos adquiridos ao longo do curso e ter consciência da realidade.

Ficamos também a conhecer, através deste estudo, *o regime de avaliação dos formandos*. Percebemos, não só pelas entrevistas, como pela análise documental, que esta avaliação é realizada pelos orientadores da Universidade aquando das visitas à escola onde os alunos realizam o estágio e pelas educadoras cooperantes, através de três grelhas que são fornecidas pela escola de formação. Estas grelhas, como podemos verificar nos anexos 16, 17 e 18, visam avaliar, durante as sete semanas de intervenção: a lecionação (ou seja, a gestão que fazem dos seus objetivos, conteúdos e tarefas, assim como o apoio e a envolvimento com as crianças e a regulação das suas próprias aprendizagens); a reflexão (em que são analisados os dados observados na sala de aula e as suas atitudes face às reflexões); e planificação dos estagiários (que, tal como o nome indica, pretende avaliar o conteúdo das suas planificações). É, deste modo, através do preenchimento destas grelhas que ambos os intervenientes, orientador, educadora cooperante e estagiários, discutem e atribuem as avaliações finais, tal como refere a Educadora D quando menciona que, nas visitas dos orientadores da universidade “A primeira reunião serviu para, de uma forma geral, termos conhecimento dos objetivos do estágio e a reunião final que tivemos foi para avaliar os alunos”.

Acresce o facto de, além desta avaliação mais formal, os Estagiários fazerem referência às reuniões semanais que eram realizadas com as educadoras cooperantes, em que estas lhes davam o *feedback* das suas avaliações e, efetivamente, estas pequenas apreciações realizadas do desempenho e das atitudes apresentadas pelos formandos, tal como refere Trindade, “não só para lhes fornecerem o “feedback” indispensável à boa continuação dos trabalhos, mas também para refletirem sobre o caminho percorrido e decidirem sobre os caminhos a seguir no processo de formação” (Trindade, 2007: 130), no fundo, para que possam ter conhecimento dos aspetos positivos e negativos do seu desempenho, com vista à manutenção dos comportamentos adequados e correção dos menos próprios, pois tal como Fernandes, “a avaliação surge como um processo que ajuda a melhorar, a corrigir, a integrar, a regular, a definir critérios, a diagnosticar e a

facilitar a comunicação” (Fernandes, 2005: 90). Só assim damos a possibilidade ao formando de, no final, ter uma avaliação mais promissora e justa.

Em suma, pelo presente estudo e no cruzamento das diferentes opiniões, percebemos que todo o processo de supervisão, para ser bem-sucedido, não depende de um só interveniente, relevando-se a importância da relação de colaboração e participação tripartida, entre o estagiário, o educador cooperante e o supervisor da instituição de formação, que vise a melhoria da qualidade da prática.

Não esqueçamos que todas as conclusões retiradas deste estudo de caso debruçaram-se sobre a análise de diversas situações, através das conceções dos alunos estagiários e das educadoras cooperantes, pois pretendemos, sobretudo, sensibilizar os envolvidos para a importância da supervisão pedagógica.

Limitações e sugestões para futuros estudos

As conclusões apresentadas anteriormente devem ser lidas no contexto de um estudo interpretativo que, neste caso, foi realizado com um número limitado de participantes.

Efetivamente, os resultados obtidos levantam uma série de questões, de grande potencial, para o repensar do processo de supervisão no ensino e nas estratégias utilizadas pelos supervisores na orientação do estudante estagiário, durante as práticas pedagógicas. Neste contexto, pensamos que, em futuros estudos, seria importante continuar a investigar esta temática, alargando a mostra e incorporando a “voz” dos orientadores da instituição de formação.

Seria, certamente, também interessante realizar uma observação direta dos educadores cooperantes e respetivos estagiários, ao longo da sua prática, que possibilitasse a confrontação com os dados recolhidos através das entrevistas.

Estes dois elementos, anteriormente referidos, permitiriam a triangulação de resultados e enriqueceriam, sem dúvida, outros estudos realizados neste contexto.

Julgamos, pois, que este trabalho pode servir para alargar o conhecimento existente, auxiliando os profissionais da área de educação de infância nos procedimentos a ter, com vista a uma melhor qualidade de ensino. Levar os profissionais à

conscientização da necessidade de uma nova postura é, no nosso ver, acreditar na possibilidade de transformar a educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alarcão, I. & Tavares, J. (2003). *Supervisão da Prática Pedagógica. Uma perspectiva de desenvolvimento e aprendizagem*. Coleção de Ciências da Educação e Pedagogia. 2ª Edição. Coimbra: Almedina.

Bardin, L. (2004). *Análise de conteúdo* (3ª edição). Lisboa: Edições 70.

Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação – uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

Carmo, H. & Ferreira M. (2008). *Metodologias da investigação – Guia para Auto-aprendizagem*. 2ª Edição. Universidade Aberta.

Carvalho, D. & Maziero, A. (2012). *A contribuição do supervisor de estágio na formação dos estagiários*. Acta Scientiae, v.14, n.1, jan./abr.

Deus, A., Cunha J., Maciel, E. (nd) *Estudo de caso na pesquisa qualitativa em educação: Uma metodologia*.

Delors, J. (coord.) (1996). *Educação um tesouro a descobrir – Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o séc. xxi*. Porto, Asa, col. Perspectivas actuais – educação, 7ª edição.

Fernandes, D. (2005). *A avaliação das aprendizagens: desafios às teorias, práticas e políticas*. Lisboa: Texto Editores.

Formosinho, J. (2001). *A formação prática de professores – Da prática docente na instituição da formação à prática pedagógica nas escolas*. Em B. P. Campos (org.). Formação Profissional de professores no Ensino Superior, INAFOP. Porto: Porto Editora.

Freire: (1996). *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*.

Editora Paz e Terra.

Gibbs, G. (2009). *Análise dos dados qualitativos*. Porto Alegre: Artmed.

Guedes, I. (2011). *Funções da Educadora Cooperante no Processo de Supervisão da Prática Pedagógica*. Instituto Politécnico de Lisboa. Escola Superior de Educação de Lisboa. Lisboa.

Libâneo, J. (1994) *Didática*. Cortez Editora: São Paulo, Coleção Magistério.

Maria, O. & Trindade, F. (2002). *O currículo no Jardim de Infância: as concepções e as práticas dos educadores*. Universidade de Aveiro. Departamento de Ciências da Educação.

Martella, R., Nelson, R., Marchand-Martella, N. (1999). *Research Methods: Learning to Become a Critical Research Consumer*. Needham Heights: Allyn & Bacon.

Matias, G. & Vasconcelos, T. (2010). *Aprender a ser educador de infância: o processo De supervisão na formação inicial*. Da Investigação às Práticas - Estudos de Natureza Educacional 2010 Vol X Nº1

Ministério da Educação (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Departamento da Educação Básica.

Ministério da Educação (2006). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Departamento da Educação Básica.

Oliveira, I. & Serrazina, L. (2002). *A reflexão e o professor investigador*. In GTI (Org.), *Refletir e investigar sobre a prática profissional*. Lisboa: APM.

Quivy R. e Campenhoudt L. (2005). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. 4ª Edição. Lisboa, Gradiva.

Sá-Chaves. (2007). *Formação, Conhecimento e Supervisão. Contributos nas áreas da formação de professores e de outros profissionais*. 2ª Edição. Universidade de Aveiro.

Santos, A. & Brandão M. (s.d.). *A supervisão pedagógica numa articulação entre a preparação do educador, a formação do aluno e a qualidade da educação das crianças – A função da escala de empenhamento do adulto na concretização deste processo*. Projeto de investigação. ESE de Paula Frassinetti.

Silva, O. & Navarro, E. (2012) *A relação professor-aluno no processo de ensino-aprendizagem*. Interdisciplinar: Revista Eletrônica da Univar. N.º8 Vol –3p. 95-100.

Trindade, V. (nd) *Práticas de Formação – Métodos e técnicas de observação, orientação e avaliação (em Supervisão)*.

Vieira, F. (2009). *Para uma visão transformadora da Supervisão Pedagógica* in revista Educação Sociedade, vol.29, n.105, jan./abr. 2009, Campinas, pp: 197-207. Recuperado em 12 de Setembro, 2014, disponível em <http://www.scielo.br/pdf/es/v30n106/v30n106a10.pdf>

Referências Legislativas

Diário da República, 1.ª Série – N°5 – 10 de Fevereiro de 1997. Recuperado em 19 de fevereiro, 2014 de <https://dre.pt/pdf1sdip/1997/02/034A00/06700673.pdf>

Diário da República, 1.ª Série – B - N° 213 – 21 de Outubro 2005. Recuperado em 20 Outubro, 2014 de http://portal.ipvc.pt/images/ipvc/sas/pdf/legis/port1097_2005.pdf

ANEXOS

**ANEXO 1 - Guião da Entrevista realizada ao/à
Educador/a Cooperante**

I. Legitimação da Entrevista

A presente entrevista enquadra-se num estudo sobre o Estágio Supervisionado na Formação Inicial dos Educadores de Infância, realizado no âmbito do curso de Mestrado em Supervisão Pedagógica, ministrado pela Universidade Aberta.

Com esta entrevista pretende-se ficar a conhecer os moldes em que se processam as práticas pedagógicas dos formandos e o papel dos educadores cooperantes neste processo de supervisão.

Os dados recolhidos serão anónimos, confidenciais e exclusivamente utilizados para o estudo em questão.

II. Dados da entrevista/ Dados Pessoais

DATA: _____

HORA: _____

DURAÇÃO: _____

ENTREVISTADO: _____

SEXO: _____ IDADE: _____

Dimensão	Questões/estratégias
III. Relação da instituição de formação e os Educadores Cooperantes	1. Quais as funções que a instituição de formação lhe propõe enquanto supervisor/a de estágios de formação inicial?
	2. Que documentos e/ou orientações escritas ou orais são oferecidos pela instituição de formação aos educadores/as cooperantes antes do início do estágio?
	3. No decorrer do estágio, quantas reuniões são realizadas com os supervisores da Instituição de Formação?
	4. Quais os temas dessas reuniões?
	5. Com que regularidade os supervisores da Universidade assistem às práticas dos estagiários/as?
	6. Sentiu necessidade de mais visitas por parte dos supervisores? Porquê?

	7. Considera que foi possível atingir os objetivos que a instituição de formação lhe propôs?
	8. Considera que os responsáveis pela formação da universidade lhe dá as diretrizes necessárias para ser supervisor/a de estágio? Em caso negativo, explique o que acha que poderia ser melhorado.
IV. Funções da EC no processo de supervisão durante o estágio de Educação de Infância	1. Teve alguma formação específica para desempenhar o cargo?
	2. Tem conhecimento de quais são as funções de um supervisor de estágio na formação inicial? Em caso afirmativo, como adquiriu esse conhecimento?
	3. Quais são as funções que considera mais importantes para um/a educador/a realizar o processo de supervisão?
	4. Na sua opinião que características deve ter um supervisor pedagógico? (Como educador/a cooperante, no fundo, é um/a supervisor/a pedagógico/a. Quais são as características que considera mais importantes?)
	5. Os/as educadoras cooperantes trocam informações entre si sobre o trabalho que desenvolvem junto dos formandos? Se sim, em que momentos? Acha importante essas trocas de informação? Em caso afirmativo, em que medida?
V. Processo de supervisão pedagógica durante o estágio em Educação de Infância	1. Durante o estágio, quais os aspetos que mais valorizou no processo de supervisão?
	2. Quais as práticas que mais utilizou no domínio da pré-observação?
	3. Ponderando a sua experiência como educador/a cooperante, o que considera mais importante que os/as estagiários/as aprendam durante o estágio de formação inicial?
	4. Quais os aspetos facilitadores e constrangimentos mais sentidos durante o processo de supervisão no estágio de formação inicial?
	5. Os/as estagiários/as cooperam na planificação e na execução das atividades a realizar? De que forma?
	6. Em que consiste o seu trabalho como educador/a cooperante na fase de observação e na fase de intervenção dos estagiários?
	7. Que dinâmicas foram implementadas no âmbito do processo de pós-observação?
	8. De que modo as suas críticas ou comentários contribuíram para o enriquecimento formativo dos estagiários/as?
	9. Em relação aos/às seus/suas estagiários/os considera que conseguiram atingir os objetivos a que se propuseram no início do estágio?
	10. O que considerou mais importante que os/as seus/suas estagiários/as aprendessem ao longo deste estágio de formação inicial?

	11. Quais as principais dificuldades com que se deparou durante o processo de supervisão?
VI. Forma como os Educadores Cooperantes se relacionam e cooperam com as estagiárias durante a prática pedagógica	1. Como caracteriza a relação que teve com o/a seu/sua estagiário/a ao longo do estágio?
	2. Reuniu frequentemente com o/a seu/sua estagiário/a?
	3. Qual a periodicidade dessas reuniões?
	4. Quais os temas dessas reuniões?
	5. Considera essas reuniões vantajosas? Porquê?
	6. De que maneira auxiliou os/as estagiários/as durante o estágio?
	7. Nos momentos de reflexão como caracteriza os seus comentários feitos aos/às estagiários/as?
	8. Intervinha no decorrer das suas práticas?
	9. Quem decidia os temas a explorar durante as práticas dos/as estagiários/as?
	10. Quais as experiências positivas que ajudaram ao desenvolvimento pessoal e profissional do/da seu/sua estagiário/a durante o processo de supervisão?
VII. Preparação profissional da estagiária no fim do curso de Educação de Infância	1. Considera que a formação inicial que o/a seu/sua estagiário/a recebeu, para além da prática pedagógica, o/a preparou para os desafios a que foi sujeito/a durante o estágio?
	2. Considera que a prática pedagógica do/a seu/sua estagiário/a é um elemento facilitador no processo de iniciação da vida ativa profissional? Porquê?
	3. Na sua opinião, quais as dificuldades mais sentidas pelos/as seus/suas estagiários/as na área das relações com os outros intervenientes (coordenador/a, educador/a, auxiliares, etc.) e na área da planificação, das práticas, reflexão sobre as mesmas?
	4. Quais os fatores que considera estar na origem dessas dificuldades?
	5. Acha que os/as seus/suas estagiários estão preparados/as para exercer a profissão de educador/a de infância?
	6. Quais os aspetos que lhe parece que os/as estagiários/as vão ter mais dificuldades no futuro? Porquê?
	7. Quais os fatores que considera estar na origem dessas dificuldades?
VIII. Formas de melhoria da supervisão	1. Recebe estagiárias por opção sua ou por ordem da sua identidade patronal?
	2. Admita que um(a) colega seu (sua) é convidado, pela primeira vez, a receber estagiários/as e não sabe se deve aceitar. Que conselhos lhe daria?

pedagógica na formação em Educação de Infância	3. Concorda que o estágio seja realizado a pares? Justifique.
	4. Na sua opinião considera que a duração do período de estágio realizado no pré-escolar seja suficiente? Justifique.
	5. O que pensa sobre número de intervenções que cada estagiária necessita realizar durante o estágio pedagógico?
	6. Que aspetos considera importantes referir para que haja uma melhoria da supervisão pedagógica durante a prática Pedagógica do Curso de Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico?
	7. Gostaria de acrescentar mais alguma coisa a esta entrevista?

**ANEXO 2 - Guião da Entrevista realizada à/ao
Estagiária/o**

I. Legitimação da Entrevista

A presente entrevista enquadra-se num estudo sobre o Estágio Supervisionado na Formação Inicial dos Educadores de Infância, realizado no âmbito do curso de Mestrado em Supervisão Pedagógica, ministrado pela Universidade Aberta.

Com esta entrevista pretende-se ficar a conhecer os moldes em que se processam as práticas pedagógicas dos formandos e o papel dos educadores cooperantes neste processo de supervisão.

Os dados recolhidos serão anónimos, confidenciais e exclusivamente utilizados para o estudo em questão.

II. Dados da entrevista/ Dados Pessoais

DATA: _____

HORA: _____

DURAÇÃO: _____

ENTREVISTADO: _____

SEXO: _____ **IDADE:** _____

EDUCADORA COOPERANTE: _____

Dimensão	Questões/estratégias
III. Informação Geral Sobre o Curso	1. Identifique o curso universitário em que se insere o estágio pedagógico que realizou no pré-escolar.
	2. O que pensa sobre a forma como o curso está organizado?
	3. No âmbito deste curso, quantos estágios teve ao longo da sua formação? Caso tenha feito mais do que um estágio, indique-me a área de intervenção, a duração temporal e a relevância de cada um na sua formação geral como futura educadora.
	4. Quais os objetivos que a instituição de formação lhe propõe para o curso?
	5. Considera que conseguiu atingir os objetivos? Porquê?
	6. Considera que a formação inicial que recebeu, para além da prática pedagógica, a/o preparou para os desafios a que foi sujeita/o durante o estágio?

	7. Quais as falhas sentidas durante o curso que poderiam contribuir para uma prática com mais qualidade?
IV. Processo de formação- Estágio Pedagógico no Pré-Escolar	1. Na qualidade de estagiário/a cooperou na planificação das atividades a realizar? De que forma?
	2. Que tipo de colaboração deu à Educadora cooperante na sala de atividades?
	3. Indique o número de intervenções que fez na sala de pré-escolar e a duração de cada uma delas.
	4. Organizou e/ou participou com as crianças em algumas atividades fora da sala de aula? Se sim, explicita.
	5. Partilhava opiniões com as/os suas/seus colegas em relação à planificação/concretização de atividades?
	6. No âmbito do seu estágio, considera importante a parte afetiva das relações interpessoais? De que forma?
	7. Considera que o processo de supervisão, em geral, foi orientado de forma a refletir e melhorar as práticas? Justifique.
	8. Como encarou as apreciações feitas pelos supervisores/educadores cooperantes? Acha que essas apreciações eram feitas de forma construtiva?
	9. Posteriormente, como trabalhava essas informações em seu proveito?
	10. Indique os aspetos/dimensões de que mais gostou durante a prática pedagógica no contato direto com as crianças.
	11. Considera que o estágio foi um elemento facilitador no seu processo de iniciação à vida ativa profissional? Porquê?
	12. Quais os aspetos que considera que foram mais facilitadores e quais os constrangimentos mais sentidos durante o estágio?
	13. Que mudanças desejaria ver preconizadas na forma como é realizada a supervisão, por parte da Instituição de Formação, no apoio aos estagiários?
V. Papel do Supervisor da	1. Durante o estágio, considerou suficientes as visitas realizadas pelo/a supervisor/a da Universidade?
	2. Em que consistiam essas visitas à sua sala de atividades?

Universidade	3. Durante o estágio, teve seminários/reuniões na instituição de formação? Se sim, com que regularidade?
	4. Acha que esses seminários/reuniões foram importantes para a sua prática? De que forma?
	5. Na sua opinião, que características deve ter o supervisor pedagógico?
VI. Papel do/a Educador/a Cooperante	1.Reuniu-se frequentemente com o/a seu/sua educador/a cooperante?
	2.Qual a periodicidade dessas reuniões?
	3. Quais os objetivos dessas reuniões?
	4. Considerou vantajosas essas reuniões? Porquê?
	5. De que maneira a Educadora Cooperante auxiliou-a durante o Estágio?
	6.Nos momentos de reflexão, como caracteriza os comentários feitos pela educadora cooperante?
	7.A Educadora cooperante assistiu a todas as suas intervenções?
	8. A educadora cooperante intervinha no decorrer da prática?
	9.Quem decidia os temas a explorar durante a sua prática pedagógica?
	10. Qual o papel que o/a educador/a cooperante desempenhou no seu desenvolvimento pessoal e profissional?
	11. Que tipo de relação manteve com o/a sal educador/a cooperante?
	12. Que tipo de relação acha que o/a educador/a cooperante deve estabelecer com o estagiário?
	13.Na seleção dos educadores/as cooperantes, por parte da Universidade, que critérios devem estar na base dessa escola?
VII. Preparação	1. Sente-se preparado/a para começar a exercer a profissão de educador/a de infância?
	2. Quais os aspetos que acha que vai ter mais dificuldade? Porquê?

Profissional da estagiária	3. Que fatores considera estar na origem dessas dificuldades?
	4. Sente-se um/a profissional autónomo/a?
	5. Agora que está a terminar o estágio, que características essenciais considera necessárias para exercer a sua profissão?

**ANEXO 3 - Entrevista realizada ao/à Educador/a
Cooperante – A**

I. Legitimação da Entrevista

A presente entrevista enquadra-se num estudo sobre o Estágio Supervisionado na Formação Inicial dos Educadores de Infância, realizado no âmbito do curso de Mestrado em Supervisão Pedagógica, ministrado pela Universidade Aberta.

Com esta entrevista pretende-se ficar a conhecer os moldes em que se processam as práticas pedagógicas referentes ao estágio de pré-escolar dos formandos e o papel dos educadores cooperantes neste processo de supervisão.

Os dados recolhidos serão anónimos, confidenciais e exclusivamente utilizados para o estudo em questão.

II. Dados Pessoais

DATA: 5 de fevereiro de 2015

HORA: 15:05

DURAÇÃO:

ENTREVISTADO: A

SEXO: Feminino **IDADE:** 35

III. Relação da Instituição de Formação e os Educadores Cooperantes

1. Quais as funções que a instituição de formação lhe propõe enquanto supervisor/a de estágios de formação inicial?

“As funções... supervisionar o estagiário durante aquele período, orientar as alunas de forma a ajudá-las a desempenhar as suas práticas com sucesso e, no fim, ajudar a avaliar os seus desempenhos.”

2. Que documentos e/ou orientações escritas ou orais são oferecidos pela instituição de formação aos educadores/as cooperantes antes do início do estágio?

“Não recebemos muitas orientações, recebemos um documento com os objetivos e os parâmetros de avaliação.”

3. No decorrer do estágio, quantas reuniões são realizadas com os supervisores da Instituição de Formação?

“Duas apenas. Uma no início do estágio e uma no final para avaliarmos as alunas. E eu nem sequer estive nessa primeira reunião porque não podia estar presente e foi uma reunião geral com todas as educadoras cooperantes e depois também não agendaram nenhuma comigo, nem uma conversa informal tive com a orientadora da universidade antes das alunas iniciarem o estágio. Foi uma coisa assim um bocadinho estranha, digamos.”

4. Quais os temas dessas reuniões?

“A primeira, como disse, foi uma reunião geral, por aquilo que as minhas colegas disseram foi para darem a conhecer as alunas, o tempo que iria decorrer o estágio, o tipo de trabalhos que teriam que apresentar na universidade... a última foi uma reunião só comigo e com as alunas a fim de fazermos as suas avaliações.”

5. Com que regularidade os supervisores da Universidade assistem às práticas dos estagiários/as?

“A orientadora esteve apenas duas vezes.”

6. Sentiu necessidade de mais visitas por parte dos supervisores? Porquê?

“Eu senti que as alunas, não é que tivessem essa necessidade, mas sentiam falta de apoio por parte da universidade nesse aspeto.”

7. Considera que foi possível atingir os objetivos que a instituição de formação lhe propôs?

“Eu penso que sim.”

8. Considera que os responsáveis pela formação da universidade lhe dão as diretrizes necessárias para ser supervisor/a de estágio? Em caso negativo, explique o que acha que poderia ser melhorado.

“Não. Acho que devia haver uma preparação prévia... não sei, ou, pelo menos, se reunissem individualmente com cada educadora, de forma a que a conversa fosse mais individualizada e esclarecedora.”

IV. Funções do Educador/a Cooperante no processo de supervisão durante o estágio de Educação de Infância

1. Teve alguma formação específica para desempenhar o cargo?

“Não tive formação nenhuma.”

2. Tem conhecimento de quais são as funções de um supervisor de estágio na formação inicial? Em caso afirmativo, como adquiriu esse conhecimento?

“As funções de um supervisor são observar, orientar os alunos e, posteriormente, avaliá-los. Não adquiri em lado nenhum esse conhecimento... são coisas que inevitavelmente nós fazemos, nós observamos os alunos, vemos aquilo que fazem bem ou menos bem, conversamos e tentamos transmitir os nossos conhecimentos. Acabamos por ser um modelo para eles, muitas vezes.”

3. Quais são as funções que considera mais importantes para um/a educador/a realizar o processo de supervisão?

“Saber exercer a sua profissão da melhor forma, de modo a dar um bom exemplo.”

4. Na sua opinião, que características deve ter um supervisor pedagógico? (Como educador/a cooperante, no fundo, é um/a supervisor/a pedagógico/a. Quais são as características que considera mais importantes?)

“Ser atento, perspicaz, compreensivo, estar predisposta a ajudar.”

5. Os/as educadoras cooperantes trocam informações entre si sobre o trabalho que desenvolvem junto dos formandos? Se sim, em que momentos? Acha importante essas trocas de informação? Em caso afirmativo, em que medida?

“Sim, conversamos sobre os alunos e os trabalhos sempre que estamos juntos, nos intervalos ou depois das aulas. Inevitavelmente acabamos por comparar um pouco os alunos mediante o seu desempenho, a sua forma de saber estar e aquilo que apresentam nas salas de atividades e, no fim, quando é para avaliarmos os

alunos, também conversamos com o intuito de atribuímos notas de forma justa para todos.”

V. Processo de supervisão pedagógica durante o estágio em Educação de Infância

1. Durante o estágio, quais os aspetos que mais valorizou no processo de supervisão?

“Pessoalmente, gostei das estagiárias que tive este ano, acho que tivemos um bom relacionamento, trabalhavam bem em equipa, eram empenhadas, traziam novidades para a sala e isso são sempre aspetos que valorizamos.”

2. Quais as práticas que mais utilizou no domínio da pré-observação?

“Práticas... antes da observação...bem... eu tentava ajudá-las dando o meu feedback em relação às atividades que elas propunham, dava-lhes uma ou outra dica de como podia resultar melhor. Disponibilizava os materiais que elas precisariam.”

3. Ponderando a sua experiência como educador/a cooperante, o que considera mais importante que os/as estagiários/as aprendam durante o estágio de formação inicial?

“É muito importante que elas aprendam a saber lidar e a liderar o grupo, tenham em atenção que cada criança é um ser individual e que aprendam a adequar as atividades às faixas etárias do grupo com o qual estão a trabalhar.”

4. Quais os aspetos facilitadores e constrangimentos mais sentidos durante o processo de supervisão no estágio de formação inicial?

“Os aspetos mais facilitadores... talvez a personalidade das estagiárias. Criou-se uma relação de empatia, eram pessoas acessíveis, que aceitavam facilmente as minhas opiniões e tentavam melhorar. Quanto aos constrangimentos, não sei... a única coisa que tenho a apontar é a pouca comunicação entre a escola e a universidade.”

5. Os/as estagiários/as cooperam na planificação e na execução das atividades a realizar? De que forma?

“Sim, elas é que planificam as atividades. Podia, de vez enquanto, apoiá-las no sentido de adequar essas atividades ao grupo, orientando-as, por exemplo, no número de crianças que seria adequado elas trabalharem aquela atividade em específico ou aconselhava a experimentarem com um material diferente também, por exemplo.”

6. Em que consiste o seu trabalho como educador/a cooperante na fase de observação e na fase de intervenção dos estagiários?

“Durante os momentos em que elas intervinham eu observava, fazia as minhas anotações daquilo que achava que tinha corrido bem ou menos bem para, no final da semana, conversar com elas sobre esses aspectos.”

7. Que dinâmicas foram implementadas no âmbito do processo de pós-observação?

“Como disse, após a observação nós conversávamos com o intuito de elas refletirem sobre a sua ação, de tomarem consciência do que tinha corrido bem ou menos bem, eu aconselhava-as de forma a que as suas práticas pudessem melhorar.”

8. De que modo as suas críticas ou comentários contribuíram para o enriquecimento formativo dos estagiários/as?

“Eu penso que tenham ajudado, pelo menos eu via um esforço por parte delas para tentarem melhorar.”

9. Em relação aos/às seus/suas estagiárias/os, considera que conseguiram atingir os objetivos a que se propuseram no início do estágio?

“Tanto uma como a outra, eu acredito que sim.”

10. O que considerou mais importante que os/as seus/suas estagiários/as aprendessem ao longo deste estágio de formação inicial?

“Que aprendessem a liderar o grupo, a perceber se as atividades eram ou não adequadas às crianças, saber avaliar as suas próprias atividades e as crianças.”

11. Quais as principais dificuldades com que se deparou durante o processo de supervisão?

“Por vezes, entender o que os professores da universidade pretendiam, de forma a tentar ajudá-las”.

VI. Forma como os Educadores Cooperantes se relacionam e cooperam com as estagiárias durante a prática pedagógica

1. Como caracteriza a relação que teve com o/a seu/sua estagiário/a ao longo do estágio?

“Posso dizer que foi uma boa relação de companheirismo, de cooperação, de amizade”

2. Reuniu frequentemente com o/a seu/sua estagiário/a?

“Sim.”

3. Qual a periodicidade dessas reuniões?

“Mais formalmente todas as semanas, mas no final da tarde, em alguns dias, nós acabávamos por conversar, até porque elas, por norma, não se iam embora logo assim que terminavam as aulas, preferiam ficar mais um pouco na sala a adiantar algum material ou a planificar alguma atividade.”

4. Quais os temas dessas reuniões?

“Nas reuniões semanais, conversávamos sobre as atividades, as que já tinham realizado nas suas intervenções e as que estavam a planear para a semana seguinte, partilhávamos opiniões principalmente.”

5. Considera essas reuniões vantajosas? Porquê?

“Acho que para elas essas reuniões eram úteis sim. Porque era através dessas reuniões que elas recebiam o meu feedback e faziam o balanço de como estava a correr o estágio.”

6. De que maneira auxiliou os/as estagiárias durante o estágio?

“Sempre que podia, acho que sempre me mostrei disponível para quando precisavam, tentava auxiliar naquilo que tinham dúvidas, tanto em relação às planificações, como no dia-a-dia na sala de aula com as crianças.”

7. Nos momentos de reflexão, como caracteriza os seus comentários feitos aos/às estagiários/as?

“Acho que eram comentários pertinentes que as auxiliavam e ajudavam a melhorar a sua prática.”

8. Intervinha no decorrer das suas práticas?

“Não, aquele era o momento só delas, apenas ficava a observar e a tomar as minhas notas.”

9. Quem decidia os temas a explorar durante as práticas dos/as estagiários/as?

“Os temas já estão predefinidos no início do ano, portanto, elas quando vieram já sabiam quais seriam os temas que teriam que explorar, ou seja, as atividades relacionadas com esses temas é que eram propostas por elas e aceites ou não por mim.”

10. Quais as experiências que mais ajudaram ao desenvolvimento pessoal e profissional do/da seu/sua estagiário/a durante o processo de supervisão?

“Sou da opinião de que todos os momentos acabam por ser experiências gratificantes para elas, quer a nível pessoal ou profissional, porque é tudo novidade, estão constantemente a adquirir conhecimentos novos, desde o aprender a planificar, saber liderar o grupo, avaliar as crianças individualmente, produzir materiais, tudo é novo e tudo contribui para o desenvolvimento delas. É difícil, para mim, nomear uma ou outra experiência.”

VII.Preparação profissional da estagiária no fim do curso de Educação de Infância

1. Considera que a formação inicial que os/as seus/suas estagiários/as receberam, para além da prática pedagógica, o/a preparou para os desafios a que foi sujeito/a durante o estágio?

“Por norma, a formação inicial não é suficiente... a não ser que houvesse uma ou mais disciplinas que se debruçassem mais sobre os futuros estágios, em que eles conversassem sobre exemplos claros que podem vir a ser sujeitos na prática. E a verdade é que há aspetos que só são adquiridos com a prática, e por aquilo que percebi, a prática pedagógica que tiveram nos anos anteriores foi muito curta e praticamente apenas de observação.”

2. Considera que a prática pedagógica dos/as seus/suas estagiários/as é um elemento facilitador no processo de iniciação da vida ativa profissional? Porquê?

“Claro que sim. Porque em tudo na vida consolidamos os nossos conhecimentos é na prática.”

3. Na sua opinião, quais as dificuldades mais sentidas pelos/as seus/suas estagiários/as na área das relações com os outros intervenientes (coordenador/a, educador/a, auxiliares, etc.) e na área da planificação, das práticas, reflexão sobre as mesmas?

“Nas relações com os outros intervenientes elas não tiveram qualquer problema. Embora uma seja mais envergonhada do que a outra, são ambas pessoas fáceis de se comunicar, simpáticas e prestáveis. Já em relação à prática em si, tiveram algumas dificuldades, principalmente na parte das planificações e avaliações dos alunos.”

4. Quais os fatores que considera estarem na origem dessas dificuldades?

“Falta de formação. Acho que deviam ter mais estágios e mais cadeiras na universidade que fossem mais direcionadas à parte prática. Em que ensinassem como fazer as planificações, mas com exemplos práticos de atividades direcionadas para as diversas faixas etárias, que ensinassem como avaliar essas atividades depois de as colocarem em prática, por exemplo.”

5. Acha que os/as seus/suas estagiários estão preparados/as para exercer a profissão de educador/a de infância?

“Não totalmente.”

6. Quais os aspetos que lhe parece que os/as estagiários/as vão ter mais dificuldades no futuro? Porquê?

“Como disse há pouco. Estar por sua conta à frente de um grupo é sempre diferente. Há desafios a que vão provavelmente ser sujeitos que nunca resolveram enquanto estagiários porque tinham um apoio. Saber lidar com as crianças, com os pais, com os outros profissionais, é algo a que também não estão preparados, efetivamente. A gestão de conflitos, as avaliações, as metodologias de trabalho, são aspetos que também estão muito pouco enraizados, por exemplo.”

7. Quais os fatores que considera estarem na origem dessas dificuldades?

“A falta de formação, a falta de experiência em estágios.”

VIII. Formas de melhoria da supervisão pedagógica na formação em Educação de Infância

1. Recebe estagiárias por opção sua ou por ordem da sua entidade patronal?

“Por opção minha. Eu gosto de receber estagiárias. Gosto de passar um pouco do meu conhecimento e elas trazem-nos sempre alguma coisa nova.”

2. Admita que um(a) colega seu (sua) é convidado, pela primeira vez, a receber estagiários/as e não sabe se deve aceitar. Que conselhos lhe daria?

“Eu diria para aceitar. É claro que nem sempre é fácil porque acabamos por expor o nosso trabalho, a nossa forma de trabalhar enquanto profissionais e nem sempre temos sorte com os estagiários com quem trabalhamos, mas tem vezes que é muito gratificante, sentimos que estamos a ajudar a formar bons profissionais.”

3. Concorda que o estágio seja realizado a pares? Justifique.

“Concordo, elas acabam por partilhar experiências, conhecimentos e ajudam-se mutuamente.”

4. Na sua opinião, considera que a duração do período de estágio realizado no pré-escolar seja suficiente? Justifique.

“Não, não acho. Na minha altura já achava que o estágio não era suficiente, então agora em que os alunos só têm estágio no último ano do mestrado e por tão pouco tempo... não consigo perceber.”

5. O que pensa sobre o número de intervenções que cada estagiária necessita realizar durante o estágio pedagógico?

“Na minha opinião são poucas intervenções, mas acredito que para elas já lhes dê muito trabalho.”

6. Que aspetos considera importantes referir para que haja uma melhoria da supervisão pedagógica durante a prática Pedagógica do Curso de Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico?

“Deveria haver mais estágios ao longo do curso e não apenas no último ano de mestrado. A duração ser maior, sem haver interrupções para elas irem à escola para não haver uma quebra na rotina da escola, mas sim semanas intensivas de estágio em que elas pudessem estar sempre em todos os momentos das rotinas das crianças e mais disciplinas direcionadas para a prática antes dos estágios, como forma de preparação.”

7. Gostaria de acrescentar mais alguma coisa a esta entrevista?

“Não, não obrigada.”

**ANEXO 4 - Entrevista realizada ao/à Educador/a
Cooperante – B**

I. Legitimação da Entrevista

A presente entrevista enquadra-se num estudo sobre o Estágio Supervisionado na Formação Inicial dos Educadores de Infância, realizado no âmbito do curso de Mestrado em Supervisão Pedagógica, ministrado pela Universidade Aberta.

Com esta entrevista pretende-se ficar a conhecer os moldes em que se processam as práticas pedagógicas referentes ao estágio de pré-escolar dos formandos e o papel dos educadores cooperantes neste processo de supervisão.

Os dados recolhidos serão anónimos, confidenciais e exclusivamente utilizados para o estudo em questão.

II. Dados Pessoais

DATA: 05 de fevereiro de 2015

HORA: 15:30

DURAÇÃO:

ENTREVISTADO: B

SEXO: Feminino **IDADE:** 32

III. Relação da Instituição de Formação e os Educadores Cooperantes

1. Quais as funções que a instituição de formação lhe propõe enquanto supervisor/a de estágios de formação inicial?

“Funções!?! Exatamente isso, supervisionar o estágio dos alunos, ajudá-los e ver se conseguem atingir os objetivos que a instituição de formação lhes propõem para o estágio.”

2. Que documentos e/ou orientações escritas ou orais são oferecidos pela instituição de formação aos educadores/as cooperantes antes do início do estágio?

“Documentos com os objetivos do estágio e grelhas de avaliação.”

3. No decorrer do estágio, quantas reuniões são realizadas com os supervisores da Instituição de Formação?

“Realizaram duas reuniões connosco. Uma no início do estágio e outra no final do mesmo.”

4. Quais os temas dessas reuniões?

“A reunião inicial serviu para, de uma forma breve, nos darem umas luzes sobre o estágio dos alunos, a duração do estágio, que dias eles tinham que ir à universidade, como funcionavam as semanas intensivas, que trabalhos eles tinham que realizar, que precisavam fazer atas, materiais pedagógicos. A do final foi somente para falarmos sobre a avaliação dos estagiários.”

5. Com que regularidade os supervisores da Universidade assistem às práticas dos estagiários/as?

“Por norma duas, mas eu, em conversa com a supervisora, sentimos a necessidade que ela viesse mais uma vez, pelo menos, assistir à intervenção de uma das estagiárias.”

6. Sentiu necessidade de mais visitas por parte dos supervisores? Porquê?

“Como disse, acabei por sentir sim, porque infelizmente tive uma estagiária que se destacou em relação a outra. Uma delas tinha muitas dificuldades e estava em risco de perder o estágio.”

7. Considera que foi possível atingir os objetivos que a instituição de formação lhe propôs?

“Sim... mas não foi uma boa experiência e confesso que não sei se voltarei a repetir.”

8. Considera que os responsáveis pela formação da universidade lhe dão as diretrizes necessárias para ser supervisor/a de estágio? Em caso negativo, explique o que acha que poderia ser melhorado.

“Não... acho que devia haver mais apoio, mais informação pormenorizada e concisa, mais visitas por parte do orientador da universidade, em que pudessemos conversar sobre o decorrer do estágio. Sim porque eles quando cá

vêm é somente para observar os alunos e apenas trocamos um ou dois dedos de conversa.”

IV. Funções do Educador/a Cooperante no processo de supervisão durante o estágio de Educação de Infância

1. Teve alguma formação específica para desempenhar o cargo?

“Não.”

2. Tem conhecimento de quais são as funções de um supervisor de estágio na formação inicial? Em caso afirmativo, como adquiriu esse conhecimento?

“O conhecimento que tenho é aquele que eu subentendo. Sendo educadora, acabo por, no meu dia-a-dia, ser uma supervisora nata, não é?”

3. Quais são as funções que considera mais importantes para um/a educador/a realizar o processo de supervisão?

“Um supervisor deve conduzir o aluno nas suas aprendizagens. É importante sermos críticos e diretos, levarmos os alunos a refletir sobre as suas ações, ajudá-los a ultrapassar as suas dificuldades.”

4. Na sua opinião, que características deve ter um supervisor pedagógico? (Como educador/a cooperante, no fundo, é um/a supervisor/a pedagógico/a. Quais são as características que considera mais importantes?)

“Deve ser crítico, compreensível, incentivador.”

5. Os/as educadoras cooperantes trocam informações entre si sobre o trabalho que desenvolvem junto dos formandos? Se sim, em que momentos? Acha importante essas trocas de informação? Em caso afirmativo, em que medida?

“Sim, trocamos. Acho importante, porque vamos conhecendo os outros alunos, a forma como trabalham, como se ajudam mutuamente, que trabalhos desenvolvem. Ajuda-nos também a perceber se as dificuldades de um aluno são sentidas também pelos outros estagiários ou não.”

V. Processo de supervisão pedagógica durante o estágio em Educação de Infância

1. Durante o estágio, quais os aspectos que mais valorizou no processo de supervisão?

“Valorizei o facto de poder contribuir para o desenvolvimento profissional das estagiárias, pelo menos tentei que assim fosse.”

2. Quais as práticas que mais utilizou no domínio da pré-observação?

“Bem...no domínio da pré-observação?! Ajudei-as na planificação das atividades, forneci-lhes todo o tipo de informação que elas necessitavam...”

3. Ponderando a sua experiência como educador/a cooperante, o que considera mais importante que os/as estagiários/as aprendam durante o estágio de formação inicial?

“A saberem gerir o grupo, a planificar, avaliar, a saberem observar os alunos, saberem estar nos diversos momentos da rotina, a serem pessoas ativas com ideias novas.”

4. Quais os aspetos facilitadores e constrangimentos mais sentidos durante o processo de supervisão no estágio de formação inicial?

“Os facilitadores... as crianças gostaram das estagiárias, embora nem sempre as respeitassem por não saberem ser ainda muito autoritárias, mas brincavam com elas e via-se a ligação de empatia forte. Os constrangimentos... a falta de tempo para gerir as coisas. Dá muito trabalho receber estagiários e ter duas pessoas estranhas dentro da sala, logo no início do ano letivo, não é fácil. A relação que se criou com uma das estagiárias também foi de uma gestão muito complicada e depois acabava por levar problemas para casa que seriam desnecessários.”

5. Os/as estagiários/as cooperam na planificação e na execução das atividades a realizar? De que forma?

“Sim, elas é que planejaram as atividades e é que as executavam. Eu apenas apoiava no sentido de ajudá-las a que estas fossem mais de encontro às necessidades do grupo.”

6. Em que consiste o seu trabalho como educador/a cooperante na fase de observação e na fase de intervenção dos estagiários?

“O nosso papel é também de observação dessas fases e de apoio, no sentido de ver se eles conseguem ou não atingir os objetivos que são propostos.”

7. Que dinâmicas foram implementadas no âmbito do processo de pós-observação?

“Reunimo-nos e conversávamos sobre as suas intervenções, assim como com a professora da universidade, quando esta vinha fazer as visitas, no sentido de procurar estratégias para melhorarem as suas práticas.”

8. De que modo as suas críticas ou comentários contribuíram para o enriquecimento formativo dos estagiários/as?

“Uma delas fazia sempre por melhorar nas intervenções seguintes. Eu sentia que ela agradecia os comentários. Já a outra, não aceitava bem as críticas. Embora tentasse não demonstrá-lo, notava-se o seu desagrado e não demonstrava uma atitude no sentido de tentar melhorar aquilo que tinha feito.”

9. Em relação aos/às seus/suas estagiários/os considera que conseguiram atingir os objetivos a que se propuseram no início do estágio?

“Uma delas não, ficou aquém daquilo que é esperado.”

10. O que considerou mais importante que os/as seus/suas estagiários/as aprendessem ao longo deste estágio de formação inicial?

“Que aprendessem a captar a atenção das crianças, a saberem envolvê-los nas atividades, e que elaborassem atividades que fossem atrativas e inovadoras.”

11. Quais as principais dificuldades com que se deparou durante o processo de supervisão?

“Senti algumas dificuldades em saber lidar com uma das estagiárias, infelizmente, porque não havia boa receptividade da parte dela.”

VI. Forma como os Educadores Cooperantes se relacionam e cooperam com as estagiárias durante a prática pedagógica

1. Como caracteriza a relação que teve com o/a seu/sua estagiário/a ao longo do estágio?

“Penso que tenha sido uma relação sobretudo de partilha.”

2. Reuniu frequentemente com o/a seu/sua estagiário/a?

“Sim.”

3. Qual a periodicidade dessas reuniões?

“No final de cada semana, por norma.”

4. Quais os temas dessas reuniões?

“Conversávamos sobre a planificação do trabalho e partilhávamos opiniões. Elas refletiam sobre as suas práticas pedagógicas e eu também dava o meu feedback.”

5. Considera essas reuniões vantajosas? Porquê?

“Sim, acho que eram vantajosas para elas. Acho importante que elas consigam refletir e fazer uma avaliação crítica do seu desempenho e essas reuniões serviam essencialmente para isso.”

6. De que maneira auxiliou os/as estagiárias durante o estágio?

“Colaborava com elas na planificação das atividades, fazia sugestões, como por exemplo, sugeria que as atividades fossem realizadas em pequenos grupos para que fossem mais bem sucedidas. Tentava refletir com elas sobre a prática.”

7. Nos momentos de reflexão, como caracteriza os seus comentários feitos aos/às estagiários/as?

“No meu ponto de vista, eram comentários importantes, motivadores para elas fossem bem-sucedidas nas atividades seguintes. Falava-lhes dos aspetos que poderiam melhorar, o porquê das coisas terem corrido menos bem.”

8. Intervinha no decorrer das suas práticas?

“Tentava intervir quando as estagiárias estavam a sentir mais dificuldades.”

9. Quem decidia os temas a explorar durante as práticas dos/as estagiários/as?

“Era eu que decidia os temas, mas as atividades eram propostas por elas. Eu dava-lhes a possibilidade, muitas vezes, de elas experimentarem, mesmo sabendo que a atividade poderia ou não resultar com o grupo. Mas acho que é assim que elas ganham defesas e procuram estratégias para perceber o que pode ou não ser melhorado.”

10. Quais as experiências que mais ajudaram ao desenvolvimento pessoal e profissional do/da seu/sua estagiário/a durante o processo de supervisão?

“Acho que tudo. Tudo é novo para elas, são muito imaturas, sem qualquer conhecimento do que é a prática, por isso acho que tudo, desde o contacto com as crianças, adultos, a gestão de conflitos, a gestão do tempo, das atividades, todos estes pequenos aspetos são experiências que as fazem desenvolverem-se, tanto a nível profissional, como pessoal.”

VII. Preparação profissional da estagiária no fim do curso de Educação de Infância

1. Considera que a formação inicial que os/as seus/suas estagiários/as receberam, para além da prática pedagógica, o/a preparou para os desafios a que foi sujeito/a durante o estágio?

“Podem as preparar em certa medida, mas não é suficiente, há muitas lacunas no conhecimento que elas têm. É claro que pode haver um ou outro aluno que esteja mais bem preparado do que outro. Acho que está relacionado com a sua maneira de ser, das suas experiências pessoais e, claro, a facilidade ou não de absorção de conhecimento. Mas não é apenas isso. O não saber que tipo de atividades realizar com a faixa etária com que vão trabalhar, como elaborar determinada

atividade. O não saberem, efetivamente, o que a universidade lhes pede na avaliação dos alunos, nos relatórios. Vejo que há muita falta de conhecimento, ou pouca comunicação.”

2. Considera que a prática pedagógica dos/as seus/suas estagiários/as é um elemento facilitador no processo de iniciação da vida ativa profissional? Porquê?

“Claro, é a prática pedagógica que nos dá a bagagem, como se costuma dizer.”

3. Na sua opinião, quais as dificuldades mais sentidas pelos/as seus/suas estagiários/as na área das relações com os outros intervenientes (coordenador/a, educador/a, auxiliares, etc.) e na área da planificação, das práticas, reflexão sobre as mesmas?

“Na parte das relações, penso não ter havido nenhum entrave. Elas relacionavam-se bem com todos os elementos, com as crianças, e mesmo entre elas. No trabalho em si, como já referi, uma das a estagiárias era sempre mais complicada, embora falássemos sobre o que deveria melhorar, ela voltava a cometer o mesmo erro, ficava nervosa, não conseguia reagir, dar a volta por cima, perdia o controlo por completo do grupo, as atividades eram sempre muito pobres, desajustadas. E embora ela visse o trabalho desenvolvido pela outra colega e esta a tentasse motivar e ajudar, ela não conseguia, parecia sempre que não percebia, nem sei, foi muito complicado.”

4. Quais os fatores que considera estarem na origem dessas dificuldades?

“Personalidade, falta de prática, falta de apoio mais individualizado, talvez.”

5. Acha que os/as seus/suas estagiários estão preparados/as para exercer a profissão de educador/a de infância?

“Uma delas sim, a outra não.”

6. Quais os aspetos que lhe parece que os/as estagiários/as vão ter mais dificuldades no futuro? Porquê?

“Acho que vão ter dificuldades pelo facto de estarem sozinhas, de terem que tomar as suas próprias decisões, de terem um grupo inteiro para gerir sem ajuda,

saber lidar com os pais, saber ver as necessidades dos alunos, ir ao encontro deles. Nem sei, acho que por mais ou menos bem preparado que o estagiário esteja, vai sempre encontrar dificuldades.”

7. Quais os fatores que considera estarem na origem dessas dificuldades?

“Novamente, a falta de prática, principalmente.”

VIII. Formas de melhoria da supervisão pedagógica na formação em Educação de Infância

1. Recebe estagiárias por opção sua ou por ordem da sua entidade patronal?

“Foi-me mais ou menos imposto. Como irei explicar? Indiretamente, foi-me dito que eu seria a única... bem, fizeram um pouco de pressão para que eu aceitasse.”

2. Admita que um(a) colega seu (sua) é convidado, pela primeira vez, a receber estagiários/as e não sabe se deve aceitar. Que conselhos lhe daria?

“Para pensar bem, se tem disponibilidade para tal porque exige algum tempo, paciência. É um esforço adicional que por vezes nos dá algumas chatices. Não é a primeira vez que eu recebo estagiários e, por exemplo, este ano, acho que foi... nada, mas nada fácil.”

3. Concorda que o estágio seja realizado a pares? Justifique.

“Concordo. Acho que assim podem se ajudar, e elas ficam talvez mais seguras, tendo um apoio de um colega.”

4. Na sua opinião, considera que a duração do período de estágio realizado no pré-escolar seja suficiente? Justifique.

“Não só acho que não é suficiente, como acho que o período em que é escolhido não é favorável, nem para nós, nem para as estagiárias. É logo no início de ano letivo, em que as crianças estão em fase de adaptação, eu própria também. É complicado.”

5. O que pensa sobre o número de intervenções que cada estagiária necessita realizar durante o estágio pedagógico?

“Acho que não é suficiente. Esta nova modalidade de curso falha em muitas coisas. Na minha altura, tínhamos que realizar atividades todos os dias, às vezes até mais do que uma por dia, consoante a faixa etária do grupo, e era todos os dias da semana, não havia cá um ou dois dias destinados a aulas na universidade. Éramos avaliadas por todos os momentos do dia e não apenas pelas atividades planificadas a que elas chamam agora de intervenções. Acho que não são verdadeiramente preparados para a atividade profissional.”

6. Que aspetos considera importantes referir para que haja uma melhoria da supervisão pedagógica durante a prática Pedagógica do Curso de Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico?

“Penso que os alunos deviam de ter mais estágios e disciplinas mais direcionadas para a prática em si.”

7. Gostaria de acrescentar mais alguma coisa a esta entrevista?

“Não.”

**ANEXO 5 - Entrevista realizada ao/à Educador/a
Cooperante – C**

I. Legitimação da Entrevista

A presente entrevista enquadra-se num estudo sobre o Estágio Supervisionado na Formação Inicial dos Educadores de Infância, realizado no âmbito do curso de Mestrado em Supervisão Pedagógica, ministrado pela Universidade Aberta.

Com esta entrevista pretende-se ficar a conhecer os moldes em que se processam as práticas pedagógicas referentes ao estágio de pré-escolar dos formandos e o papel dos educadores cooperantes neste processo de supervisão.

Os dados recolhidos serão anónimos, confidenciais e exclusivamente utilizados para o estudo em questão.

II. Dados Pessoais

DATA: 5 de fevereiro

HORA: 16:05

DURAÇÃO:

ENTREVISTADO: C

SEXO: Feminino **IDADE:** 37

III. Relação da Instituição de Formação e os Educadores Cooperantes

1. Quais as funções que a instituição de formação lhe propõe enquanto supervisor/a de estágios de formação inicial?

“O acompanhamento direto dos estagiários, orientação nos trabalhos desenvolvidos e a garantia, digamos assim, de que os objetivos do estágio são concretizados pelos alunos.”

2. Que documentos e/ou orientações escritas ou orais são oferecidos pela instituição de formação aos educadores/as cooperantes antes do início do estágio?

“Foi-nos entregue um conjunto de folhas em que constavam os objetivos e os parâmetros de avaliação dos alunos.”

3. No decorrer do estágio, quantas reuniões são realizadas com os supervisores da Instituição de Formação?

“Tivemos duas reuniões formais em que vieram cá falar connosco. Uma antes de iniciar o estágio e outra no final e depois, nas visitas, podíamos trocar uma palavra ou outra, mas eles vinham, sobretudo, para observar os alunos.”

4. Quais os temas dessas reuniões?

“Nessas reuniões mais formais foi, sobretudo, para falarem sobre os moldes em que o estágio estava organizado, isto na primeira reunião, e a segunda foi no final do estágio para falarmos sobre a avaliação dos estagiários.”

5. Com que regularidade os supervisores da Universidade assistem às práticas dos estagiários/as?

“Na minha sala, vieram apenas duas vezes.”

6. Sentiu necessidade de mais visitas por parte dos supervisores? Porquê?

“Não, acho que foram suficientes.”

7. Considera que foi possível atingir os objetivos que a instituição de formação lhe propôs?

“Penso que sim.”

8. Considera que os responsáveis pela formação da universidade lhe dá as diretrizes necessárias para ser supervisor/a de estágio? Em caso negativo, explique o que acha que poderia ser melhorado.

“Acho que sim. Eles dão as diretrizes necessárias para nós sabermos quais são os conhecimentos que eles têm que adquirir, que trabalhos eles tem que desenvolver durante esse tempo e os parâmetros avaliativos.”

IV. Funções do Educador/a Cooperante no processo de supervisão durante o estágio de Educação de Infância

1. Teve alguma formação específica para desempenhar o cargo?

“Não, nenhuma.”

2. Tem conhecimento de quais são as funções de um supervisor de estágio na formação inicial? Em caso afirmativo, como adquiriu esse conhecimento?

“Sim...as nossas funções... é transmitirmos o nosso conhecimento enquanto profissionais, orientá-los nas suas aprendizagens e avaliar as suas práticas. Como adquiri esse conhecimento?! Um dia também já fui estagiária.”

3. Quais são as funções que considera mais importantes para um/a educador/a realizar o processo de supervisão?

“Deve orientar e ser interventivo, sempre que as situações o permitam, para bem do aluno.”

4. Na sua opinião, que características deve ter um supervisor pedagógico? (Como educador/a cooperante, no fundo, é um/a supervisor/a pedagógico/a. Quais são as características que considera mais importantes?)

“Deve ser assertivo. É importante ter conhecimento pedagógico e saber transmiti-lo. Deve ser colaborante, ajudar o aluno a atingir os seus objetivos, tanto dentro, como fora da sala de aula e deve ser justo nas suas avaliações.”

5. Os/as educadoras cooperantes trocam informações entre si sobre o trabalho que desenvolvem junto dos formandos? Se sim, em que momentos? Acha importante essas trocas de informação? Em caso afirmativo, em que medida?

“Sim, é óbvio que sim. Não havia momentos específicos para o fazer, surgia em conversa quando estávamos juntas. Acho que pela troca de conhecimentos e experiências todas ficamos a ganhar porque, assim, vemos também que alunos têm ritmos e dificuldades diferentes, que tipos de trabalhos desenvolvem. Termos, por vezes, pontos de comparação nem sempre é mau, é uma forma de conseguirmos fazer também uma avaliação mais justa.”

V. Processo de supervisão pedagógica durante o estágio em Educação de Infância

1. Durante o estágio, quais os aspetos que mais valorizou no processo de supervisão?

“Valorizei o ambiente que se criou de partilha entre as minhas colegas, no sentido de criarmos estratégias para tentar melhorar a ação dos estagiários.”

2. Quais as práticas que mais utilizou no domínio da pré-observação?

“É importante na pré-observação, ou seja, antes dos alunos iniciarem propriamente as suas intervenções, nos reunirmos com os alunos para discutirmos vários assuntos, e foi isso que fiz, tentei conhecê-los melhor, dar a conhecer o grupo de crianças com quem iriam estar, ficar a perceber o que pretendiam desenvolver ao longo do estágio.”

3. Ponderando a sua experiência como educador/a cooperante, o que considera mais importante que os/as estagiários/as aprendam durante o estágio de formação inicial?

“Devemos preparar os estagiários para as diferentes abordagens e para os diferentes contextos com que se podem deparar no dia-a-dia, enquanto futuros educadores, de maneira a que consigam, de alguma forma, dar as melhores respostas às necessidades das crianças.”

4. Quais os aspetos facilitadores e constrangimentos mais sentidos durante o processo de supervisão no estágio de formação inicial?

“Foi fácil criar uma boa dinâmica de trabalho entre mim e os estagiários e isso é, sem dúvida, um aspeto que facilita muito o processo de supervisão. Os constrangimentos sentidos... o tentar chamar a atenção para algum aspeto sem que as palavras ofendam ou magoem o estagiário, porque não é de todo isso que se pretende.”

5. Os/as estagiários/as cooperam na planificação e na execução das atividades a realizar? De que forma?

“Sim, são eles que planificam e executam as suas atividades. Podemos dar uma sugestão ou outra, mas isso é da responsabilidade deles, aliás, eles são avaliados por isso.”

6. Em que consiste o seu trabalho como educador/a cooperante na fase de observação e na fase de intervenção dos estagiários?

“Consiste em observar e avaliar se a prática está coincidente com os princípios pedagógicos aprendidos.”

7. Que dinâmicas foram implementadas no âmbito do processo de pós-observação?

“Juntos tínhamos uma reunião, revíamos a prática e fazíamos uma avaliação dessa intervenção. Disse-lhes os pontos positivos e aspetos a melhorar para que pudessem fazê-los nas suas práticas.”

8. De que modo as suas críticas ou comentários contribuíram para o enriquecimento formativo dos estagiários/as?

“Acho que era uma mais-valia essa comunicação e acho que as sugestões feitas eram bem aceites. Pelo menos, era sempre com o intuito de melhorar as práticas deles. Embora eu nem sempre visse essas melhorias. O problema é que os dois estagiários eram namorados e eu sentia que ele estava sempre debruçado nela, parecia que ele estava sempre à espera que ela fizesse as coisas por ele. Tinha muito pouco iniciativa. Eu dizia-lhe coisas simples e ele nunca tentava procurar saber mais ou informar-se de como se fazia esta ou aquela atividade.”

9. Em relação aos/às seus/suas estagiárias/os considera que conseguiram atingir os objetivos a que se propuseram no início do estágio?

“Ela sim, era uma rapariga com iniciativa, atenta, conseguia impor a voz, quando necessário, para chamar a atenção do grupo, propunha atividades interessantes. Já ele, nem por isso, não deixou de passar no estágio, mas acho que prejudicaram o estágio deles, tendo sido colocados juntos.”

10. O que considerou mais importante que os/as seus/suas estagiários/as aprendessem ao longo deste estágio de formação inicial?

“Achei importante que eles percebessem quais eram as suas melhores capacidades/aptidões e desenvolvessem isso. Por exemplo, o A. tinha algumas dificuldades na planificação das atividades e mesmo na realização de algumas atividades básicas, como por exemplo, elaborar digitinta com os alunos, mas

tinha uma aptidão imensa para tudo o que estava relacionado com música e, quando percebemos isso, ele tentou realizar mais atividades nessa área e os miúdos deliravam com ele. É claro que só isso não o torna um bom profissional, mas ajudou-lhe muito a superar a sua ansiedade e nervosismo que sentia inicialmente.”

11. Quais as principais dificuldades com que se deparou durante o processo de supervisão?

“A falta de tempo, de realizar o meu trabalho e de ainda conseguir orientar o trabalho deles. Tentar não intervir nos momentos de intervenção deles, principalmente nos momentos em que o grupo estava mais agitado, de forma a ver como é que eles resolveriam a situação. E, para mim, também foi uma dificuldade conseguir fazer os possíveis para avaliá-los de forma justa.”

VI. Forma como os Educadores Cooperantes se relacionam e cooperam com as estagiárias durante a prática pedagógica

1. Como caracteriza a relação que teve com o/a seu/sua estagiário/a ao longo do estágio?

“Acho que foi uma relação bastante informal e colaborativa. Deixei-os sempre à vontade para perguntarem o que quisessem, sabendo também que poderiam ter abertura para ouvirem os comentários que tivessem que ser feitos.”

2. Reuniu frequentemente com o/a seu/sua estagiário/a?

“Sim.”

3. Qual a periodicidade dessas reuniões?

“Todas as semanas.”

4. Quais os temas dessas reuniões?

“Conversávamos sobre as atividades que eles tinham realizado, dava-lhes o meu feedback sobre o que poderia ou não ser melhorado, apresentavam-me as

planificações das atividades seguintes, sobretudo essas reuniões serviam para partilharmos opiniões.”

5. Considera essas reuniões vantajosas? Porquê?

“Sim, claro. São essas reuniões que permitem que eles próprios também façam uma introspeção das suas práticas, que em conversa comigo também percebiam o que deve ser melhorado.”

6. De que maneira auxiliou os/as estagiárias durante o estágio?

“Procurei dar o meu apoio nas planificações das atividades, tentando-as ajustar mais àquilo que podia ser mais adequado ao meu grupo de crianças e que, como educadora, sei que conseguem realizar mais facilmente e tentei sempre ser sincera nas opiniões que dava, no sentido de os ajudar.”

7. Nos momentos de reflexão, como caracteriza os seus comentários feitos aos/às estagiários/as?

“Eram comentários, como disse, sempre no sentido de os ajudar e de os levar a refletir sobre as suas intervenções.”

8. Intervinha no decorrer das suas práticas?

“Tentava não o fazer, mas por vezes, podia ter que chamar a atenção do grupo para fazerem menos barulho, prestarem atenção à história, por exemplo, ou pôr fim a alguma briga entre crianças, mas evitava, exatamente para ver qual seria a reação e a ação deles.”

9. Quem decidia os temas a explorar durante as práticas dos/as estagiários/as?

“Os estagiários.”

10. Quais as experiências que mais ajudaram ao desenvolvimento pessoal e profissional do/da seu/sua estagiário/a durante o processo de supervisão?

“As opiniões, as críticas, o apoio, a relação que se estabeleceu, o trabalho de equipa, os trabalhos desenvolvidos, todos estes aspetos contribuíram e muito, a meu ver, para o desenvolvimento deles.”

VII.Preparação profissional da estagiária no fim do curso de Educação de Infância

- 1. Considera que a formação inicial que os/as seus/suas estagiários/as receberam, para além da prática pedagógica, o/a preparou para os desafios a que foi sujeito/a durante o estágio?**

“Não. No meu ponto de vista, nenhum estagiário está realmente preparado para tal.”

- 2. Considera que a prática pedagógica dos/as seus/suas estagiários/as é um elemento facilitador no processo de iniciação da vida ativa profissional? Porquê?**

“Sim, sem dúvida. É a prática que dá determinados tipos de competências que, de outra forma, não conseguiriam adquirir e estas serão, sem dúvida, uma mais-valia para o futuro profissional deles.”

- 3. Na sua opinião, quais as dificuldades mais sentidas pelos/as seus/suas estagiários/as na área das relações com os outros intervenientes (coordenador/a, educador/a, auxiliares, etc.) e na área da planificação, das práticas, reflexão sobre as mesmas?**

“Não senti que tivessem tipo dificuldades nas relações, mas também não tiveram, por exemplo, muito contacto com os pais, mas a nível de relacionamentos internos não houve qualquer tipo de problema. Já em relação ao trabalho concreto, senti sim que tiveram algumas dificuldades, principalmente na planificação e na prática.”

- 4. Quais os fatores que considera estarem na origem dessas dificuldades?**

“Falta de confiança, associada a nervosismo e isso advém, sobretudo, de falta de prática.”

- 5. Acha que os/as seus/suas estagiários estão preparados/as para exercer a profissão de educador/a de infância?**

“Acho que ele tem mais perfil para ser professor de primeiro ciclo, mas...embora não estejam totalmente preparados, darão provavelmente bons profissionais no futuro, ganhando até lá mais alguma prática.”

6. Quais os aspetos que lhe parece que os/as estagiários/as vão ter mais dificuldades no futuro? Porquê?

“Certamente terão algumas dificuldades na planificação, avaliação e todas as burocracias relacionadas com o grupo que orientam.”

7. Quais os fatores que considera estarem na origem dessas dificuldades?

“A falta de prática e, parte desta, só a irão adquirir quando estiverem sozinhos, responsáveis por um grupo.”

VIII. Formas de melhoria da supervisão pedagógica na formação em Educação de Infância

1. Recebe estagiárias por opção sua ou por ordem da sua identidade patronal?

“Por opção minha.”

2. Admita que um(a) colega seu (sua) é convidado, pela primeira vez, a receber estagiários/as e não sabe se deve aceitar. Que conselhos lhe daria?

“Diria que deveria passar pela experiência, pelo menos uma vez, porque toda a logística e o trabalho acaba também por nos desenvolver enquanto pessoas e profissionais. Esperemos é que não tenha, logo na primeira vez, alguma experiência traumatizante.”

3. Concorda que o estágio seja realizado a pares? Justifique.

“Não, porque pelas experiências que tenho, existe sempre um elemento que se destaca em relação ao outro, ou um que se aproveita mais do outro, como foi o caso. Acho que se fosse individualmente, conseguir-se-ia que a avaliação fosse mais justa porque temos mais garantias de saber que foi aquele elemento que elaborou aquele relatório, que fez aquelas planificações, que teve aquelas ideias, que resolveu aquela situação...”

4. Na sua opinião, considera que a duração do período de estágio realizado no pré-escolar seja suficiente? Justifique.

“Não, acho que eles deveriam ter mais estágios durante a licenciatura.”

5. O que pensa sobre o número de intervenções que cada estagiária necessita realizar durante o estágio pedagógico?

“Penso que o número de intervenções tenha sido adequado para o tempo de estágio que eles tiveram.”

6. Que aspetos considera importantes referir para que haja uma melhoria da supervisão pedagógica durante a prática Pedagógica do Curso de Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico?

“Não sei, talvez pensar na forma como o curso está organizado, que isso é uma coisa que me faz a mim e às minhas colegas um pouco de confusão, a quantidade de estágios que eles têm, em que altura do ano eles os realizam. No meu ponto de vista, a quantidade de estagiários por sala, como já tinha feito referência, essencialmente isso.”

7. Gostaria de acrescentar mais alguma coisa a esta entrevista?

“Não vejo nada de importante a acrescentar, para além daquilo que já fui dizendo.”

**ANEXO 6 - Entrevista realizada ao/à Educador/a
Cooperante – D**

I. Legitimação da Entrevista

A presente entrevista enquadra-se num estudo sobre o Estágio Supervisionado na Formação Inicial dos Educadores de Infância, realizado no âmbito do curso de Mestrado em Supervisão Pedagógica, ministrado pela Universidade Aberta.

Com esta entrevista pretende-se ficar a conhecer os moldes em que se processam as práticas pedagógicas referentes ao estágio de pré-escolar dos formandos e o papel dos educadores cooperantes neste processo de supervisão.

Os dados recolhidos serão anónimos, confidenciais e exclusivamente utilizados para o estudo em questão.

II. Dados Pessoais

DATA: 12 de Fevereiro de 2015

HORA: 15:05

DURAÇÃO:

ENTREVISTADO: D

SEXO: Feminino **IDADE:** 39

III. Relação da Instituição de Formação e os Educadores Cooperantes

1. Quais as funções que a instituição de formação lhe propõe enquanto supervisor/a de estágios de formação inicial?

“A função de orientar os estagiários nas suas práticas, de ajudar a que conseguiram atingir os objetivos que são pretendidos pela universidade.”

2. Que documentos e/ou orientações escritas ou orais são oferecidos pela instituição de formação aos educadores/as cooperantes antes do início do estágio?

“Entregaram-nos as grelhas de avaliação e uns documentos que falavam sobre o programa do estágio.”

3. No decorrer do estágio, quantas reuniões são realizadas com os supervisores da Instituição de Formação?

“Duas reuniões.”

4. Quais os temas dessas reuniões?

“A primeira reunião serviu para, de uma forma geral, termos conhecimento dos objetivos do estágio e a reunião final que tivemos foi para avaliarmos os alunos.”

5. Com que regularidade os supervisores da Universidade assistem às práticas dos estagiários/as?

“Não havia uma regularidade, vieram duas vezes, sem alturas específicas para o fazer.”

6. Sentiu necessidade de mais visitas por parte dos supervisores? Porquê?

“Não senti a necessidade, mas acho que assistir às práticas do aluno apenas duas vezes é pouco para se conseguir perceber a evolução do aluno.”

7. Considera que foi possível atingir os objetivos que a instituição de formação lhe propôs?

“Eu acredito que sim.”

8. Considera que os responsáveis pela formação da universidade lhe dão as diretrizes necessárias para ser supervisor/a de estágio? Em caso negativo, explique o que acha que poderia ser melhorado.

“Eles dão-nos poucas diretrizes. Entregam-nos os parâmetros avaliativos, dão-nos dois dedos de conversa e pouco mais do que isso.”

IV. Funções do Educador/a Cooperante no processo de supervisão durante o estágio de Educação de Infância

1. Teve alguma formação específica para desempenhar o cargo?

“Não.”

2. Tem conhecimento de quais são as funções de um supervisor de estágio na formação inicial? Em caso afirmativo, como adquiriu esse conhecimento?

“Eu deduzo que um supervisor de estágio tem como função informar o estagiário do trabalho que é desenvolvido na sala de aula, ou seja, a metodologia de trabalho que é utilizada, o tipo de grupo de crianças com que vão trabalhar, e deve apoiar na parte pedagógica, orientar as atividades que serão desenvolvidas e avaliá-las posteriormente.”

3. Quais são as funções que considera mais importantes para um/a educador/a realizar o processo de supervisão?

“Ter facilidade em se relacionar e respeitar o outro, com o intuito de cooperar e enriquecer o trabalho do estagiário, sem ter como finalidade o penalizar ou prejudicar.”

4. Na sua opinião, que características deve ter um supervisor pedagógico? (Como educador/a cooperante, no fundo, é um/a supervisor/a pedagógico/a. Quais são as características que considera mais importantes?)

“Um supervisor pedagógico deve ter conhecimento científico e pedagógico, deve ser uma pessoa sincera, frontal, compreensiva, com preocupação em fazer críticas construtivas e ter facilidade de se relacionar e de aceitar/respeitar o outro.”

5. Os/as educadoras cooperantes trocam informações entre si sobre o trabalho que desenvolvem junto dos formandos? Se sim, em que momentos? Acha importante essas trocas de informação? Em caso afirmativo, em que medida?

Sim, trocamos informações. Nos momentos da planificação e intervalo em que temos oportunidade de estar com as colegas. Sim, na minha opinião são importantes, porque com ajuda das colegas e troca de ideias é possível enriquecer, não só as atividades e dinâmica dos estagiários, como a nós próprias.”

V. Processo de supervisão pedagógica durante o estágio em Educação de Infância

1. Durante o estágio, quais os aspetos que mais valorizou no processo de supervisão?

“Valorizei a ética profissional, a capacidade inter-relacional e de comunicação dos estagiários. A capacidade de cooperarem e se ajudarem uns aos outros.”

2. Quais as práticas que mais utilizou no domínio da pré-observação?

“Tentei dar informações sobre o grupo, mostrar-lhes o que estava a trabalhar em contexto de sala, tentei perceber como pretendiam intervir, o tipo de atividades/dinâmicas/estratégias que pretendiam desenvolver, e coloquei-lhes à disposição todos os materiais que pudessem vir a necessitar para apoiá-los nas suas práticas pedagógicas.”

3. Ponderando a sua experiência como educador/a cooperante, o que considera mais importante que os/as estagiários/as aprendam durante o estágio de formação inicial?

“É importante que eles saibam ajustar o seu conhecimento à faixa etária das crianças com as quais estão a trabalhar e ter curiosidade e iniciativa e experimentar, arriscar, mesmo que os resultados não sejam os esperados, numa fase inicial.”

4. Quais os aspetos facilitadores e constrangimentos mais sentidos durante o processo de supervisão no estágio de formação inicial?

“Sentir que a nossa equipa de sala... que estávamos todos em sintonia. Os constrangimentos... não houve nada que me venha agora à cabeça...”

5. Os/as estagiários/as cooperam na planificação e na execução das atividades a realizar? De que forma?

“Sim, são eles que planificam e executam as atividades durante o espaço de tempo que cá estão.”

6. Em que consiste o seu trabalho como educador/a cooperante na fase de observação e na fase de intervenção dos estagiários?

“Acho que na fase de observação deve-se dar oportunidade aos estagiários de conhecer o grupo a agir de forma natural, sem serem muito condicionados, e de uma ou outra atividade que o grupo seja capaz de realizar, para que os estagiários fiquem um pouco mais elucidados daquilo que eles são capazes de fazer. Na fase da intervenção, deve-se dar oportunidade a cada estagiário de elaborar uma ou mais atividades sozinho, para que ele próprio perceba as dificuldades e os aspectos a corrigir, caso hajam, claro. E cabe-nos a nós avaliar essas intervenções o mais brevemente possível para que eles tenham a possibilidade de melhorarem nas intervenções seguintes.”

7. Que dinâmicas foram implementadas no âmbito do processo de pós-observação?

“Acaba por ser essa auto e heteroavaliação que fazemos em conjunto.”

8. De que modo as suas críticas ou comentários contribuíram para o enriquecimento formativo dos estagiários/as?

“Por aquilo que fui vendo, eles tentavam melhorar as suas intervenções, logo por aí acho que as críticas e os comentários que fui fazendo eram úteis e eles aceitavam e compreendiam a sua importância.”

9. Em relação aos/às seus/suas estagiários/os considera que conseguiram atingir os objetivos a que se propuseram no início do estágio?

“Com algumas dificuldades, por vezes, mas nada que não tivesse sido ultrapassado e acabaram por concluir o estágio com êxito.”

10. O que considerou mais importante que os/as seus/suas estagiários/as aprendessem ao longo deste estágio de formação inicial?

“Que aprendessem a saber colocar o seu tom de voz, a falar para o grande grupo e não apenas com um pequeno grupo de crianças, a saber se posicionarem na sala de forma a poderem visualizar todas as crianças e auxiliarem-nas no caso de haver essa necessidade, a adequar as atividades ao grupo de crianças... estou a mencionar estes aspectos porque foram os que eles demonstraram mais dificuldades logo de início, mas também foram aspectos que eles rapidamente conseguiram corrigir.”

11. Quais as principais dificuldades com que se deparou durante o processo de supervisão?

“As avaliações dos estagiários são sempre difíceis, independentemente do tipo de estagiário que temos, eu pelo menos tenho receio de não ser justa na avaliação.”

VI. Forma como os Educadores Cooperantes se relacionam e cooperam com as estagiárias durante a prática pedagógica

1. Como caracteriza a relação que teve com os/as seus/suas estagiários/as ao longo do estágio?

“Tentei criar uma boa relação com eles, de maneira a que cooperássemos uns com os outros, que eles se sentissem apoiados.”

2. Reuniu frequentemente com o/a seu/sua estagiário/a?

“Sim, eu tentava todos os dias conversar com eles sobre como tinham corrido as práticas daquele dia, mas era ao final da semana que nós nos reuníamos com mais calma.”

3. Qual a periodicidade dessas reuniões?

“Acho que acabei por já responder à questão.”

4. Quais os temas dessas reuniões?

“As que tínhamos diariamente eram muito breves, podemos dizer que eram conversas muito informais em que eu, de uma forma geral, dava-lhes a minha opinião da atividade. Acho importante que possamos conversar na altura porque, muitas vezes, eles ainda têm uma semana pela frente, uma semana em que eles ainda podem melhorar se alguém lhes elucidar para tal... do que se eu estiver somente a escrever anotações e lhes dizer só ao final de uma semana, por exemplo. Na reunião que tínhamos no final da semana, aí sim, já era uma reunião com mais calma, em que eles apresentavam as propostas das atividades e materiais que eles iriam apresentar.”

5. Considera essas reuniões vantajosas? Porquê?

“Acredito que sim, para ambos. Porque se não houver esse contacto, essa partilha, não se consegue também criar uma relação de empatia e não nos conseguimos ajudar mutuamente. Ajudam-me a mim porque me fazem ver quais são as suas maiores dificuldades e como os poderei ajudar, que é essa a minha função como supervisora, e eu ajudo-lhes na sua avaliação diária para que consigam ter um melhor desempenho.”

6. De que maneira auxiliou os/as estagiários durante o estágio?

“Tentei ajudar com a sugestão de atividades e materiais pedagógicos, disponibilizava-lhes informação, por vezes até bibliografia que precisavam.”

7. Nos momentos de reflexão, como caracteriza os seus comentários feitos aos/às estagiários/as?

“Tentava que fossem construtivos e tinha sempre o cuidado de lhes dizer de forma a que não se sentissem magoados com o conselho que eu dava, por exemplo.”

8. Intervinha no decorrer das suas práticas?

“Muito raramente, tentava não o fazer.”

9. Quem decidia os temas a explorar durante as práticas dos/as estagiários/as?

“Os temas já tinham sido inicialmente escolhidos por mim, eles escolheram atividades que fossem de encontro ao tema que estava a ser trabalhado em sala de aula.”

10. Quais as experiências que mais ajudaram ao desenvolvimento pessoal e profissional do/da seu/sua estagiário/a durante o processo de supervisão?

“Experiências... todas as atividades que tiveram que planear, executar, o aprender a controlar o nervosismo de falar para o grande grupo com outras pessoas a observar, de contar histórias, sim porque eles não sabem contar histórias, não aprendem a colocar a voz, a ser expressivos, a captar a atenção das crianças, por isso, como vê, todas estas pequeninas coisinhas em que eu os tenho

que chamar a atenção, ou simplesmente orientá-los, acabam por os ajudar a desenvolverem-se, tanto a nível pessoal como profissional.”

VII.Preparação profissional da estagiária no fim do curso de Educação de Infância

- 1. Considera que a formação inicial que os/as seus/suas estagiários/as receberam, para além da prática pedagógica, o/a preparou para os desafios a que foi sujeito/a durante o estágio?**

“É a formação inicial que lhes traz certamente alguns conhecimentos teóricos, mas claro, não são somente estes que os conseguem preparar para todos as situações que eles se deparam no estágio. É no próprio estágio que eles vão aprender determinadas competências, ter experiências e ter noção de alguns aspetos.”

- 2. Considera que a prática pedagógica dos/as seus/suas estagiários/as é um elemento facilitador no processo de iniciação da vida ativa profissional? Porquê?**

“Sim, claro, é a prática que lhes permite amadurecer, enriquecer as suas habilidades, digamos assim, criar as suas próprias metodologias de trabalho e aprendem a superar as dificuldades que vão surgindo. O que seriam dos cursos sem práticas?!”

- 3. Na sua opinião, quais as dificuldades mais sentidas pelos/as seus/suas estagiários/as na área das relações com os outros intervenientes (coordenador/a, educador/a, auxiliares, etc.) e na área da planificação, das práticas, reflexão sobre as mesmas?**

“As maiores dificuldades que eles apresentaram foram, numa primeira fase, conseguir adequar as atividades ao grupo e posteriormente avaliá-las, mas por aquilo que percebi, é uma dificuldade geral, apresentada pela maioria dos estagiários.”

- 4. Quais os fatores que considera estar na origem dessas dificuldades?**

“Falta de prática e de formação teórica nessa área.”

5. Acha que os/as seus/suas estagiários estão preparados/as para exercer a profissão de educador/a de infância?

“Penso que sim, tendo em conta a formação que tiveram.”

6. Quais os aspetos que lhe parece que os/as estagiários/as vão ter mais dificuldades no futuro? Porquê?

“Vão ter dificuldades em lidar com situações diferentes, a que nunca tenham sido expostos até aqui, em saber aplicar grelhas avaliativas, a envolverem-se com a comunidade educativa, porque é algo que não estão muito, ou de todo, habituados.”

7. Quais os fatores que considera estarem na origem dessas dificuldades?

“O facto de ser o primeiro estágio, ou seja, de ainda não terem muita prática... e a verdade é que num estágio estão sob orientações, há muitos aspetos/decisões que são tomadas por quem orienta e isso são aspetos que só serão trabalhados/aprendidos quando orientarem sozinhos uma sala.”

VIII. Formas de melhoria da supervisão pedagógica na formação em Educação de Infância

1. Recebe estagiárias por opção sua ou por ordem da sua identidade patronal?

“Por opção minha, gosto de o fazer.”

2. Admita que um(a) colega seu (sua) é convidado, pela primeira vez, a receber estagiários/as e não sabe se deve aceitar. Que conselhos lhe daria?

“Diria para aceitar, se tiver disponibilidade para isso. Dir-lhes-ia a minha experiência... eu comecei a orientar estágios por sentir necessidade de ter experiências diferentes a nível do ensino, e a verdade é que isso tem o seu “quê” de interessante.”

3. Concorda que o estágio seja realizado a pares? Justifique.

“Concordo. Acho que é uma mais-valia para eles.”

4. Na sua opinião, considera que a duração do período de estágio realizado no pré-escolar seja suficiente? Justifique.

“Sim e não. Acho que a duração temporal para o ano letivo em que se encontram é suficiente, no entanto, acho que eles deveriam ter mais estágios no pré-escolar ao longo do curso. Eles estão no último ano de mestrado, prestes a iniciar a sua vida profissional. Para mim, não faz sentido que este estágio seja um estágio inicial, eles nunca tiveram práticas até aqui, como é que podem estar devidamente preparados?”

5. O que pensa sobre o número de intervenções que cada estagiário/a necessita realizar durante o estágio pedagógico?

“Penso que seja suficiente para a duração que tem o estágio.”

6. Que aspetos considera importantes referir para que haja uma melhoria da supervisão pedagógica durante a prática Pedagógica do Curso de Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico?

“Acho que a supervisão feita pelos supervisores da universidade, digamos assim, poderia ser mais frequente. Isso ajudaria a que os alunos se sentissem também mais apoiados.”

7. Gostaria de acrescentar mais alguma coisa a esta entrevista?

“Não.”

**ANEXO 7 - Entrevista realizada à/ao
Estagiária/o – A1**

I. Legitimação da Entrevista

A presente entrevista enquadra-se num estudo sobre o Estágio Supervisionado na Formação Inicial dos Educadores de Infância, realizado no âmbito do curso de Mestrado em Supervisão Pedagógica, ministrado pela Universidade Aberta.

Com esta entrevista pretende-se ficar a conhecer os moldes em que se processam as práticas pedagógicas referentes ao estágio de pré-escolar dos formandos e o papel dos educadores cooperantes neste processo de supervisão.

Os dados recolhidos serão anónimos, confidenciais e exclusivamente utilizados para o estudo em questão.

II. Dados Pessoais

DATA: 07 de Janeiro 2015

HORA: 14:00

DURAÇÃO: 31:24

ENTREVISTADO: A1

EDUCADORA: A

SEXO: Feminino

IDADE: 23

III. Informação geral sobre o Curso

1. Identifique o curso universitário em que se insere o estágio pedagógico que realizou no pré-escolar.

“Estou a frequentar o Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do Primeiro Ciclo do Ensino Básico.”

2. O que pensa sobre a forma como o curso está organizado?

“É assim, eu penso que deveria ser um curso ou só dirigido ao pré-escolar ou só dirigido ao primeiro ciclo de maneira a que possamos ficar com uma formação mais sólida só numa das áreas. Assim, nós não conseguimos ganhar bases suficientes para lecionar no futuro.”

3. No âmbito deste curso, quantos estágios teve ao longo da sua formação?

“No terceiro ano, tivemos uma espécie de mini-estágio, em que nós íamos uma ou duas vezes por semana a uma escola, e só, ou a uma manhã ou só uma tarde. Podia calhar ou no pré-escolar ou no primeiro ciclo, era tirado à sorte e calhou-me o pré-escolar.

Este é o estágio que está a ser mesmo estágio. Temos duas semanas intensivas onde estamos todos os dias com as crianças, das 9h da manhã às 15h da tarde, de segunda à sexta. O resto do estágio é de segunda à quarta, também das 9h da manhã às 15h da tarde.

No segundo semestre vou ter estágio no primeiro Ciclo e a duração é exatamente a mesma a este primeiro estágio.”

4. Qual é a relevância de cada um na sua formação geral como futura educadora?

“Só agora neste estágio é que estamos a ver realmente o que é trabalhar com as crianças. Portanto, nós levamos cinco anos a estudar, para realmente no 5º ano ver se é isto que queremos para a nossa vida. É neste estágio que estamos constantemente com as crianças, desde o início do dia até ao fim do dia delas. Tem bastante relevância no meu futuro, claro, é agora que eu vou ver se quero realmente isto para a minha vida ou não.”

5. Achas que as áreas de intervenção e a duração temporal foram suficientes?

“É assim, se a gente tivesse tido mais estágios ao longo da nossa formação académica teria sido melhor, não é?! Quanto mais prática, melhor, e realmente isso não se verificou. É tudo mais teórico, teórico na licenciatura, o primeiro ano de mestrado também é muito teórico e, realmente, só no segundo ano de mestrado é que nós temos estágio pedagógico durante um ano inteiro, no primeiro semestre no pré-escolar e no segundo, no primeiro ciclo.

Acho que também tinha sido importante ter havido estágio na parte de creche. Não quer dizer que fosse este ano, podia ter sido o ano passado, ou seja, no primeiro ano do mestrado. Não tivemos formação nessa área e pode acontecer no nosso futuro irmos trabalhar para uma creche e acho que seria uma mais-valia termos estágio nessa área.”

6. Quais os objetivos que a instituição de formação lhe propõe para o curso?

“Portanto, nós temos que sair deste mestrado, ou deste curso, com o mínimo de bases para podermos lecionar. Portanto, um dos objetivos é saber o máximo possível para poder lecionar no futuro. Principalmente no primeiro ciclo, que é um bocadinho diferente do primeiro escolar, em que vamos dar aulas, em que temos que saber os conteúdos programáticos, temos que saber responder às perguntas dos alunos e, às vezes, isso não acontece.”

7. Considera que conseguiu atingir esses objetivos? Porquê?

“Sim, acho que os objetivos, aqueles mínimos e que têm que ser mesmo necessários, acho que sim.”

8. Considera que a formação inicial que recebeu, para além da prática pedagógica, a/o preparou para os desafios a que foi sujeita/o durante o estágio?

“Nem por isso, porque é assim, isso foi uma das críticas que nós alunos fazemos ao curso. É que ele nem sempre, ahh...o curso não nos oferece aquelas bases que nós, por exemplo, como é que se ensina o A... B... C..., como se ensina o 1... 2... 3... 4... 5..., não sabemos ensinar isso, portanto, a licenciatura e o primeiro ano de mestrado é tudo muito teórico, com filosofias, psicologias. Apenas dizem que tens que ensinar aquilo e aquele outro, temos que seguir as metas, por exemplo, as orientações curriculares para o pré-escolar, esses documentos assim pedagógicos. Agora como é que se ensina isso? Não sabemos, nunca ninguém nos disse isso.”

9. Quais as falhas sentidas durante o curso que poderiam contribuir para uma prática com mais qualidade?

“Foi aquilo que acabei de dizer, é tudo muito teórico. Ensinam-nos o que ensinar, mas não como ensinar.”

IV. Processo de formação – Estágio Pedagógico no Pré-Escolar

1. Na qualidade de estagiário/a cooperou na planificação das atividades a realizar? De que forma?

“É assim, nós temos o nosso orientador da universidade, em que antes de implementarmos as nossas atividades, falamos com ele para que possa dar o seu parecer, se acha bem se não acha bem, o que acha que a gente pode melhorar, mas as ideias são nossas, somos nós que planejamos tudo.”

2. Que tipo de colaboração deu à educadora cooperante na sala de atividades?

“Tentei mostrar-me sempre disponível para tudo o que fosse necessário, sempre que precisava da minha ajuda para alguma atividade, material, ou mesmo relacionado com as crianças.”

3. Indique o número de intervenções que fez na sala de pré-escolar e a duração de cada uma delas.

“Eu tive cinco intervenções sozinha e mais duas com o meu par pedagógico. Dessas cinco individuais, eu tive duas semanas intensivas de segunda à sexta, das nove da manhã às três da tarde. Nas outras restantes três semanas individuais, era só de segunda à quarta, no mesmo horário. Nós chamamos planificações ou implantação à semana toda, ou seja, uma semana conta como uma intervenção. No final de contas, foi um semestre inteiro. Deu para conhecer minimamente as crianças.”

4. Organizou e/ou participou com as crianças em algumas atividades fora da sala de aula? Se sim, explicita.

“Fiz uma visita de estudo, quando trabalhei as ciências e levei as crianças ao observatório cronológico e geotérmico dos Açores, que fica situado na Lagoa.”

5. Partilhava opiniões com as/os suas/seus colegas em relação à planificação/concretização de atividades?

“Sim, eu tenho um grupo mais restrito de amigos, e claro que nós comentamos umas com as outras, o que vão fazer, o que não vão fazer, às vezes falta alguma ideia e peço a ajuda delas. Geralmente, nós trabalhamos quase sempre os mesmos temas, portanto, trocamos ideias entre nós.”

6. No âmbito do seu estágio, considera importante a parte afetiva das relações interpessoais? De que forma?

“Claro, completamente! O estágio corre melhor se nós conseguirmos ter uma ligação mais próxima, não só com as crianças, com a nossa educadora. Se a nossa relação, principalmente, com a educadora não for boa, é capaz das coisas não correrem muito bem.”

7. Considera que o processo de supervisão, em geral, foi orientado de forma a refletir e melhorar as práticas? Justifique.

“Portanto, todos os dias, após uma intervenção minha, ela dá-me dicas, devias ter feito isto assim desta maneira ou daquela maneira, esta atividade correu muito bem, ou não correu tão bem, para a próxima devias melhorar aquilo. Ela está sempre a me observar e depois dá sempre a sua opinião.”

8. Como encarou as apreciações feitas pelos supervisores/educadores cooperantes? Acha que essas apreciações eram feitas de forma construtiva?

“Eu, desde o início, disse à minha educadora que era novata, não tinha grandes experiências, portanto, estava ali para aprender, portanto, tudo o que fosse críticas construtivas eram bem vindas. E têm sido, tanto por ela, como pelos supervisores da universidade.”

9. Posteriormente, como trabalhava essas informações em seu proveito?

“Eu tentava seguir os conselhos que me davam. Corrigia a minha atitude, melhorava as minhas planificações, a forma como as aplicava na sala de aulas, etc.”

10. Indique os aspetos/dimensões de que mais gostou durante a sua prática pedagógica no contato direto com as crianças.

“Gostei de conhecer o grupo, saber as suas necessidades, conhecer toda a dinâmica que os envolve.”

11. Considera que o estágio foi um elemento facilitador no seu processo de iniciação à vida ativa profissional? Porquê?

“Quem está dentro é que percebe. Foi neste estágio que percebi o funcionamento das aulas, da escola, da comunidade. Agora é que pude participar diretamente e ter uma consciência da realidade.”

12. Quais os aspetos que considera que foram mais facilitadores e quais os constrangimentos mais sentidos durante o estágio?

“Essa é difícil... ahh. Talvez tenha sido eu pensar nas atividades de uma determinada maneira e acabar por não correr como eu gostava ou estava à espera. Foi difícil conseguir pensar rapidamente noutra tipo de estratégia para poder aplicar. Aspetos facilitadores, o bom ambiente com as educadoras, com as crianças e com a nossa orientadora da universidade, sem dúvida.”

13. Que mudanças desejaria ver preconizadas na forma como é realizada a supervisão, por parte da Instituição de Formação, no apoio aos estagiários?

“É assim, cada professor da universidade está responsável pelas suas escolas, e esses professores só vão observar os seus orientandos, mas no fim todos eles dão nota. Eu pergunto-me como é que os outros professores podem me atribuir nota se não me veem em campo. Não basta verem os materiais que construímos e os relatórios, é importante ver como o aluno se orienta na sala. Acho que, ou todos eles observavam-me para depois poderem atribuir nota, ou então só o professor que está responsável por mim.”

V. Papel do Supervisor/a da Universidade

1. Durante o estágio, considerou suficientes as visitas realizadas pelo supervisor/a da Universidade?

“É assim, quanto mais melhor. A minha orientadora visitou-me duas vezes, mas se fosse mais não fazia mal nenhum.”

2. Em que consistiam essas visitas à sua sala de atividades?

“Ela acompanhava o nosso trabalho, durante o pouco tempo que lá estive. Ela observa, tirava notas e, no final da aula, nós íamos falar com ela para ela nos dar o seu parecer.”

3. Durante o estágio, teve seminários/reuniões na instituição de formação? Se sim, com que regularidade?

“ Sim, todas as quartas-feiras nós saíamos às 15:30 e tínhamos aulas na universidade.”

**4. Acha que esses seminários/reuniões foram importantes para a sua prática?
De que forma?**

“Sim, porque partilhávamos as nossas atividades, as nossas experiências, conversávamos sobre o que estava a correr bem ou mal com os nossos colegas, aprendíamos sempre alguma coisa com esse diálogo.”

5. Na sua opinião, que características deve ter o supervisor pedagógico?

“Para mim, quanto mais formação o orientador tiver na nossa área melhor. É importante não terem apenas o curso, mas já terem trabalhado na área. Conseguem ter uma outra visão e ajudam de forma diferente.”

VI. Papel do/a Educador/a Cooperante

1. Reuniu-se frequentemente com o/a seu/sua educador/a cooperante?

“Sim, mal acabavam as intervenções.”

2. Qual a periodicidade dessas reuniões?

“Se as intervenções tinham a duração de uma semana, no final da semana eu reunia-me com ela para fazermos o balanço da semana.”

3. Quais os objetivos dessas reuniões?

“Fazer o balanço da semana, o que correu bem e o que correu mal e conversávamos sobre as minhas planificações para a semana seguinte.”

4. Considerou vantajosas essas reuniões? Porquê?

“Claro, porque se alguma coisa corre mal, a responsabilidade é unicamente minha. Ela, assim, estava sempre ciente do que eu ia fazer e dava o seu parecer.”

5. De que maneira a educadora cooperante a auxiliou durante o estágio?

“Dando ideias, falando um pouco das características do grupo, em que nível de aprendizagem as crianças se encontravam, fornecendo material. Ajudava com tudo aquilo que eu precisava.”

6. Nos momentos de reflexão, como caracteriza os comentários feitos pela educadora cooperante?

“Como críticas construtivas, claro!”

7. A educadora cooperante assistiu a todas as suas intervenções?

“Uma vez ou outra podia ausentar-se, mas era por curtos períodos de tempo.”

8. A educadora cooperante intervinha no decorrer da prática?

“Por vezes intervinha, no sentido de orientar o grupo, principalmente no início, quando as crianças ainda não estavam habituadas a nós, às nossas orientações.”

9. Quem decidia os temas a explorar durante a sua prática pedagógica?

“Foi a educadora. No início do estágio apresentou uma lista com os temas que queria trabalhar na sua sala e nós, a partir daí, é que elaborávamos as atividades, tendo em conta esses temas.”

10. Qual o papel que o/a educador/a cooperante desempenhou no seu desenvolvimento pessoal e profissional?

“Todas as críticas que fazia, fossem elas positivas ou negativas, faziam-me crescer e melhoravam a minha prática e isso, claro, contribui para o nosso desenvolvimento a todos os níveis.”

11. Que tipo de relação manteve com o/a sua educador/a cooperante?

“Felizmente, tivemos uma relação muito boa, tanto profissional como pessoal.”

12. Que tipo de relação acha que o/a educador/a cooperante deve estabelecer com o estagiário?

“A melhor possível.”

13. Na seleção dos educadores/as cooperantes, por parte da Universidade, que critérios devem estar na base dessa escolha? Que características devem possuir os/as educadores/as cooperantes?

“Educadores cooperantes que queiram mesmo ser educadores cooperantes, que não foi o que aconteceu este ano. E é claro que isso depois reflete-se no seu trabalho, não se sentem tão à vontade para orientar, ajudar os seus orientandos, etc.”

VII.Preparação Profissional da estagiária

1. Sente-se preparado/a para começar a exercer a profissão de educador/a de infância?

“Eu acho que nunca estamos totalmente preparados.”

2. Quais os aspetos em que acha que vai ter mais dificuldade? Porquê?

“Acho que no início vai ser muito complicado. Estar numa sala em que a responsabilidade será unicamente minha, saber como se começa, conseguir orientar um grupo, gerir a ansiedade de querer fazer um bom trabalho, tudo isso vai ser difícil.”

3. Que fatores considera estar na origem dessas dificuldades?

“Se calhar, hum... como já disse este foi o meu primeiro estágio a sério. Gostava de ter tido mais estágios, quanto mais formação na área melhor, não é?!”

4. Considera-se um/a profissional autónomo/a?

“Ainda não.”

5. Agora que já terminou o estágio, que características essenciais considera necessárias para exercer a sua profissão?

“Características, bem... manter uma boa relação com os alunos, ser amiga dos alunos, ser uma pessoa desenrascada, um educador deve ser ativo, estar sempre a estudar e a procurar ideias novas.

**ANEXO 8 - Entrevista realizada à/ao
Estagiária/o – A2**

I. Legitimação da Entrevista

A presente entrevista enquadra-se num estudo sobre o Estágio Supervisionado na Formação Inicial dos Educadores de Infância, realizado no âmbito do curso de Mestrado em Supervisão Pedagógica, ministrado pela Universidade Aberta.

Com esta entrevista pretende-se ficar a conhecer os moldes em que se processam as práticas pedagógicas referentes ao estágio de pré-escolar dos formandos e o papel dos educadores cooperantes neste processo de supervisão.

Os dados recolhidos serão anónimos, confidenciais e exclusivamente utilizados para o estudo em questão.

II. Dados Pessoais

DATA: 07 de Janeiro 2015

HORA: 14:30

DURAÇÃO: 21:49

ENTREVISTADO: A2

EDUCADORA: A

SEXO: Feminino

IDADE: 23

III. Informação geral sobre o Curso

1. Identifique o curso universitário em que se insere o estágio pedagógico que realizou no pré-escolar.

“Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do Primeiro Ciclo do Ensino Básico.”

2. O que pensa sobre a forma como o curso está organizado?

“Eu acho que existe algumas disciplinas que são desnecessárias, que não nos ajudam em nada na nossa prática e acho que devia haver maior comunicação entre os profissionais do curso. Muitas vezes eles dão-nos informações que não são coerentes entre si, por exemplo, um professor diz: deves fazer desta maneira; e o outro diz: dessa maneira não porque ... assim é que está correto.”

3. No âmbito deste curso, quantos estágios teve ao longo da sua formação?

“Tivemos no terceiro ano, durante um semestre Só íamos de manhã, acho que dois dias por semana, já não tenho bem presente. E este ano temos o estágio de pré-escolar no primeiro semestre e o estágio do primeiro ciclo no segundo semestre.”

4. Qual é a relevância de cada um na sua formação geral como futura educadora?

“Extremamente importantes, claro. São estágios em áreas diferentes que nos fazer aprender muito sobre a profissão de educadora/professora.”

5. Achas que as áreas de intervenção e a duração temporal foram suficientes?

“Acho que não. Acho que os estágios deviam ter começado mais cedo ou termos mais práticas, em vez de tantas disciplinas. Nós, muitas vezes, não estamos preparadas para as situações que vão surgindo no estágio, exatamente por falta de prática.”

6. Quais os objetivos que a instituição de formação lhe propõe para o curso?

“Ajudarem-me através de disciplinas e práticas a tornar-me uma profissional autónoma?!”

7. Considera que conseguiu atingir esses objetivos? Porquê?

“Eu penso que sim, eles lá irão saber.”

8. Considera que a formação inicial que recebeu, para além da prática pedagógica, a/o preparou para os desafios a que foi sujeita/o durante o estágio?

“Não, de maneira nenhuma.”

9. Quais as falhas sentidas durante o curso que poderiam contribuir para uma prática com mais qualidade?

“Se nas disciplinas fizessem mais abordagem à prática, com exemplos mais práticos de casos ou situações que costumam surgir no estágio, em vez de se

construir, por exemplo, tantos materiais que muitas vezes nem sequer chegamos a usar porque não se adequam ao grupo no qual iremos trabalhar.”

IV. Processo de formação – Estágio Pedagógico no Pré-Escolar

1. Na qualidade de estagiário/a cooperou na planificação das atividades a realizar? De que forma?

“Eu tinha as sugestões, mas tinha que comunicar à educadora e juntas é que definíamos as atividades que iríamos aplicar.”

2. Que tipo de colaboração deu à educadora cooperante na sala de atividades?

“Tentava ajudar em tudo aquilo que fosse necessário, mesmo que ela não pedisse ajuda diretamente.”

3. Indique o número de intervenções que fez na sala de pré-escolar e a duração de cada uma delas.

“Fiz 7 intervenções, ou seja, 7 semanas. Umas de três dias e outras de semana inteira.”

4. Organizou e/ou participou com as crianças em algumas atividades fora da sala de aula? Se sim, explicita.

“Eu tentei organizar, mas infelizmente, como era um passeio a pé, o tempo nunca o permitiu, mas participei na visita de estudo realizada pela minha colega ao observatório cronológico e geotérmico dos Açores.”

5. Partilhava opiniões com as/os suas/seus colegas em relação à planificação/concretização de atividades?

“Sim, muitas vezes, principalmente com a minha colega de estágio.”

6. No âmbito do seu estágio, considera importante a parte afetiva das relações interpessoais? De que forma?

“Ajuda a construir a perceção que as pessoas têm de nós, que geralmente nunca é a mesma que nós temos.”

7. Considera que o processo de supervisão, em geral, foi orientado de forma a refletir e melhorar as práticas? Justifique.

“Poderia ter sido mais, porque as planificações eram sempre realizadas em conjunto, mas depois de as colocarmos em prática, não existia um diálogo logo após a atividade em que ela expressasse a sua opinião. Ela, muitas vezes, esperava até ao final da semana de intervenção para dizer o que tinha corrido mal, quando, se essa conversa tivesse sido antes, já tinha dado oportunidade de melhorar nas atividades que eram realizadas ao longo da semana.”

8. Como encarou as apreciações feitas pelos supervisores/educadores cooperantes? Acha que essas apreciações eram feitas de forma construtiva?

“Acho que sim, porque eles tentavam explicar o porquê, não diziam apenas que alguma coisa estava mal feita.”

9. Posteriormente, como trabalhava essas informações em seu proveito?

“Ouvia aquilo que eles diziam, aceitava e tentava melhorar.”

10. Indique os aspetos/dimensões de que mais gostou durante a sua prática pedagógica no contato direto com as crianças.

“Nunca tinha estado tanto tempo a intervir, ou seja, o dia todo, em todos nos momentos de rotina das crianças, e isso para mim foi muito importante, participar na higiene, nos almoços, nos intervalos e poder ter um contacto fora da sala com elas.”

11. Considera que o estágio foi um elemento facilitador no seu processo de iniciação à vida ativa profissional? Porquê?

“Claro, aprendi muito. Como disse, pude ver e participar em todos os momentos da rotina das crianças, estar à frente de um grupo e aprender a orientá-los como educadora.”

12. Quais os aspetos que considera que foram mais facilitadores e quais os constrangimentos mais sentidos durante o estágio?

“A turma foi um bocadinho difícil, era um grupo muito agitado, o que dificultou, por vezes, a realização das atividades. Os mais facilitadores foi o facto de ter tido sempre ajuda quando precisava.”

13. Que mudanças desejaria ver preconizadas na forma como é realizada a supervisão, por parte da Instituição de Formação, no apoio aos estagiários?

“Acho que os orientadores deveriam observar todos os alunos, porque só um é que nos observa nas práticas, mas depois todos eles dão nota e por vezes eles não comunicam entre si, não percebem realmente o trabalho que nós desenvolvemos.”

V. Papel do Supervisor/a da Universidade

1. Durante o estágio, considerou suficientes as visitas realizadas pelo supervisor/a da Universidade?

“Não, foram só duas, uma logo no meu segundo dia de intervenção e uma no fim. Devia ter havido mais uma ou duas, pelo menos.”

2. Em que consistiam essas visitas à sua sala de atividades?

“O professor observava, não intervinha. Apenas no fim falava connosco e comentava algumas situações.”

3. Durante o estágio, teve seminários/reuniões na instituição de formação? Se sim, com que regularidade?

“Tínhamos uma vez por semana.”

4. Acha que esses seminários/reuniões foram importantes para a sua prática? De que forma?

“Não propriamente. Somos muitos alunos, nem todos conseguem intervir nas conversas e foram poucas situações em que os comentários dados pelo professor me pudessem ajudar. Por norma, as conversas acabavam por se dispersar e não conseguíamos tirar muito partido do tempo que estávamos ali.”

5. Na sua opinião, que características deve ter o supervisor pedagógico?

“Muita disponibilidade e ter conhecimento na área, sobretudo.”

VI. Papel do/a Educador/a Cooperante

1. Reuniu-se frequentemente com o/a seu/sua educador/a cooperante?

“Por cada intervenção, nós fazíamos uma reunião.”

2. Qual a periodicidade dessas reuniões?

“Semanalmente.”

3. Quais os objetivos dessas reuniões?

“Nós as três conversávamos sobre a semana de intervenção e planeávamos a semana seguinte.”

4. Considerou vantajosas essas reuniões? Porquê?

“Sim, porque ajuda a refletir e a dar uma achega ou outra que melhora as nossas intervenções. Mas é claro que preferia que fossem reuniões diárias porque isso ia permitir que não cometesse os mesmos erros durante uma semana inteira.”

5. De que maneira a educadora cooperante a auxiliou durante o estágio?

“Ela sempre se mostrou estar disponível para alguma dúvida que tínhamos e sempre disponibilizou todos os materiais da sala para nós utilizarmos.”

6. Nos momentos de reflexão, como caracteriza os comentários feitos pela educadora cooperante?

“Eu ficava magoada muitas vezes porque, quando apresentava a atividade que iria realizar, ela dizia sempre que era uma boa atividade e que era adequada, mas depois, nas reflexões, ela já se contradizia a dizer que eu deveria ter feito de outra maneira ou devia ter usado outro material. Tive que engolir muitos sapos e isso magoava-me. No fim, parecia que nada podia estar totalmente bem.”

7. A educadora cooperante assistiu a todas as suas intervenções?

“Houve atividades ou momentos que ela se ausentava.”

8. A educadora cooperante intervinha no decorrer da prática?

“Não.”

9. Quem decidia os temas a explorar durante a sua prática pedagógica?

“Os temas, foi a educadora.”

10. Qual o papel que o/a educador/a cooperante desempenhou no seu desenvolvimento pessoal e profissional?

“Desenvolvimento pessoal, acho que não. Agora profissional, ela acaba por ser um modelo. Dou por mim a imitar um pouco a sua postura na sala e a interiorizar algumas ações que admiro.”

11. Que tipo de relação manteve com o/a sua educador/a cooperante?

“Nós comunicamos bem, podemos dizer que de amizade.”

12. Que tipo de relação acha que o/a educador/a cooperante deve estabelecer com o estagiário?

“Deve ser amigo, que ajude, que goste de acompanhar o aluno.”

13. Na seleção dos educadores/as cooperantes, por parte da Universidade, que critérios devem estar na base dessa escolha? Que características devem possuir os/as educadores/as cooperantes?

“Devem ser bons profissionais e estarem habituados a receber estagiários.”

VII. Preparação Profissional da estagiária

1. Sente-se preparado/a para começar a exercer a profissão de educador/a de infância?

“Não, muito sinceramente não.”

2. Quais os aspetos em que acha que vai ter mais dificuldade? Porquê?

“A avaliar as crianças. Nós, no estágio, temos que fazer avaliações das crianças no final de cada atividade. É muito exaustivo, Quando eu estiver a exercer, as avaliações são realizadas apenas no final do período, por exemplo, não diariamente, mas mesmo assim isso assusta-me.”

3. Que fatores considera estar na origem dessas dificuldades?

“Falta de prática.”

4. Considera-se um/a profissional autónomo/a?

“Ainda não totalmente.”

5. Agora que já terminou o estágio, que características essenciais considera necessárias para exercer a sua profissão?

“Muita calma, paciência, uma capacidade de comunicação, ser uma boa pessoa a nível individual porque acabamos por ser um exemplo para as crianças.”

**ANEXO 9 - Entrevista realizada à/ao
Estagiária/o – B1**

I. Legitimação da Entrevista

A presente entrevista enquadra-se num estudo sobre o Estágio Supervisionado na Formação Inicial dos Educadores de Infância, realizado no âmbito do curso de Mestrado em Supervisão Pedagógica, ministrado pela Universidade Aberta.

Com esta entrevista pretende-se ficar a conhecer os moldes em que se processam as práticas pedagógicas referentes ao estágio de pré-escolar dos formandos e o papel dos educadores cooperantes neste processo de supervisão.

Os dados recolhidos serão anónimos, confidenciais e exclusivamente utilizados para o estudo em questão.

II. Dados Pessoais

DATA: 14 de Janeiro 2015

HORA: 14:00

DURAÇÃO: 23:31

ENTREVISTADO: B1

EDUCADORA: B

SEXO: Feminino

IDADE: 26

III. Informação geral sobre o Curso

1. Identifique o curso universitário em que se insere o estágio pedagógico que realizou no pré-escolar.

“Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do Primeiro Ciclo do Ensino Básico.”

2. O que pensa sobre a forma como o curso está organizado?

“É assim, como já estou a frequentar o curso há alguns anos, no início era um pouco mais confuso. Há certas disciplinas que não fazem muito sentido, há muita teoria e nós queremos é meter as mãos na massa e perceber como é que as coisas funcionam na realidade. Ter mais contacto com outros profissionais, com as crianças desde o primeiro ano era o ideal. Portanto, a nível de organização, acho que devia haver mais prática e menos teoria.”

3. No âmbito deste curso, quantos estágios teve ao longo da sua formação?

“Três estágios. Um durante a licenciatura, no terceiro ano, e dois no mestrado, no pré-escolar e no primeiro ciclo.”

4. Qual é a relevância de cada um na sua formação geral como futura educadora?

“Os estágios de mestrado, claro que têm muita relevância, porque é assim, a gente planifica, faz as sequências, tem que intervir, tem que fazer as avaliações, as reflexões, isto tudo para o formando perceber o que vai ser a sua atividade profissional, digamos assim, não é?!”

5. Achas que as áreas de intervenção e a duração temporal foram suficientes?

“No pré-escolar tivemos dois meses. Começou em fevereiro e acabou em maio, três vezes por semana, segunda, terça e quarta e depois cada pessoa do núcleo. ou seja. do par. tem duas semanas intensivas. Não foi suficiente o tempo de observação. Agora, acho que o tempo de intervenção foi suficiente.”

6. Quais os objetivos que a instituição de formação lhe propõe para o curso?

“Este mestrado tem duas vertentes, a vertente de pré-escolar e primeiro ciclo, ou seja, preparou-me para a vida profissional para trabalhar nas duas, está a perceber...”

7. Considera que conseguiu atingir esses objetivos? Porquê?

“Acho que sim, sim, sim, o feedback tem sido positivo.”

8. Considera que a formação inicial que recebeu, para além da prática pedagógica, a/o preparou para os desafios a que foi sujeita/o durante o estágio?

“Não, não, de maneira alguma, não! Senti muita dificuldade nos conteúdos. Sou sincera, só comecei a perceber bem as áreas de conteúdo, que estas têm que estar interligadas com as metas, as orientações e com a fundamentação de escritores, e eu só percebi isso com o meu trabalho e não que me tivessem explicado ou ensinado.”

9. Quais as falhas sentidas durante o curso que poderiam contribuir para uma prática com mais qualidade?

“Em parte, foi isso que expliquei. Se tivesse havido uma melhor preparação em diversos conteúdos, provavelmente não teria sentido tantas dificuldades.”

IV. Processo de formação – Estágio Pedagógico no Pré-Escolar

1. Na qualidade de estagiário/a cooperou na planificação das atividades a realizar? De que forma?

“Sempre. Fui eu que planifiquei sempre as minhas atividades.”

2. Que tipo de colaboração deu à educadora cooperante na sala de atividades?

“É assim, a educadora só ajudou no início do estágio com os temas. Portanto, ela tem uma planificação, tem os temas do primeiro período, deu-nos os temas e disse: “*vocês têm que trabalhar esses temas*”. Em relação às ideias... porque é assim, antes de intervirmos temos que dizer à educadora que tipo de atividades vamos fazer, para ver se ela concorda ou se não concorda. No meu caso, ela nunca se opôs, sempre aceitou as minhas ideias, agora na sala em si, ela nunca deu qualquer tipo de colaboração.”

2.1 Sim, mas e como estagiária que tipo de colaboração lhe deu?

“Ahh,.. Eu apoiava diariamente nas rotinas das crianças”

3. Indique o número de intervenções que fez na sala de pré-escolar e a duração de cada uma delas.

“Portanto, cinco intervenções. Duas de cinco dias e as restantes de três dias..”

4. Organizou e/ou participou com as crianças em algumas atividades fora da sala de aula? Se sim, explicita.

“Sim, fiz na biblioteca e fizemos nos correios, mas esta já foi orientada pela escola.”

5. Partilhava opiniões com as/os suas/seus colegas em relação à planificação/concretização de atividades?

“ Sim, principalmente com a minha colega de estágio.”

6. No âmbito do seu estágio, considera importante a parte afetiva das relações interpessoais? De que forma?

“Muito, porque é assim, se não tivermos uma boa relação com o par de estágios e principalmente com a educadora, as coisas tornam-se muito complicadas.”

7. Considera que o processo de supervisão, em geral, foi orientado de forma a refletir e melhorar as práticas? Justifique.

“Hum...não muito. Fazíamos reuniões em que conversávamos sobre a prática, mas pouco ou nada a educadora falava, acabava por não ajudar...”

8. Como encarou as apreciações feitas pelos supervisores/educadores cooperantes? Acha que essas apreciações eram feitas de forma construtiva?

“Portanto, pelos professores da universidade, encarei de forma positiva. Pela educadora cooperante, como disse... portanto... ela nunca tinha um diálogo muito aberto, portanto, às vezes é um bocadinho difícil de...”

9. Posteriormente, como trabalhava essas informações em seu proveito?

“É assim, por exemplo, a minha orientadora de estágio todas as semanas lê as minhas sequências e as planificações e dá o feedback, se está muito bem ou se não está muito bem, “*podias fazer de outra forma*” e eu sigo as orientações dela e depois aplico consoante aquilo que ela me disse. Já com a educadora cooperante, mostro as coisas e ela simplesmente não diz nada, nem se acha que vai ou não resultar, se devia experimentar de outra forma...nada!”

10. Indique os aspetos/dimensões de que mais gostou durante a sua prática pedagógica no contato direto com as crianças.

“Gostei muito de os ver a aprender e de ver que eles estão a aprender aquilo que estamos a transmitir, e quando aplicam isso, não só dentro da sala, porque não me interessa estar a abordar um conteúdo e eles só usarem isso na sala, mas gosto que eles levem isso para outros contextos.”

11. Considera que o estágio foi um elemento facilitador no seu processo de iniciação à vida ativa profissional? Porquê?

“Sim, porque é assim... a gente ganha já um bocadinho... não digo experiência, não é?! Não são esses meses que me vão dar experiência, mas outra noção da realidade, digamos assim.”

12. Quais os aspetos que considera que foram mais facilitadores e quais os constrangimentos mais sentidos durante o estágio?

“Portanto, constrangimentos em relação ao meu par de estágio, porque a professora faz sempre uma comparação muito grande entre as duas, e eu fico assim um bocado...é assim, nesse caso não é contra mim, é contra a minha colega, mas eu fico numa posição em que não fico nada bem e isso, para mim, é um constrangimento muito grande. Os mais facilitadores, é assim, embora a educadora não me dê ideias, deixa-me super à vontade e eu consigo fazer as minhas coisas todas.”

13. Que mudanças desejaria ver preconizadas na forma como é realizada a supervisão, por parte da Instituição de Formação, no apoio aos estagiários?

“Dedicar certas horas de algumas aulas, que não servem rigorosamente para nada, que nós temos intercaladas com o estágio, à construção de materiais, no apoio mais direcionado a isso, ou à, portanto, à elaboração das sequências, ter um apoio mais individualizado em relação a isso.”

V. Papel do Supervisor/a da Universidade

1. Durante o estágio, considerou suficientes as visitas realizadas pelo supervisor/a da Universidade?

“Foram duas. Não considero suficientes, porque é assim, eles estão lá 45 minutos, uma hora no máximo a observar-nos, apenas isso.”

2. Em que consistiam essas visitas à sua sala de atividades?

“Observam apenas e é com base nessa observação que me vão dar a nota. Portanto, é através disso que sabem como é que estou na prática e, nessas visitas, vão-me dando esse feedback.”

3. Durante o estágio, teve seminários/reuniões na instituição de formação? Se sim, com que regularidade?

“Sim, todas as quartas feiras.”

4. Acha que esses seminários/reuniões foram importantes para a sua prática? De que forma?

Acho que não, não, não. Porque nos acabamos por dispersar.. não! Nós...cada um dava a sua opinião, falávamos um bocadinho e apresentávamos os materiais que usávamos no estágio. E depois, muito por alto, cada um falava com o seu orientador e dizia o que estava a planear fazer na semana a seguir, mas era uma coisa mesmo muito por alto. Porque só no domingo, quando enviamos as planificações ao nosso orientador, é que recebemos algum feedback. Nesses dias é tudo muito confuso.”

5. Na sua opinião, que características deve ter o supervisor pedagógico?

Portanto, em primeiro lugar, tem que ser humano. Humano e respeitar muito a opinião e o trabalho dos outros. E tem que dizer, do género “isto está mal, mas porque é que achas que isto está mal? O que achas que pode ser feito?” E não simplesmente “isto está mal!” e não nos ajudar a entender o que pode ser melhorado. Portanto, acho que deve ser uma pessoa humana, humilde, tem que ser compreensível também e tem que ser exigente, logicamente.”

VI. Papel do/a Educador/a Cooperante

1. Reuniu-se frequentemente com o/a seu/sua educador/a cooperante?

“Sim.”

2. Qual a periodicidade dessas reuniões?

“Sempre no último dia de cada intervenção. Por exemplo, se eram intervenções de 3 dias, reuníamos-nos à quarta, quando eram as semanas intensivas, reuníamos-nos à sexta.”

3. Quais os objetivos dessas reuniões?

“Fazíamos atas, portanto, um balanço dos três dias ou da semana intensiva, como correu, os aspetos positivos das intervenções e os aspetos a melhorar.”

4. Considerou vantajosas essas reuniões? Porquê?

Sim, porque se a Educadora diz que a atividade correu menos bem, devido a isto e aquilo, portanto, já sei que na próxima não vou cometer os mesmos erros.”

5. De que maneira a educadora cooperante a auxiliou durante o estágio?

“Não me auxiliou, simplesmente.”

6. Nos momentos de reflexão, como caracteriza os comentários feitos pela educadora cooperante?

“Muito, muito gerais, muito!”

7. A educadora cooperante assistiu a todas as suas intervenções?

“Não, ela ausentava-se da sala frequentemente.”

8. A educadora cooperante intervinha no decorrer da prática?

“Muito raramente, só se calhar para mandar alguma criança parar sossegada, mas nada de grave, nada que me interrompesse.”

9. Quem decidia os temas a explorar durante a sua prática pedagógica?

“A educadora.”

10. Qual o papel que o/a educador/a cooperante desempenhou no seu desenvolvimento pessoal e profissional?

“Teve um papel importante nos dois níveis. Ajudou-me a ganhar defesas, muitas defesas, mesmo, mesmo!”

11. Que tipo de relação manteve com o/a sua educador/a cooperante?

“Uma boa relação. É assim, não somos as melhores amigas, mas sim, tenho uma boa relação. Em relação a mim, não tenho nada assim a apontar.”

12. Que tipo de relação acha que o/a educador/a cooperante deve estabelecer com o estagiário?

“Acho que deve ser uma relação de abertura e de confiança.”

13. Na seleção dos educadores/as cooperantes, por parte da Universidade, que critérios devem estar na base dessa escolha? Que características devem possuir os/as educadores/as cooperantes?

“É uma pergunta difícil. Acho que deviam ter em conta com os anos de serviço, a experiência e que fosse compreensível, exigente e, sobretudo, que soubesse orientar o aluno.”

VII.Preparação Profissional da estagiária

1. Sente-se preparado/a para começar a exercer a profissão de educador/a de infância?

“Sim, por acaso sim, mas devido ao meu trabalho, ao meu esforço.”

2. Quais os aspetos em que acha que vai ter mais dificuldade? Porquê?

“Conseguir controlar-me, porque é assim, eu sou uma pessoa exigente, rígida quando tem que ser, mas eu derreto-me toda e eles percebem isso e, às vezes, fogem um bocadinho daquilo que se pretende, e eu sinto, às vezes, dificuldade em conseguir chamar-lhes a atenção. Agora sinto esse tipo de dificuldade.”

3. Que fatores considera estarem na origem dessas dificuldades?

“A natureza das crianças. Eu tenho um grupo muito complicado, com quatro crianças com Necessidades Educativas Especiais. Tenho 21 crianças dentro da sala, sem ajudantes de educação presentes e isso acaba por influenciar, não é?!”

4. Considera-se um/a profissional autónomo/a?

“Sim.”

5. Agora que já terminou o estágio, que características essenciais considera necessárias para exercer a sua profissão?

“Ter muita paciência, dedicação e saber dedicar algum tempo às crianças de forma mais individualizada. Estar predisposto a conhecê-las melhor e ir ao encontro das suas necessidades.”

**ANEXO 10 - Entrevista realizada à/ao
Estagiária/o – B2**

I. Legitimação da Entrevista

A presente entrevista enquadra-se num estudo sobre o Estágio Supervisionado na Formação Inicial dos Educadores de Infância, realizado no âmbito do curso de Mestrado em Supervisão Pedagógica, ministrado pela Universidade Aberta.

Com esta entrevista pretende-se ficar a conhecer os moldes em que se processam as práticas pedagógicas referentes ao estágio de pré-escolar dos formandos e o papel dos educadores cooperantes neste processo de supervisão.

Os dados recolhidos serão anónimos, confidenciais e exclusivamente utilizados para o estudo em questão.

II. Dados Pessoais

DATA: 14 de Janeiro 2015

HORA: 14:30

DURAÇÃO: 16:08

ENTREVISTADO: B2

EDUCADORA: B

SEXO: Feminino

IDADE: 26

III. Informação geral sobre o Curso

1. Identifique o curso universitário em que se insere o estágio pedagógico que realizou no pré-escolar.

“Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do Primeiro Ciclo do Ensino Básico.”

2. O que pensa sobre a forma como o curso está organizado?

“Acho que podia estar mais bem organizado. Eu penso que devíamos ter mais prática e menos teoria.”

3. No âmbito deste curso, quantos estágios teve ao longo da sua formação?

“Três apenas.”

4. Qual é a relevância de cada um na sua formação geral como futura educadora?

“Todos eles foram importantes, porque me ajudaram a desenvolver, a aprender e a crescer a nível profissional.”

5. Achas que as áreas de intervenção e a duração temporal foram suficientes?

“Não, acho que não foram suficientes. Gostava de ter tido estágios também em creche, e quanto à duração temporal, acho que passou rápido. Não estávamos preparadas e primeiro que as coisas começassem e a gente começasse a perceber como é que as coisas funcionavam, pronto... nos sentíssemos à vontade... já acabou, já não dá tempo de desenvolver...”

6. Quais os objetivos que a instituição de formação lhe propõe para o curso?

“Preparar-me para trabalhar nessas áreas.”

7. Considera que conseguiu atingir esses objetivos? Porquê?

“Talvez, não tenho a certeza. Não me sinto ainda totalmente confiante.”

8. Considera que a formação inicial que recebeu, para além da prática pedagógica, a/o preparou para os desafios a que foi sujeita/o durante o estágio?

“Não, não considero que tenha sido suficiente.”

9. Quais as falhas sentidas durante o curso que poderiam contribuir para uma prática com mais qualidade?

“É o que eu já disse, foi muita teoria e devíamos era ter tido mais contacto com as situações, com as crianças, porque é aí que vemos como é que as coisas funcionam.”

IV. Processo de formação – Estágio Pedagógico no Pré-Escolar

1. Na qualidade de estagiário/a, cooperou na planificação das atividades a realizar? De que forma?

“Sim, eu é que planificava sempre as atividades.”

2. Que tipo de colaboração deu à educadora cooperante na sala de atividades?

“Eu ajudava sempre naquilo que ela precisava e apoiava em todos os momentos da rotina das crianças.”

3. Indique o número de intervenções que fez na sala de pré-escolar e a duração de cada uma delas.

“Ai agora. Foram... foram cinco sozinha, três delas durante três dias, e duas de cinco dias e duas semanas conjuntas, ou seja, no total foram sete.”

4. Organizou e/ou participou com as crianças em algumas atividades fora da sala de aula? Se sim, explicita.

“Sim, fizemos na biblioteca e no pavilhão.”

5. Partilhava opiniões com as/os suas/seus colegas em relação à planificação/concretização de atividades?

“ Sim.”

6. No âmbito do seu estágio, considera importante a parte afetiva das relações interpessoais? De que forma?

“Considero importante sim. De que forma? Acabamos por reforçar relações, sentimo-nos mais à vontade para trabalhar e tudo se desenrola mais facilmente.”

7. Considera que o processo de supervisão, em geral, foi orientado de forma a refletir e melhorar as práticas? Justifique.

“Nem sempre. Deviam pensar, às vezes, na forma como as coisas são ditas. Foi sempre dito tudo de uma forma muito negativa.”

8. Como encarou as apreciações feitas pelos supervisores/educadores cooperantes? Acha que essas apreciações eram feitas de forma construtiva?

“Na parte da universidade, sim, eles davam sempre opiniões para eu melhorar. Em relação à educadora, nem sempre senti isso. Ela tem uma forma muito

específica de pensar e de querer as coisas e eu não estava bem lá, onde ela queria que eu tivesse, e dizia sempre as coisas de forma muito negativa.”

9. Posteriormente, como trabalhava essas informações em seu proveito?

“Tentei sempre melhorar a minha prática o melhor que conseguia.”

10. Indique os aspetos/dimensões de que mais gostou durante a sua prática pedagógica no contato direto com as crianças.

“Era o facto de dar o conteúdo e ver que eles aprenderam, na parte afetiva também porque começamos a gostar deles. Até já estou a ficar com saudades.”

11. Considera que o estágio foi um elemento facilitador no seu processo de iniciação à vida ativa profissional? Porquê?

“É o primeiro contacto, porque a gente não tem mesmo noção nenhuma. Chegar ali e ver uma birra de uma criança e aprender a saber lidar com isso, por exemplo, porque há coisas que só se aprendem com a prática não é?!”

12. Quais os aspetos que considera que foram mais facilitadores e quais os constrangimentos mais sentidos durante o estágio?

“Mais facilitadores, trabalhar bem com o meu par pedagógico. A ligação que criei com as crianças. Os constrangimentos, talvez por me fazerem sentir que tudo o que eu tentava fazer nunca estava suficientemente bem.”

13. Que mudanças desejaria ver preconizadas na forma como é realizada a supervisão, por parte da Instituição de Formação, no apoio aos estagiários?

“O acompanhamento que fazem, porque são muitos alunos e têm pouco tempo para estar com cada um, para apoiar. Eu senti muitas dificuldades e, se calhar, se tivesse tipo mais apoio, mais supervisão, um acompanhamento mais só para mim, acho que teria ajudado no meu desempenho.”

V. Papel do Supervisor/a da Universidade

1. Durante o estágio, considerou suficientes as visitas realizadas pelo supervisor/a da Universidade?

“Não.”

2. Em que consistiam essas visitas à sua sala de atividades?

“Ficavam a observar e no final faziam uma apreciação.”

3. Durante o estágio, teve seminários/reuniões na instituição de formação? Se sim, com que regularidade?

“Normalmente seriam duas, mas eu tive uma visita surpresa. Ainda estou para descobrir porquê.”

4. Acha que esses seminários/reuniões foram importantes para a sua prática? De que forma?

“Sim, uma reunião semanal. Acho que foram importantes. Há sempre partilhas de opiniões e dizem-nos coisas que podem ajudar na nossa prática.”

5. Na sua opinião, que características deve ter o supervisor pedagógico?

“Deve ser imparcial, primeiro, e estar disponível para ajudar.”

VI. Papel do/a Educador/a Cooperante

1. Reuniu-se frequentemente com o/a seu/sua educador/a cooperante?

“Sim.”

2. Qual a periodicidade dessas reuniões?

“No final da semana.”

3. Quais os objetivos dessas reuniões?

“Fazer uma apreciação das intervenções.”

4. Considerou vantajosas essas reuniões? Porquê?

“Sim, são. Porque acabava sempre por ajudar-nos a melhorar alguns aspetos.”

5. De que maneira a educadora cooperante a auxiliou durante o estágio?

“Não auxiliou muito, nem sei responder a isso.”

6. Nos momentos de reflexão, como caracteriza os comentários feitos pela educadora cooperante?

“Nem sempre foram comentários construtivos. Alguns eram mesmo para me pôr abaixo, mas isso também pode ser na minha perspectiva.”

7. A educadora cooperante assistiu a todas as suas intervenções?

“Não. Por vezes, ausentava-se da sala.”

8. A educadora cooperante intervinha no decorrer da prática?

“Alguma vezes, fazia pequenas intervenções para chamar alguma criança que eu não estava a conseguir controlar.”

9. Quem decidia os temas a explorar durante a sua prática pedagógica?

“A educadora.”

10. Qual o papel que o/a educador/a cooperante desempenhou no seu desenvolvimento pessoal e profissional?

“A nível pessoal, acho que em nada mesmo. E acho que a nível profissional também desempenhou um papel muito fraco.”

11. Que tipo de relação manteve com o/a sua educador/a cooperante?

“Nenhuma...uma relação muito distante.”

12. Que tipo de relação acha que o/a educador/a cooperante deve estabelecer com o estagiário?

A relação devia ser positiva, um reforço positivo, devem criticar no sentido de ajudar o aluno a melhor e não só dar críticas negativas para desvalorizar o seu trabalho.”

13. Na seleção dos educadores/as cooperantes, por parte da Universidade, que critérios devem estar na base dessa escolha? Que características devem possuir os/as educadores/as cooperantes?

“Acho que deviam conhecer muito bem as pessoas antes, acompanhar o educador durante algum tempo a fim de conhecer o tipo de perfil, o tipo de trabalho que desempenham, sei lá. É uma pergunta difícil.”

VII.Preparação Profissional da estagiária

1. Sente-se preparado/a para começar a exercer a profissão de educador/a de infância?

“Sim e não. Eu sinto vontade de começar e já me sinto mais preparada para o fazer, mas não sei se será o suficiente.”

2. Quais os aspetos em que acha que vai ter mais dificuldade? Porquê?

“Sinceramente, acho que não seria tanto pelas crianças, sabemos que são desafiantes, mas a gente chega lá, eu penso que as relações entre a comunidade educativa, com os professores, com a coordenação, com os pais, isso seria a minha maior dificuldade.”

3. Que fatores considera estar na origem dessas dificuldades?

“É a falta de experiência.”

4. Considera-se um/a profissional autónomo/a?

“Não!”

5. Agora que já terminou o estágio, que características essenciais considera necessárias para exercer a sua profissão?

“Paciência, vontade de ensinar, sei lá... o importante é gostarmos realmente daquilo que fazemos.”

**ANEXO 11 - Entrevista realizada à/ao
Estagiária/o – C1**

I. Legitimação da Entrevista

A presente entrevista enquadra-se num estudo sobre o Estágio Supervisionado na Formação Inicial dos Educadores de Infância, realizado no âmbito do curso de Mestrado em Supervisão Pedagógica, ministrado pela Universidade Aberta.

Com esta entrevista pretende-se ficar a conhecer os moldes em que se processam as práticas pedagógicas referentes ao estágio de pré-escolar dos formandos e o papel dos educadores cooperantes neste processo de supervisão.

Os dados recolhidos serão anónimos, confidenciais e exclusivamente utilizados para o estudo em questão.

II. Dados Pessoais

DATA: 14 de Janeiro 2015

HORA: 15:00

DURAÇÃO: 19:57

ENTREVISTADO: C1

EDUCADORA: C

SEXO: Masculino

IDADE: 24

III. Informação geral sobre o Curso

- 1. Identifique o curso universitário em que se insere o estágio pedagógico que realizou no pré-escolar.**

“Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do Primeiro Ciclo do Ensino Básico.”

- 2. O que pensa sobre a forma como o curso está organizado?**

“Acho que o curso deveria ter mais tempo de prática e a prática deveria ter início mais cedo e em diversos anos de escolaridade, dentro do 1º ciclo.”

- 3. No âmbito deste curso, quantos estágios teve ao longo da sua formação?**

“Realizei dois estágios. Um de Pré-Escolar, com crianças de 4 e 5 anos e de 1º ciclo com o 4º ano. Cada um durou 3 meses, mas com apenas 5 intervenções.”

4. Qual é a relevância de cada um na sua formação geral como futuro educador?

“Os estágios permitiram-me perceber que técnicas de aprendizagem funcionam melhor, quais as minhas maiores dificuldades, como ultrapassá-las, as melhores atividades a serem implementadas, como poderei avaliar as aprendizagens dos alunos.”

5. Achas que as áreas de intervenção e a duração temporal foram suficientes?

“Como disse no início, o curso deveria ter mais tempo de prática e a prática deveria ter início mais cedo e em diversos anos de escolaridade, dentro do 1º ciclo.”

6. Quais os objetivos que a instituição de formação lhe propõe para o curso?

“Saber planificar e adequar as atividades para os alunos, aprender os conteúdos programáticos, a maneira como se faz e organiza as sequências didáticas, saber avaliar as crianças.”

7. Considera que conseguiu atingir esses objetivos? Porquê?

“Acho que, de certa forma, sim. Sempre dei o meu melhor e tentei, sempre que possível, melhorar as situações e aspetos menos positivos que me foram referidas a melhorar.”

8. Considera que a formação inicial que recebeu, para além da prática pedagógica, a/o preparou para os desafios a que foi sujeita/o durante o estágio?

“Não. Uma coisa é a teoria que nos apresentam na formação inicial, outra coisa é vivenciar um estágio. Um estágio é saber lidar com a turma, reconhecer os interesses da mesma, proporcionar atividades interessantes e dinâmicas, controlar o grupo, diversificar as metodologias na sala de aula e isto são coisas que se aprende dentro de uma sala de aula em estágio, no qual ganhamos experiência com o tempo.”

9. Quais as falhas sentidas durante o curso que poderiam contribuir para uma prática com mais qualidade?

“A adequação de certos materiais/atividades aos anos de escolaridade dos alunos e ao modo de avaliar as aprendizagens dos alunos. Faltou formação nestes dois níveis.”

IV. Processo de formação – Estágio Pedagógico no Pré-Escolar

1. Na qualidade de estagiário/a cooperou na planificação das atividades a realizar? De que forma?

“Fui eu que planifiquei as atividades que realizei. Nas restantes, não participava na planificação, apenas apoiava a atividade em si. Ajudava a organizar a turma e a controlar a turma em atividade de atelier diferentes.”

2. Que tipo de colaboração deu à educadora cooperante na sala de atividades?

“Desde as semanas de observação que ajudava a educadora cooperante na realização das atividades práticas e no acompanhamento dos trabalhos dos alunos.”

3. Indique o número de intervenções que fez na sala de pré-escolar e a duração de cada uma delas.

“Cinco intervenções. Três intervenções de três dias e duas de uma semana.”

4. Organizou e/ou participou com as crianças em algumas atividades fora da sala de aula? Se sim, explicita.

“Sim, participei numa visita de estudo à fábrica de chá do Porto Formoso, mas foi uma atividade já planeada desde o início do ano, no Plano Anual de Atividades.”

5. Partilhava opiniões com as/os suas/seus colegas em relação à planificação/concretização de atividades?

“Sim, no dia em que apresentávamos as atividades que íamos fazer, já levava tudo direito, com as ideias interligadas e se havia algum colega que tivesse

dúvidas ou que precisasse de alguma sugestão, eu partilhava as minhas ideias e experiências. Também cooperava com a educadora, pois todas as atividades a realizar passavam pela mesma e, geralmente, eram sempre aceites.”

6. No âmbito do seu estágio, considera importante a parte afetiva das relações interpessoais? De que forma?

“Sim, quanto melhor for a nossa relação com a educadora cooperante, melhor será a interajuda e espírito de equipa.”

7. Considera que o processo de supervisão, em geral, foi orientado de forma a refletir e melhorar as práticas? Justifique.

“Sim, de certa forma contribuiu para falar sobre a nossa evolução e crescimento pessoal e profissional, pois refletíamos nos momentos bons para continuar e os menos bons para tirarmos partido deles e perceber porque não correu bem, como podíamos lidar com isso e para que pudéssemos melhorar nestes aspetos.”

8. Como encarou as apreciações feitas pelos supervisores/educadores cooperantes? Acha que essas apreciações eram feitas de forma construtiva?

“Sim, aceitava estas apreciações sempre como maneira de evoluir e melhorar a minha prática.”

9. Posteriormente, como trabalhava essas informações em seu proveito?

“Retirava partido das atividades e estratégias que funcionam bem e as que não tinham corrido bem, tentava ultrapassar realizando situações similares, para que pudesse ultrapassar estas dificuldades.”

10. Indique os aspetos/dimensões de que mais gostou durante a sua prática pedagógica no contato direto com as crianças.

“Gostei de vivenciar todas as dificuldades e ganhos em termos de evolução e crescimento dos alunos. Gostei de ver quando estes se mostravam empenhados e eram eles próprios a darem ideias do que podíamos fazer e falar, entre outras coisas.”

11. Considera que o estágio foi um elemento facilitador no seu processo de iniciação à vida ativa profissional? Porquê?

“Sim, sem dúvida. O estágio é o nosso primeiro contato com a escola, com os agentes educativos, com os alunos, com a responsabilidade de gerir o papel do que é ser educador, de planificar e pôr em ação as atividades. Contribui para a nossa formação pessoal, social e profissional.”

12. Quais os aspetos que considera que foram mais facilitadores e quais os constrangimentos mais sentidos durante o estágio?

“Os aspetos mais facilitadores foram os grupos de crianças que me calharam no estágio e as orientadoras cooperantes. Os constrangimentos foram a exploração de uma temática de que não estava tão preparado.”

13. Que mudanças desejaria ver preconizadas na forma como é realizada a supervisão, por parte da Instituição de Formação, no apoio aos estagiários?

“Acho que o apoio deveria ser um pouco mais individualizado e o supervisor deveria passar mais tempo a observar-nos ou, em último caso, deveria dar mais percentagem da decisão da nossa nota à educadora cooperante, que é a pessoa que está sempre presente e nos acompanha em todos os momentos.”

V. Papel do Supervisor/a da Universidade

1. Durante o estágio, considerou suficientes as visitas realizadas pelo supervisor/a da Universidade?

“Não, gostaria que ela tivesse feito mais visitas para ver o meu desempenho, principalmente aquando das apresentações das atividades.”

2. Em que consistiam essas visitas à sua sala de atividades?

“Consistiam em visitas curtas de meia hora, em que, na minha opinião, não dá para praticamente observar nada.”

3. Durante o estágio, teve seminários/reuniões na instituição de formação? Se sim, com que regularidade?

“Sim, todas as semanas tínhamos reunião de planificação e aulas para frequentar.”

4. Acha que esses seminários/reuniões foram importantes para a sua prática?

De que forma?

“Sim, a partilha e troca de saberes e experiências foram fundamentais durante o estágio, pois permitiu-nos diversificar nas nossas estratégias.”

5. Na sua opinião, que características deve ter o supervisor pedagógico?

“Deve ser uma pessoa responsável, crítica e justa nas suas avaliações e argumentos.”

VI. Papel do/a Educador/a Cooperante

1. Reuniu-se frequentemente com o/a seu/sua educador/a cooperante?

“Sim.”

2. Qual a periodicidade dessas reuniões?

“Todas as semanas.”

3. Quais os objetivos dessas reuniões?

“Planificávamos em conjunto para saber se as atividades que tínhamos programado estavam adequadas ao grupo de alunos e explicar o intuito das atividades e como iria funcionar.”

4. Considerou vantajosas essas reuniões? Porquê?

“Sim, porque sempre que uma atividade fosse complexa, a educadora dava sugestões de como poderíamos melhorar e dava ideias de como podíamos trabalhar os conteúdos.”

5. De que maneira a educadora cooperante a auxiliou durante o estágio?

“Ajudava-me na planificação, sempre que sentia alguma dúvida na execução das atividades com as crianças. No fundo, sempre que precisava, ela estava ali para me ajudar.”

6. Nos momentos de reflexão, como caracteriza os comentários feitos pela educadora cooperante?

“Todas as opiniões e comentários que fazia eram úteis, fossem eles positivos ou negativos.”

7. A educadora cooperante assistiu a todas as suas intervenções?

“Sim.”

8. A educadora cooperante intervinha no decorrer da prática?

“Às vezes, não no sentido de interromper, mas para auxiliar.”

9. Quem decidia os temas a explorar durante a sua prática pedagógica?

“A educadora já tinha os seus temas e nós tínhamos que desenvolver as atividades, tendo em conta esses mesmos temas.”

10. Qual o papel que o/a educador/a cooperante desempenhou no seu desenvolvimento pessoal e profissional?

“Ela orientou-me, ajudou-me a aprender a desempenhar as funções de educadora, a fazer escolhas mais pertinentes, a orientar o grupo. Fez-me tornar não só melhor profissional, como fez-me crescer a nível pessoal.”

11. Que tipo de relação manteve com o/a sua educador/a cooperante?

“Uma relação sólida de confiança. De espírito de equipa e interajuda, de amizade e respeito.”

12. Que tipo de relação acha que o/a educador/a cooperante deve estabelecer com o estagiário?

“Deve estabelecer uma relação aberta, de confiança para com o estagiário, para que este não tenha medo de expor as suas dificuldades e fragilidades.”

13. Na seleção dos educadores/as cooperantes, por parte da Universidade, que critérios devem estar na base dessa escolha? Que características devem possuir os/as educadores/as cooperantes?

“Pessoas que estejam dispostas a partilhar conhecimentos, sugestões e técnicas/metodologias que possamos utilizar nas mais diversas situações. Que estejam dispostas a orientar-nos e a dar-nos feedback da nossa prática.”

VII.Preparação Profissional da estagiária

1. Sente-se preparado/a para começar a exercer a profissão de educador/a de infância?

“Por um lado sim, mas por outro tenho algum receio, pois surgem sempre algumas limitações: será que vou conseguir? como irei adaptar as atividades para um aluno que tenha problemas cognitivos? por exemplo, entre outros aspetos.”

2. Quais os aspetos em que acha que vai ter mais dificuldade? Porquê?

“Em saber lidar com uma criança (ou mais), dentro da mesma sala, com NEE, em acompanhá-la, articulando esse acompanhamento com os outros alunos.”

3. Que fatores considera estarem na origem dessas dificuldades?

“A falta de preparação teórica e prática, que não nos foi facultada na formação inicial.”

4. Considera-se um/a profissional autónomo/a?

“Sim, realizo as atividades sem ajuda de ninguém. Planifico-as sempre indo ao encontro dos interesses dos alunos, para que, à partida, as atividades corram bem.”

5. Agora que já terminou o estágio, que características essenciais considera necessárias para exercer a sua profissão?

“As características essenciais serão: uma pessoa crítica e reflexiva, que seja capaz de reformular o ensino, sempre que seja necessário, articulando as nossas

ideias, enquanto educadores, com as ideias dos nossos alunos; uma pessoa companheira e amiga dos seus alunos, ajudando-os para que superem as suas dificuldades e aprendam coisas novas; uma pessoa que saiba trocar experiências e saberes com os colegas; que saiba manter um espírito de interajuda com os mesmos e, principalmente, que saiba ouvir todas as pessoas, sejam elas alunos, colegas ou funcionários.”

**ANEXO 12 - Entrevista realizada à/ao
Estagiária/o – C2**

I. Legitimação da Entrevista

A presente entrevista enquadra-se num estudo sobre o Estágio Supervisionado na Formação Inicial dos Educadores de Infância, realizado no âmbito do curso de Mestrado em Supervisão Pedagógica, ministrado pela Universidade Aberta.

Com esta entrevista pretende-se ficar a conhecer os moldes em que se processam as práticas pedagógicas referentes ao estágio de pré-escolar dos formandos e o papel dos educadores cooperantes neste processo de supervisão.

Os dados recolhidos serão anónimos, confidenciais e exclusivamente utilizados para o estudo em questão.

II. Dados Pessoais

DATA: 14 de Janeiro 2015

HORA: 15:30

DURAÇÃO: 22:03

ENTREVISTADO: C2

EDUCADORA: C

SEXO: Feminino

IDADE: 23

III. Informação geral sobre o Curso

- 1. Identifique o curso universitário em que se insere o estágio pedagógico que realizou no pré-escolar.**

“Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do Primeiro Ciclo do Ensino Básico.”

- 2. O que pensa sobre a forma como o curso está organizado?**

“Na minha opinião, o Curso, Mestrado, está bem organizado, conseguindo atender às nossas necessidades, enquanto futuros professores e educadores, nomeadamente, através das suas componentes teórica e prática.”

- 3. No âmbito deste curso, quantos estágios teve ao longo da sua formação?**

“Três. No terceiro ano tivemos um de observação e no quarto ano é o Estágio no pré-escolar e primeiro Ciclo, um semestre cada.”

4. Qual é a relevância de cada um na sua formação geral como futura educadora?

“Foram essenciais em termos da aquisição de conhecimentos e experiências práticas. Permitiram, no fundo, o contacto com as exigências do meio escolar.”

5. Achas que as áreas de intervenção e a duração temporal foram suficientes?

“Eu preferia ter tido mais.”

6. Quais os objetivos que a instituição de formação lhe propõe para o curso?

“A preparação teórica para lecionar, desde a aquisição de conhecimentos, das metodologias, os modelos pedagógicos a saber aplicar e a preparação para uma prática de qualidade.”

7. Considera que conseguiu atingir esses objetivos? Porquê?

“Sim. Acho que consegui adquirir conhecimentos académicos necessários para um bom desempenho profissional.”

8. Considera que a formação inicial que recebeu, para além da prática pedagógica, a/o preparou para os desafios a que foi sujeita/o durante o estágio?

“Sim, mas talvez não totalmente. É claro que a preparação inicial foi o pilar que me permitiu sentir preparada e confiante para os momentos da prática pedagógica, mas existem sempre falhas, algo que ficou por aprender.”

9. Quais as falhas sentidas durante o curso que poderiam contribuir para uma prática com mais qualidade?

“Bem... talvez o apoio aos alunos na aquisição de recursos didáticos, porque a maioria dos materiais utilizados são adquiridos por nossa conta, a reestruturação de algumas unidades curriculares da Licenciatura, o contato mais cedo com os ambientes escolares e educativos. Acho que esta nova dinâmica de licenciatura

veio perder um pouco em relação ao que era no passado, principalmente no que diz respeito à parte prática do curso.”

IV. Processo de formação – Estágio Pedagógico no Pré-Escolar

1. Na qualidade de estagiário/a cooperou na planificação das atividades a realizar? De que forma?

“Sim. A partir da elaboração de planos das aulas, das sequências didáticas e de avaliações ao meu desempenho e ao dos alunos, após cada intervenção.”

2. Que tipo de colaboração deu à educadora cooperante na sala de atividades?

“Durante cada intervenção, procurei ter em atenção as necessidades do grupo, a partir de conversas com a Educadora cooperante, o que me permitiu elaborar atividades que iam ao encontro das suas necessidades e, claro, tendo em conta também o trabalho da própria Educadora titular.”

3. Indique o número de intervenções que fez na sala de pré-escolar e a duração de cada uma delas.

“No total, cinco intervenções. Três intervenções de três dias e duas de uma semana, a que chamávamos de semana intensiva.”

4. Organizou e/ou participou com as crianças em algumas atividades fora da sala de aula? Se sim, explicita.

“Não.”

5. Partilhava opiniões com as/os suas/seus colegas em relação à planificação/concretização de atividades?

“Sim, no dia de planificação conjunta, geralmente após a última intervenção, na qual tínhamos oportunidade de partilhar ideias de trabalho e apresentar e discutir a próxima intervenção.”

6. No âmbito do seu estágio, considera importante a parte afetiva das relações interpessoais? De que forma?

“Sim, considero. As relações com os colegas, com os professores orientadores, com a cooperante e restantes elementos envolvidos, são um ponto importante, na medida em que permitem não só um bom ambiente e interajuda no decorrer do processo, como permitem uma reflexão sobre o nosso próprio desempenho, se recebermos críticas verdadeiras e construtivas, claro.”

7. Considera que o processo de supervisão, em geral, foi orientado de forma a refletir e melhorar as práticas? Justifique.

“No geral, sim., a supervisão efetuada levou a que se percebesse a minha evolução enquanto estagiária.”

8. Como encarou as apreciações feitas pelos supervisores/educadores cooperantes? Acha que essas apreciações eram feitas de forma construtiva?

“As apreciações foram encaradas de forma positiva, pois permitiram-me evoluir e enriquecer profissional e pessoalmente.”

9. Posteriormente, como trabalhava essas informações em seu proveito?

“Procurava analisá-las e contextualizá-las nas novas situações de trabalho, no sentido de manter ou alterar as dinâmicas pedagógicas.”

10. Indique os aspetos/dimensões de que mais gostou durante a sua prática pedagógica no contato direto com as crianças.

“A ligação afetiva com o grupo de crianças, a ligação com os encarregados de educação, a responsabilização pelo grupo durante as intervenções e a possibilidade de ter contribuído, de alguma forma, para o crescimento e aprendizagem de cada um.”

11. Considera que o estágio foi um elemento facilitador no seu processo de iniciação à vida ativa profissional? Porquê?

“Sim, sem dúvida. O estágio permitiu um contacto direto com a realidade escolar o que, por si só, possibilitou uma melhor compreensão das exigências da profissão e do próprio processo de ensino/ aprendizagem.”

12. Quais os aspetos que considera que foram mais facilitadores e quais os constrangimentos mais sentidos durante o estágio?

“Facilitadores, a boa relação estabelecida com todos, crianças e adultos. Constrangimentos, talvez a dificuldade, por vezes, de gerir os comportamentos do grupo de crianças.”

13. Que mudanças desejaria ver preconizadas na forma como é realizada a supervisão, por parte da Instituição de Formação, no apoio aos estagiários?

“Não sei, não tive razões de queixa na maneira como foi feita a supervisão.”

V. Papel do Supervisor/a da Universidade

1. Durante o estágio, considerou suficientes as visitas realizadas pelo supervisor/a da Universidade?

“Sim.”

2. Em que consistiam essas visitas à sua sala de atividades?

“Observação das práticas e breves conversações sobre as mesmas.”

3. Durante o estágio, teve seminários/reuniões na instituição de formação? Se sim, com que regularidade?

“Sim. Uma vez por semana. No entanto, sempre que necessário, o orientador da universidade mostrou-se disponível para reuniões complementares.”

4. Acha que esses seminários/reuniões foram importantes para a sua prática? De que forma?

“Sim. No geral sim. Permitiram trocar ideias, partilhar opiniões e discutir modos de trabalho em conjunto, o que ajudou na preparação da prática educativa.”

5. Na sua opinião, que características deve ter o supervisor pedagógico?

“Deve ser uma pessoa competente, com sentido de justiça e imparcial.”

VI. Papel do/a Educador/a Cooperante

1. Reuniu-se frequentemente com o/a seu/sua educador/a cooperante?

“Sim.”

2. Qual a periodicidade dessas reuniões?

“Uma vez por semana.”

3. Quais os objetivos dessas reuniões?

“Escrita de atas sobre o desempenho de cada intervenção e conversações sobre novas práticas educativas.”

4. Considerou vantajosas essas reuniões? Porquê?

“Sim, porque permitiram contextualizar os planos de aula às necessidades e realidades do grupo de crianças, junto de alguém experiente e conhecedor do próprio grupo.”

5. De que maneira a educadora cooperante a auxiliou durante o estágio?

“A educadora sempre partilhou a sua experiência connosco e, como conhecedora do grupo, ajudava-nos a adaptar melhor as atividades às necessidades do grupo, dando sugestões ou, por vezes, até orientando o próprio grupo, principalmente no início do estágio.”

6. Nos momentos de reflexão, como caracteriza os comentários feitos pela educadora cooperante?

“Eram comentários de incentivo, de ajudar a melhorar a prática.”

7. A educadora cooperante assistiu a todas as suas intervenções?

“ Sim.”

8. A educadora cooperante intervinha no decorrer da prática?

“Às vezes, mas nunca no sentido de desvalorizar aquilo que estava a fazer, mas de ajudar-me.”

9. Quem decidia os temas a explorar durante a sua prática pedagógica?

“A educadora.”

10. Qual o papel que o/a educador/a cooperante desempenhou no seu desenvolvimento pessoal e profissional?

“Teve um papel muito importante. No fundo, os educadores, quando bons profissionais, servem-nos como modelo a seguir.”

11. Que tipo de relação manteve com o/a sua educador/a cooperante?

“Uma relação profissional.”

12. Que tipo de relação acha que o/a educador/a cooperante deve estabelecer com o estagiário?

“Uma boa relação, na qual permita ao estagiário desenvolver as suas práticas. O cooperante deve dar liberdade ao estagiário, mas ao mesmo tempo, deverá ser capaz de alertá-lo, aconselhá-lo e fazê-lo repensar sobre as suas decisões, para bem do grupo de crianças.”

13. Na seleção dos educadores/as cooperantes, por parte da Universidade, que critérios devem estar na base dessa escolha? Que características devem possuir os/as educadores/as cooperantes?

“Devem ser competentes, ter espírito de abertura e imparciais.”

VII.Preparação Profissional da Estagiária

1. Sente-se preparado/a para começar a exercer a profissão de educador/a de infância?

“Sim.”

2. Quais os aspetos em que acha que vai ter mais dificuldade? Porquê?

“Não sei. É sempre diferente quando temos à nossa responsabilidade uma turma, as dificuldades vão surgindo.”

3. Que fatores considera estarem na origem dessas dificuldades?

“A prática e a teoria nem sempre nos preparam para tudo.”

4. Considera-se um/a profissional autónomo/a?

“Sim, acho que sim.”

5. Agora que já terminou o estágio, que características essenciais considera necessárias para exercer a sua profissão?

“Temos que ser profissionais dedicados, temos que ser autênticos, estar sempre a inovar, saber refletir sobre o nosso trabalho e, acima de tudo, gostar muito daquilo que fazemos.”

**ANEXO 13 - Entrevista realizada à/ao
Estagiária/o – D1**

I. Legitimação da Entrevista

A presente entrevista enquadra-se num estudo sobre o Estágio Supervisionado na Formação Inicial dos Educadores de Infância, realizado no âmbito do curso de Mestrado em Supervisão Pedagógica, ministrado pela Universidade Aberta.

Com esta entrevista pretende-se ficar a conhecer os moldes em que se processam as práticas pedagógicas referentes ao estágio de pré-escolar dos formandos e o papel dos educadores cooperantes neste processo de supervisão.

Os dados recolhidos serão anónimos, confidenciais e exclusivamente utilizados para o estudo em questão.

II. Dados Pessoais

DATA: 21 de Janeiro 2015

HORA: 14:00

DURAÇÃO: 20:42

ENTREVISTADO: D1

EDUCADORA: D

SEXO: Masculino

IDADE: 23

III. Informação geral sobre o Curso

- 1. Identifique o curso universitário em que se insere o estágio pedagógico que realizou no pré-escolar.**

“Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do Primeiro Ciclo do Ensino Básico.”

- 2. O que pensa sobre a forma como o curso está organizado?**

“Na minha opinião, o curso está bem organizado, tem disciplinas diversificadas e que são pertinentes e adequadas, tanto para a prática pedagógica de um educador, como de um professor.”

- 3. No âmbito deste curso, quantos estágios teve ao longo da sua formação?**

“No total são três estágios. Um curto estágio no 3º ano, já nem me recordo de quanto tempo foi, e este ano foram dois, um de Pré-Escolar e um no 1.º Ciclo, cada um com a duração de um semestre.”

4. Qual é a relevância de cada um na sua formação geral como futuro educador?

“É claro que ambos os estágios foram importantes porque dizem respeito à área em que nos estamos a formar.”

5. Achas que as áreas de intervenção e a duração temporal foram suficientes?

“As áreas de intervenção foram suficientes, agora a duração... é claro que preferia ter tido estágios durante o curso e não só no mestrado, não é?!”

6. Quais os objetivos que a instituição de formação lhe propõe para o curso?

“Isso é uma pergunta difícil... sair daqui com aptidões para desempenhar as funções de um educador ou professor, suponho.”

7. Considera que conseguiu atingir esses objetivos? Porquê?

“Sim, uma vez que todas as disciplinas foram realizadas com sucesso e o estágio não correu mal.”

8. Considera que a formação inicial que recebeu, para além da prática pedagógica, a/o preparou para os desafios a que foi sujeita/o durante o estágio?

“Bem,... acho que posso dizer que sim. Nas diversas disciplinas trabalhávamos e realizávamos atividades que poderiam ser colocadas depois em prática, mas é sempre essencial o trabalho constante de pesquisa individual.”

9. Quais as falhas sentidas durante o curso que poderiam contribuir para uma prática com mais qualidade?

“Como já disse, o facto do estágio pedagógico ser só no último ano de mestrado. Na minha opinião, os estágios deveriam ser realizados desde o 1º ano, para que os alunos já tivessem mais algumas bases para a realização do estágio final.”

IV. Processo de formação – Estágio Pedagógico no Pré-Escolar

- 1. Na qualidade de estagiário/a cooperou na planificação das atividades a realizar? De que forma?**

“Sim, sempre. Cooperava quando realizávamos as reuniões entre estagiário – cooperante, que conversávamos sobre as atividades que iríamos realizar e mesmo durante os momentos de observação na sala de aula.”

- 2. Que tipo de colaboração deu à educadora cooperante na sala de atividades?**

“Participava em diversas atividades, tanto naquelas que eram realizadas pela educadora, como pela estagiária que estava na sala comigo.”

- 3. Indique o número de intervenções que fez na sala de pré-escolar e a duração de cada uma delas.**

“Eu tive cinco intervenções. Duas em que foram semanas intensivas, isto é, de segunda a sexta e as outras três intervenções foram de segunda a quarta.”

- 4. Organizou e/ou participou com as crianças em algumas atividades fora da sala de aula? Se sim, explicita.**

“Sim, uma visita de estudo aos correios.”

- 5. Partilhava opiniões com as/os suas/seus colegas em relação à planificação/concretização de atividades?**

“Sim, com o meu par pedagógico que realizou estágio comigo e, muitas vezes, com o par pedagógico que já tinha realizado estágio na mesma escola.”

- 6. No âmbito do seu estágio, considera importante a parte afetiva das relações interpessoais? De que forma?**

“Sem dúvida, são a base para que haja um bom relacionamento entre estagiário e crianças, facilitando o processo de ensino e aprendizagem.”

7. Considera que o processo de supervisão, em geral, foi orientado de forma a refletir e melhorar as práticas? Justifique.

“Sim, penso que sim. Fui sempre orientado antes de cada intervenção, tanto pela cooperante, como pelo orientador de estágio. Eles observam as minhas intervenções e, como posteriormente faziam um balanço da minha prática, acaba por me ajudar a refletir sobre ela e tentava melhorá-la.”

8. Como encarou as apreciações feitas pelos supervisores/educadores cooperantes? Acha que essas apreciações eram feitas de forma construtiva?

“Sempre encarei as suas apreciações como algo construtivo e benéfico para a minha prática pedagógica, como forma de contribuírem para o meu crescimento enquanto estagiário.”

9. Posteriormente, como trabalhava essas informações em seu proveito?

“Tinha-as em conta nas intervenções futuras. Tentava mudar aquilo que estava menos bem.”

10. Indique os aspetos/dimensões de que mais gostou durante a sua prática pedagógica no contato direto com as crianças.

“Bem, o que mais gostei foi de poder planificar, tendo em conta as particularidades de cada criança. Ver quais eram as suas necessidades, os seus interesses e, a partir daí, pensar nas atividades. Gostava também da parte de preparar os materiais para as atividades, mas, sem dúvida, o principal é mesmo poder ter esse contato direto com as crianças, de estar com elas e participar nas suas brincadeiras.”

11. Considera que o estágio foi um elemento facilitador no seu processo de iniciação à vida ativa profissional? Porquê?

“Sim, visto que me permitiu colocar em prática todos os conhecimentos adquiridos ao longo do curso, dando-me oportunidade de experimentar diversas dinâmicas de trabalho e ao mesmo tempo receber o feedback e apreciação da cooperante e do orientador de estágio sobre a minha prática.”

12. Quais os aspetos que considera que foram mais facilitadores e quais os constrangimentos mais sentidos durante o estágio?

“Os aspetos mais facilitadores, sem dúvida, a relação estabelecida entre a estagiária que estava comigo, a cooperante e as crianças, isso torna todo o processo mais fácil. O mais difícil era mesmo a grande ansiedade e nervosismo antes das intervenções.”

13. Que mudanças desejaria ver preconizadas na forma como é realizada a supervisão, por parte da Instituição de Formação, no apoio aos estagiários?

“Hum.. esta agora... talvez nos pudessem fazer mais visitas para terem mesmo noção de como é a nossa prática.”

V. Papel do Supervisor/a da Universidade

1. Durante o estágio, considerou suficientes as visitas realizadas pelo supervisor/a da Universidade?

“Como disse, a minha orientadora visitou-me duas vezes apenas, mas acho que se os orientadores fossem mais vezes conseguiriam ter uma melhor noção da nossa evolução ao longo do estágio.”

2. Em que consistiam essas visitas à sua sala de atividades?

“Em observações, anotações acerca da minha prestação e conhecimento dos materiais e dinâmicas de trabalho utilizadas, bem como a minha relação e à vontade com o grupo.”

3. Durante o estágio, teve seminários/reuniões na instituição de formação? Se sim, com que regularidade?

“Todas as quartas feiras tínhamos aulas na universidade.”

4. Acha que esses seminários/reuniões foram importantes para a sua prática? De que forma?

“Sim, conversávamos sobre como estava a decorrer o estágio, das atividades que iríamos realizar, quais eram as dificuldades sentidas, de forma a arranjar

estratégias para trabalhar de forma diferente, partilhávamos opiniões com outros colegas que realizavam estágio noutras escolas.”

5. Na sua opinião, que características deve ter o supervisor pedagógico?

“Acho que deve ser um profissional responsável, calmo, flexível, bom ouvinte, aberto às ideias do estagiário.”

VI. Papel do/a Educador/a Cooperante

1. Reuniu-se frequentemente com o/a seu/sua educador/a cooperante?

“Sim.”

2. Qual a periodicidade dessas reuniões?

“Por norma, uma vez por semana.”

3. Quais os objetivos dessas reuniões?

“Fazíamos a planificação das intervenções, quer dizer, apresentávamos as atividades que iríamos realizar e conversávamos sobre as mesmas, fazíamos o balanço das que já tinham sido realizadas e a minha colega, que estava a fazer a observação, ficava responsável por realizar a ata do balanço da reunião.”

4. Considerou vantajosas essas reuniões? Porquê?

“Claro, permitiram-me refletir sobre a minha prática.”

5. De que maneira a educadora cooperante a auxiliou durante o estágio?

“Ajudava-me a adequar melhor as minhas atividades ao grupo e a orientar o grupo sempre que necessário.”

6. Nos momentos de reflexão, como caracteriza os comentários feitos pela educadora cooperante?

“Fazia comentários que ajudavam a melhorar a minha prática!”

7. A educadora cooperante assistiu a todas as suas intervenções?

“Sim.”

8. A educadora cooperante intervinha no decorrer da prática?

“Às vezes podia chamar a atenção do grupo, mas nada mais.”

9. Quem decidia os temas a explorar durante a sua prática pedagógica?

“A educadora decidia o tema e nós as atividades relacionadas depois com esse tema.”

10. Qual o papel que o/a educador/a cooperante desempenhou no seu desenvolvimento pessoal e profissional?

“Teve um papel importante em todo o processo, ajudou-me a que fosse bem-sucedido.”

11. Que tipo de relação manteve com o/a sua educador/a cooperante?

“Mantive uma boa relação com a cooperante. Durante o estágio, uma relação estritamente profissional e, depois do estágio, uma relação de amizade.”

12. Que tipo de relação acha que o/a educador/a cooperante deve estabelecer com o estagiário?

“Uma relação de entreajuda, sobretudo.”

13. Na seleção dos educadores/as cooperantes, por parte da Universidade, que critérios devem estar na base dessa escolha? Que características devem possuir os/as educadores/as cooperantes?

“Tal como os orientadores, devem ser responsáveis, calmos, flexíveis, bons ouvintes, abertos às ideias do estagiário.”

VII.Preparação Profissional da estagiária

1. Sente-se preparado/a para começar a exercer a profissão de educador/a de infância?

“Acho que sim.”

2. Quais os aspetos em que acha que vai ter mais dificuldade? Porquê?

“Talvez a nível das dinâmicas burocráticas necessárias e das avaliações.”

3. Que fatores considera estarem na origem dessas dificuldades?

“Falta de bases a este nível, claro!”

4. Considera-se um/a profissional autónomo/a?

“Acho que sim.”

5. Agora que já terminou o estágio, que características essenciais considera necessárias para exercer a sua profissão?

“Gosto pela profissão, responsabilidade, formação e pesquisa constantes, ser inovador, calmo e paciente.”

**ANEXO 14 - Entrevista realizada à/ao
Estagiária/o – D2**

I. Legitimação da Entrevista

A presente entrevista enquadra-se num estudo sobre o Estágio Supervisionado na Formação Inicial dos Educadores de Infância, realizado no âmbito do curso de Mestrado em Supervisão Pedagógica, ministrado pela Universidade Aberta.

Com esta entrevista pretende-se ficar a conhecer os moldes em que se processam as práticas pedagógicas referentes ao estágio de pré-escolar dos formandos e o papel dos educadores cooperantes neste processo de supervisão.

Os dados recolhidos serão anónimos, confidenciais e exclusivamente utilizados para o estudo em questão.

II. Dados Pessoais

DATA: 21 de Janeiro 2015 **HORA:** 14:30

DURAÇÃO: 15: 21

ENTREVISTADO: D2

EDUCADORA COOPERANTE: D

SEXO: Feminino **IDADE:** 23

III. Informação geral sobre o Curso

- 1. Identifique o curso universitário em que se insere o estágio pedagógico que realizou no pré-escolar.**

“Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do Primeiro Ciclo do Ensino Básico.”

- 2. O que pensa sobre a forma como o curso está organizado?**

“Acho que está bem organizado porque nos proporciona bastante tempo de prática.”

- 3. No âmbito deste curso, quantos estágios teve, ao longo da sua formação?**

“Três estágios. Um no 3º ano, durante uma semana, e este ano temos dois, o primeiro semestre no Pré-Escolar e o segundo semestre no 1.º Ciclo.”

4. Qual é a relevância de cada um na sua formação geral como futura educadora?

“Extramente importante, porque nos permitiu colocar na prática toda a teoria anteriormente aprendida.”

5. Achas que as áreas de intervenção e a duração temporal foram suficientes?

“Acho que sim.”

6. Quais os objetivos que a instituição de formação lhe propõe para o curso?

“Formar profissionais competentes.”

7. Considera que conseguiu atingir esses objetivos? Porquê?

“Sim.”

8. Considera que a formação inicial que recebeu, para além da prática pedagógica, a/o preparou para os desafios a que foi sujeita/o durante o estágio?

“Claro, sem a formação inicial, muito dificilmente conseguiria realizar os estágios.”

9. Quais as falhas sentidas durante o curso que poderiam contribuir para uma prática com mais qualidade?

“Mais aulas que não fossem tão teóricas, mas que se falasse mais sobre exemplos práticos daquilo que se vai encontrar depois em estágio.”

IV. Processo de formação – Estágio Pedagógico no Pré-Escolar

1. Na qualidade de estagiário/a cooperou na planificação das atividades a realizar? De que forma?

“Sim, todas as atividades eram planificadas por mim.”

2. Que tipo de colaboração deu à educadora cooperante na sala de atividades?

“Eu ajudava na rotina diária, na apresentação e auxílio nas atividades.”

- 3. Indique o número de intervenções que fez na sala de pré-escolar e a duração de cada uma delas.**

“Cinco intervenções. Cada semana contava como uma intervenção.”

- 4. Organizou e/ou participou com as crianças em algumas atividades fora da sala de aula? Se sim, explicita.**

“Não, a sala chegou a fazer uma visita de estudo aos correios mas eu não estive presente.

- 5. Partilhava opiniões com as/os suas/seus colegas em relação à planificação /concretização de atividades?**

“Sim, havia a partilha de ideias e sugestões.”

- 6. No âmbito do seu estágio, considera importante a parte afetiva das relações interpessoais? De que forma?**

“Sim, é fundamental existir uma boa relação entre as colegas de estágio, com a educadora cooperante e com as crianças, de forma a criar um bom ambiente.”

- 7. Considera que o processo de supervisão, em geral, foi orientado de forma a refletir e melhorar as práticas? Justifique.**

“Sim, é através de críticas construtivas que conseguimos crescer e evoluir.”

- 8. Como encarou as apreciações feitas pelos supervisores/educadores cooperantes? Acha que essas apreciações eram feitas de forma construtiva?**

“Sim, sim. Encarei bem. Estas foram muito importantes para a minha evolução.”

- 9. Posteriormente, como trabalhava essas informações em seu proveito?**

“Eu tentava melhorar logo na intervenção a seguir.”

- 10. Indique os aspetos/dimensões de que mais gostou durante a sua prática pedagógica no contato direto com as crianças.**

“O melhor de tudo é ver as crianças a crescer e a aprender aquilo que estamos a tentar ensinar.”

11. Considera que o estágio foi um elemento facilitador no seu processo de iniciação à vida ativa profissional? Porquê?

“Sim, porque dá-nos bagagem e prepara-nos para o futuro.”

12. Quais os aspetos que considera que foram mais facilitadores e quais os constrangimentos mais sentidos durante o estágio?

“O mais fácil foi mesmo estabelecer uma boa relação com as crianças e adultos. O difícil foi conseguir elaborar todos os documentos que tinham que ser entregues, as planificações, os relatórios, todas essas papeladas.”

13. Que mudanças desejaria ver preconizadas na forma como é realizada a supervisão, por parte da Instituição de Formação, no apoio aos estagiários?

“Não sei, não tenho razões de queixa, estavam sempre todos prontos a ajudar.”

IV. Papel do Supervisor/a da Universidade

1. Durante o estágio, considerou suficientes as visitas realizadas pelo supervisor/a da Universidade?

“Sim.”

2. Em que consistiam essas visitas à sua sala de atividades?

“As visitas tinham como objetivo observar e verificar de que forma o estagiário dava as suas aulas práticas.”

3. Durante o estágio, teve seminários/reuniões na instituição de formação? Se sim, com que regularidade?

“ Sim, todas as semanas.”

4. Acha que esses seminários/reuniões foram importantes para a sua prática? De que forma?

“Sim, porque permitiam esclarecer as nossas dúvidas e preparar as atividades que iríamos apresentar.”

5. Na sua opinião, que características deve ter o supervisor pedagógico?

“Acho que deve ser uma pessoa justa, crítica, verdadeira e amiga.”

V. Papel do/a Educador/a Cooperante

1. Reuniu-se frequentemente com o/a seu/sua educador/a cooperante?

“Sim.”

2. Qual a periodicidade dessas reuniões?

“Todos os dias, no final da prática.”

3. Quais os objetivos dessas reuniões?

“Refletíamos sobre a prática realizada naquele dia e conversávamos sobre as atividades que eu ia apresentar na prática seguinte e o que poderia ser melhorado.”

4. Considerou vantajosas essas reuniões? Porquê?

“Sim, porque no dia seguinte já tentávamos melhorar as nossas falhas.”

5. De que maneira a educadora cooperante a auxiliou durante o estágio?

“Dava sugestões, estava sempre disponível para ajudar, disponibilizava material e orientava, se necessário, o grupo.”

6. Nos momentos de reflexão, como caracteriza os comentários feitos pela educadora cooperante?

“Eram comentários relevantes, que me ajudavam a melhorar.”

7. A educadora cooperante assistiu a todas as suas intervenções?

“Sim.”

8. A educadora cooperante intervinha no decorrer da prática?

“Muito raramente. Por norma, ficava apenas a observar.”

9. Quem decidia os temas a explorar durante a sua prática pedagógica?

“A educadora já tinha um tema pré-definido e nós apresentávamos as atividades, tendo em atenção esse tema.”

10. Qual o papel que o/a educador/a cooperante desempenhou no seu desenvolvimento pessoal e profissional?

“Teve um papel importante porque partilhou conhecimentos e ideias relevantes para o futuro.”

11. Que tipo de relação manteve com o/a sua educador/a cooperante?

“Mantive uma relação de amizade.”

12. Que tipo de relação acha que o/a educador/a cooperante deve estabelecer com o estagiário?

“Uma relação saudável, de ajuda mútua, de amizade e compreensão.”

13. Na seleção dos educadores/as cooperantes, por parte da Universidade, que critérios devem estar na base dessa escolha? Que características devem possuir os/as educadores/as cooperantes?

“Sobretudo, têm que ser bons profissionais, justos, verdadeiros, simpáticos e críticos.”

VI. Preparação Profissional da estagiária

1. Sente-se preparado/a para começar a exercer a profissão de educador/a de infância?

“Sim.”

2. Quais os aspetos em que acha que vai ter mais dificuldade? Porquê?

“Não sei, acho que no dia-a-dia vamos aprendendo a ultrapassar os obstáculos e dificuldades.”

3. Que fatores considera estar na origem dessas dificuldades?

“Quando me deparar com elas é que vou saber.”

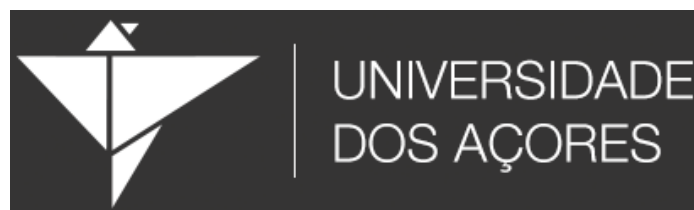
4. Considera-se um/a profissional autónomo/a?

“Sim.”

5. Agora que já terminou o estágio, que características essenciais considera necessárias para exercer a sua profissão?

“Acima de tudo, acho que é importantíssimo gostar de trabalhar com crianças.”

**ANEXO 15 - Programa da unidade curricular de
Estágio Pedagógico I**



DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

MESTRADO EM EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E ENSINO
DO 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO

1ª Edição

ESTÁGIO PEDAGÓGICO I

Docentes: Ana Isabel da Silva Santos (responsável científica)

Margarida da Silva Damião Serpa

Maria da Graça Borges Castanho

Raquel José de Jesus Vigário Dinis

1º Semestre, Ano Letivo 2015/16

Introdução:

A unidade curricular de Estágio Pedagógico I, inserida no 1º semestre do 2º ano do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, é o lugar, por excelência, que assegura a imersão dos alunos na prática educativa em contexto de educação de infância, constituindo-se enquanto espaço privilegiado para a progressiva construção da autonomia dos alunos na gestão do processo educativo e para a mobilização de conhecimentos e competências construídos ao longo do seu percurso formativo.

Com metodologias de ensino direcionadas para a intervenção pedagógica em contexto de educação pré-escolar e para a análise crítica e fundamentada do contexto educativo em causa e da ação pedagógica desenvolvida pelos estagiários, os objetivos da disciplina refletem o seu carácter prático, em estreita articulação com a mobilização de saberes, na concretização de uma prática pedagógica coerente, situada e devidamente fundamentada.

Para além dos momentos de imersão em contexto educativo, esta unidade curricular contempla outros dois momentos de acompanhamento e análise do trabalho em desenvolvimento. Assim, quer os momentos dedicados a seminário, quer aqueles que se destinam a orientação tutorial procurarão reforçar a componente reflexiva e crítica do trabalho desenvolvido, numa lógica, por um lado, de partilha de experiências e conhecimentos e, por outro lado, de levantamento de necessidades formativas específicas relacionadas com a prática pedagógica em contexto de educação de infância.

Objetivos:

Espera-se que os alunos sejam capazes de:

1. Assegurar momentos de lecionação mobilizando conhecimentos científicos das áreas de docência, das didáticas e da educação em geral em contextos de Educação Pré-escolar.
2. Tomar decisões relativas à prática educativa numa abordagem reflexiva e investigativa.
3. Planificar situações educativas alinhadas com o currículo formal e adequadas aos contextos.
4. Implementar práticas educativas com flexibilidade, gerindo situações (im)previstas, num ambiente pautado por princípios éticos e deontológicos e respeitador da diversidade entre crianças, com vista à consecução de aprendizagens relevantes
5. Desenvolver procedimentos de avaliação, promotores da regulação dos processos de aprendizagem e de balanço dos resultados.

6. Promover processos de trabalho colaborativo, com a comunidade escolar e com a comunidade educativa alargada.
7. Estruturar procedimentos de reflexão facilitadores da análise crítica da intervenção, argumentando lógicas de compreensão e de melhoria do ensino.

Conteúdos:

Tratando-se de uma Unidade Curricular (UC) de estágio, os conteúdos programáticos versam os processos inerentes ao desempenho dos estudantes em:

- (1) planificação do processo educativo em educação de infância (teoria curricular, documentos norteadores, prioridades educativas, componentes e articulação das opções educativas);
- (2) ação educativa em contexto (desenvolvimento do currículo em situações previamente planeadas ou ocasionais, operacionalização de metodologias, dinâmica da sala de atividades e construção das interações);
- (3) avaliação da ação desenvolvida (conceitos e procedimentos relativos à avaliação formativa e sumativa da aprendizagem e à capacidade de reflexão sobre a ação).

Metodologia e Avaliação:

O Estágio implica a imersão e intervenção em contexto educativo de pré-escolar, num total de 230 horas de contacto, de acordo com o “Regulamento dos Estágios Pedagógicos dos Mestrados em Ensino da Universidade dos Açores”.

As horas relativas à orientação tutorial (40 horas) servirão para apoiar os alunos na planificação de sequências didáticas, na construção e revisão de materiais pedagógicos e na reflexão e análise crítica do trabalho implementado.

O tempo de seminário (45 horas) é destinado, em grupo alargado, à análise dos contextos educativos do estágio, ao aprofundamento da integração das opções tomadas e à definição de propostas globais de trabalho a desenvolver.

Neste contexto, serão elementos de avaliação:

- 1) a conceção de um projeto individual de intervenção educativa;
- 2) o desempenho na lecionação supervisionada, na avaliação das opções tomadas e do impacto desta nas aprendizagens das crianças e na reconstrução da ação educativa futura;
- 3) a reflexão nos seminários.

O domínio da língua será continuamente avaliado.

Bibliografia:

- Cardona, M.J. & Guimarães, C.M. (Coord.) (2012). *Avaliação na Educação de Infância*. Viseu: Psicosoma.
- Castro, J.P. & Rodrigues, M. (2008). *Sentido de número e organização de dados: textos de apoio para educadores de infância*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Gasó, A. (2004). *La educación infantil. Métodos, técnicas y organización*. Barcelona: CEAC.
- Godinho, J.C. & Brito, M.J. (2010). *As artes no jardim de infância: textos de apoio para educadores de infância*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Lopes da Silva, M.I. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.
- Martins, M.I. (Coord.); Veiga, M.L.; Teixeira, F.; Tenreiro-Vieira, C.; Vieira, R.M.; Rodrigues, A.V.; Couceiro, F. & Pereira, S.J. (2009). *Despertar para a Ciência: atividades dos 3 aos 6*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Mata, L. (2008). *A descoberta da escrita: textos de apoio para educadores de infância*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Mendes, M.F. & Delgado, C.C. (2008). *Geometria: textos de apoio para educadores de infância*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação (1996). *Educação Pré-Escolar em Portugal*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.
- Ministério da Educação (1998). *Qualidade e Projecto na Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.
- Portugal, G. & Laevers, F. (2010). *Avaliação em Educação Pré-Escolar. Sistema de acompanhamento das crianças*. Porto: Porto Editora.
- Saracho, O.N & Spodek, B. (2003). Recent Trends and Innovations in the Early Childhood Education Curriculum. *Early Child Development and Care*, 173 (2-3), 175-183.
- Sim-Sim, I.; Silva, A.C. & Nunes, C. (2008). *Linguagem e comunicação no jardim-de-infância: textos de apoio para educadores de infância*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Vasconcelos, T. (Coord.); Rocha, C.; Loureiro, C.; Castro, J.; Menau, J.; Sousa, O.; Hortas, M.J.; Ramos, M.; Ferreira, N.; Melo, N.; Rodrigues, P.F.; Mil-Homens,

P.; Fernandes, S.R. & Alves, S. (2011). *Trabalhos por Projetos na Educação de Infância: Mapear Aprendizagens, Integrar Metodologias*. Lisboa: DGIDC/MEC.

- Zufiaurre, B. & Gabari, M.I. (2002). *Didáctica para Maestras*. Madrid. Editorial CC.

ANEXO I – CALENDARIZAÇÕES

CALENDARIZAÇÃO DAS HORAS DE ESTÁGIO DA UC ESTÁGIO PEDAGÓGICO I

Mês	Dias	Atividades	Intervenientes
Setembro	7, 8 e 9	- Apresentação e análise do programa; - Discussão sobre o funcionamento da UC; - Organização dos núcleos de estágio; - Análise, sistematização e discussão das orientações curriculares para a Educação Pré-Escolar.	Formandos Docentes da UC
	14, 15 e 16	- Observações dos formandos em contexto educativo, junto do grupo de crianças com o qual desenvolverão a sua prática pedagógica; - Análise do Projeto Educativo de Escola.	Formandos Orientador Cooperante
	21, 22 e 23	- Observações dos formandos em contexto educativo, junto do grupo de crianças com o qual desenvolverão a sua prática pedagógica.	Formandos Orientador Cooperante
	28, 29 e 30	- Prática educativa da responsabilidade do elemento A de cada núcleo (o elemento B observa); - Análise e reflexão sobre as opções e ações desenvolvidas na prática educativa.	Formandos Orientador Cooperante Docentes da UC
Outubro	5, 6 e 7	- Prática educativa da responsabilidade do elemento B de cada núcleo (o elemento A observa); - Análise e reflexão sobre as opções e ações desenvolvidas na prática educativa.	Formandos Orientador Cooperante Docentes da UC
	12, 13 e 14	- Prática educativa da responsabilidade do elemento A de cada núcleo (o elemento B observa); - Análise e reflexão sobre as opções e ações desenvolvidas na prática educativa.	Formandos Orientador Cooperante Docentes da UC
	19, 20 e 21	- Prática educativa da responsabilidade do elemento B de cada núcleo (o elemento A observa); - Análise e reflexão sobre as opções e ações desenvolvidas na prática educativa.	Formandos Orientador Cooperante Docentes da UC
	26 a 30	- Prática educativa da responsabilidade do elemento A de cada núcleo (o elemento B observa);	Formandos Orientador Cooperante Docentes da UC

		- Análise e reflexão sobre as opções e ações desenvolvidas na prática educativa.	
Novembro	2 a 6	- Prática educativa da responsabilidade do elemento B de cada núcleo (o elemento A observa); - Análise e reflexão sobre as opções e ações desenvolvidas na prática educativa.	Formandos Orientador Cooperante Docentes da UC
	9, 10 e 11	- Prática educativa da responsabilidade do elemento A de cada núcleo (o elemento B não estará presente); - Análise e reflexão sobre as opções e ações desenvolvidas na prática educativa.	Formandos Orientador Cooperante Docentes da UC
	16 a 20	- Prática educativa da responsabilidade do elemento A de cada núcleo (o elemento B observa); - Análise e reflexão sobre as opções e ações desenvolvidas na prática educativa.	Formandos Orientador Cooperante Docentes da UC
	23, 24 e 25	- Prática educativa da responsabilidade do elemento B de cada núcleo (o elemento A não estará presente); - Análise e reflexão sobre as opções e ações desenvolvidas na prática educativa.	Formandos Orientador Cooperante Docentes da UC
Dezembro	30 a 4	- Prática educativa da responsabilidade do elemento B de cada núcleo (o elemento A observa); - Análise e reflexão sobre as opções e ações desenvolvidas na prática educativa.	Formandos Orientador Cooperante Docentes da UC
	7 e 9	- Prática educativa da responsabilidade conjunta do núcleo (A e B); - Análise e reflexão sobre as opções e ações desenvolvidas na prática educativa.	Formandos Orientador Cooperante Docentes da UC
	14, 15 e 16	- Prática educativa da responsabilidade conjunta do núcleo (A e B); - Análise e reflexão sobre as opções e ações desenvolvidas na prática educativa.	Formandos Orientador Cooperante Docentes da UC

CALENDARIZAÇÃO DAS HORAS DE ORIENTAÇÃO TUTORIAL DA UC ESTÁGIO PEDAGÓGICO I

Mês	Dia	Atividade	Intervenientes
Setembro	9	Análise e discussão de aspetos relativos à recolha de informação relevante para a caracterização do contexto educativo e do levantamento de necessidades que será levado a cabo nas seguintes semanas de observação.	Formandos Docentes da UC

	16	Planificação do processo educativo: espaço de decisões pré-ativas; Análise e discussão em grupo alargado de aspetos inerentes às ações educativas desenvolvidas.	Formandos Docentes da UC
	23	Planificação do processo educativo: espaço de decisões pré-ativas; Análise e discussão em grupo alargado de aspetos inerentes às ações educativas desenvolvidas.	Formandos Docentes da UC
	30	Planificação do processo educativo: espaço de decisões pré-ativas; Análise e discussão em grupo alargado de aspetos inerentes às ações educativas desenvolvidas.	Formandos Docentes da UC
Outubro	7	Planificação do processo educativo: espaço de decisões pré-ativas; Análise e discussão em grupo alargado de aspetos inerentes às ações educativas desenvolvidas.	Formandos Docentes da UC
	14	Planificação do processo educativo: espaço de decisões pré-ativas; Análise e discussão em grupo alargado de aspetos inerentes às ações educativas desenvolvidas.	Formandos Docentes da UC
	21	Planificação do processo educativo: espaço de decisões pré-ativas; Análise e discussão em grupo alargado de aspetos inerentes às ações educativas desenvolvidas.	Formandos Docentes da UC
	28	Planificação do processo educativo: espaço de decisões pré-ativas; Análise e discussão em grupo alargado de aspetos inerentes às ações educativas desenvolvidas.	Formandos Docentes da UC
Novembro	4	Planificação do processo educativo: espaço de decisões pré-ativas; Análise e discussão em grupo alargado de aspetos inerentes às ações educativas desenvolvidas.	Formandos Docentes da UC
	11	Planificação do processo educativo: espaço de decisões pré-ativas; Análise e discussão em grupo alargado de aspetos inerentes às ações educativas desenvolvidas.	Formandos Docentes da UC
	18	Planificação do processo educativo: espaço de decisões pré-ativas; Análise e discussão em grupo alargado de aspetos inerentes às ações educativas desenvolvidas.	Formandos Docentes da UC
	25	Planificação do processo educativo: espaço de decisões pré-ativas; Análise e discussão em grupo alargado de aspetos inerentes às ações educativas	Formandos Docentes da UC

		desenvolvidas.	
Dezembro	2	Planificação do processo educativo: espaço de decisões pré-ativas; Análise e discussão em grupo alargado de aspetos inerentes às ações educativas desenvolvidas.	Formandos Docentes da UC
	9	Planificação do processo educativo: espaço de decisões pré-ativas; Análise e discussão em grupo alargado de aspetos inerentes às ações educativas desenvolvidas.	Formandos Docentes da UC
	16	Planificação do processo educativo: espaço de decisões pré-ativas; Análise e discussão em grupo alargado de aspetos inerentes às ações educativas desenvolvidas.	Formandos Docentes da UC

**CALENDARIZAÇÃO DAS HORAS DE SEMINÁRIO DA UC ESTÁGIO
PEDAGÓGICO I**

Mês	Dia	Atividade	Intervenientes
Setembro	10	Clarificação do funcionamento das horas de Seminário, no âmbito da UC de Estágio Pedagógico I. Discussão de procedimentos de recolha de dados para análise das práticas de ensino.	Formandos Docente de Seminário
	17	Continuação da discussão de procedimentos de recolha de dados para análise das práticas de ensino.	Formandos Docente de Seminário
	24	Discussão de procedimentos de tratamento de dados como forma de sistematização da reflexão sobre as práticas de ensino e de produção de investigação na área da educação.	Formandos Docente de Seminário
Outubro	1	Observação de aulas: âmbito, funções, formas de registo e sua relação com as práticas já havidas.	Formandos Docente de Seminário
	8	O <i>feedback</i> como instrumentos de promoção das aprendizagens de estagiários e crianças e sua análise nas práticas já desenvolvidas.	Formandos Docente de Seminário
	15	Apresentação e discussão de situações educativas tanto ao nível da planificação como da lecionação dos estagiários, ponderando literatura na área, emoções, crenças, experiências, fatores que afetam a eficiência e eficácia de determinadas práticas e suas potencialidades de investigação.	Formandos Docente de Seminário
	22	Apresentação e discussão de situações educativas tanto ao nível da planificação como da lecionação dos estagiários, ponderando literatura na área, emoções, crenças, experiências, fatores que afetam a eficiência e eficácia de determinadas práticas e suas potencialidades de investigação.	Formandos Docente de Seminário

	29	Apresentação e discussão de situações educativas tanto ao nível da planificação como da lecionação dos estagiários, ponderando literatura na área, emoções, crenças, experiências, fatores que afetam a eficiência e eficácia de determinadas práticas e suas potencialidades de investigação.	Formandos Docente de Seminário
Novembro	5	Apresentação e discussão de situações educativas tanto ao nível da planificação como da lecionação dos estagiários, ponderando literatura na área, emoções, crenças, experiências, fatores que afetam a eficiência e eficácia de determinadas práticas e suas potencialidades de investigação.	Formandos Docente de Seminário
	12	Apresentação e discussão de situações educativas tanto ao nível da planificação como da lecionação dos estagiários, ponderando literatura na área, emoções, crenças, experiências, fatores que afetam a eficiência e eficácia de determinadas práticas e suas potencialidades de investigação.	Formandos Docente de Seminário
	19	Apresentação e discussão de situações educativas tanto ao nível da planificação como da lecionação dos estagiários, ponderando literatura na área, emoções, crenças, experiências, fatores que afetam a eficiência e eficácia de determinadas práticas e suas potencialidades de investigação.	Formandos Docente de Seminário
	26	Apresentação e discussão de situações educativas tanto ao nível da planificação como da lecionação dos estagiários, ponderando literatura na área, emoções, crenças, experiências, fatores que afetam a eficiência e eficácia de determinadas práticas e suas potencialidades de investigação.	Formandos Docente de Seminário
Dezembro	3	Apresentação e discussão de situações educativas tanto ao nível da planificação como da lecionação dos estagiários, ponderando literatura na área, emoções, crenças, experiências, fatores que afetam a eficiência e eficácia de determinadas práticas e suas potencialidades de investigação.	Formandos Docente de Seminário
	10	Apresentação e discussão de situações educativas tanto ao nível da planificação como da lecionação dos estagiários, ponderando literatura na área, emoções, crenças, experiências, fatores que afetam a eficiência e eficácia de determinadas práticas e suas potencialidades de investigação.	Formandos Docente de Seminário
	17	Balanco das atividades desenvolvidas, considerando os processos havidos e os produtos alcançados, bem como a natureza e qualidade das diferentes avaliações efetuadas.	Formandos Docente de Seminário

ANEXO 16 - Ficha de Avaliação da Lecionação

ANEXO 17 - Ficha de Avaliação da reflexão

ANEXO 18 - Ficha de Avaliação da Planificação